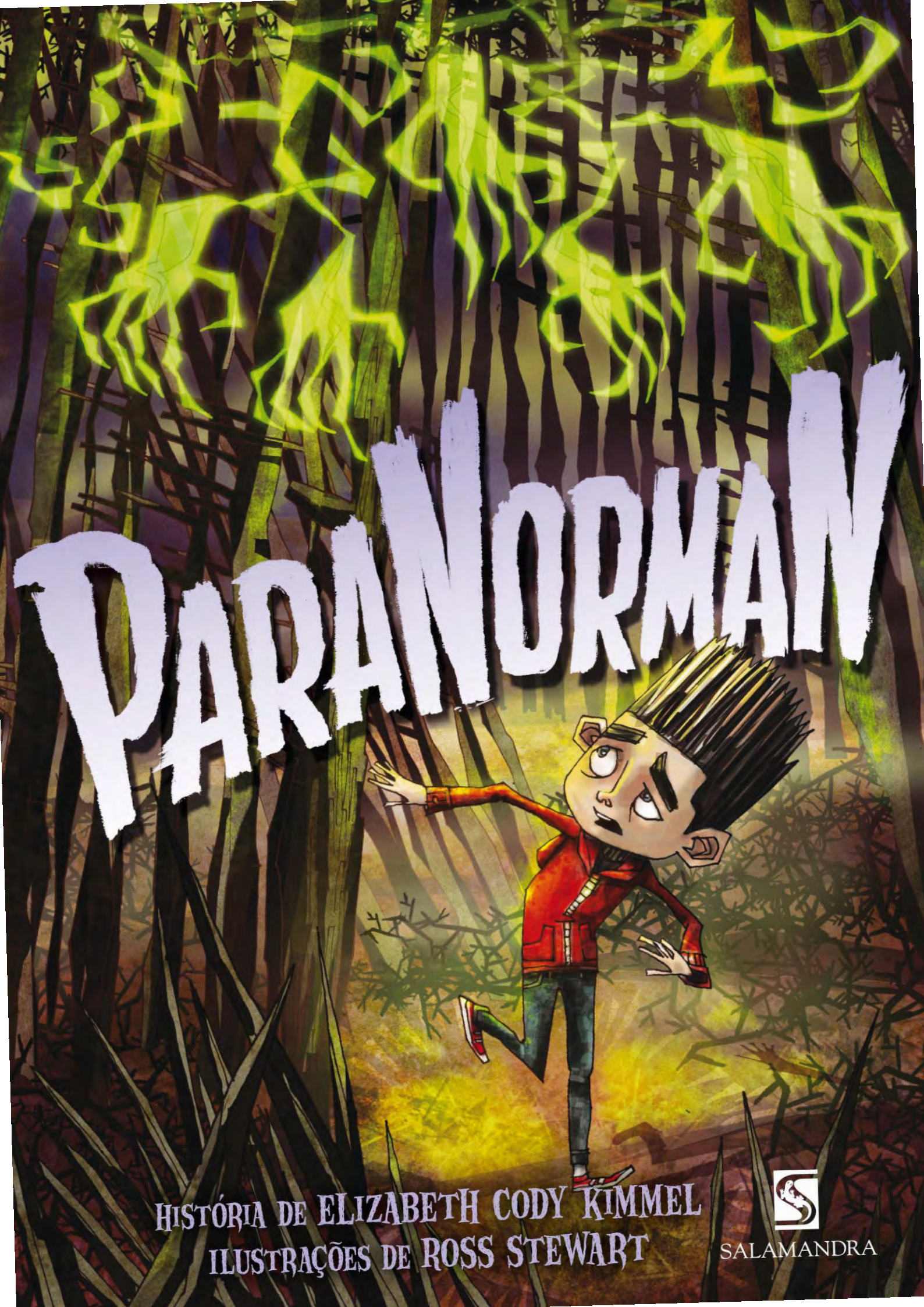
ParaNorman



História de Elizabeth Cody Kimmel
Ilustrações de Ross Stewart

Salamandra

PARANORMAN

HISTÓRIA DE ELIZABETH CODY KIMMEL
ILUSTRAÇÕES DE ROSS STEWART

Então a Bruxa/Feiticeira de B. Hollow jogou
uma terrivel maldição sobre o juiz e o juri.

Prólogo

"Recai sobre você a acusação de participar das detestáveis artes de bruxaria e feitiçaria. Você executou, criminosa e maliciosamente, trabalhos malignos contra seus companheiros cidadãos, testemunhados por estes bons cidadãos, que se reuniram aqui para prestar depoimento. Você tem alguma declaração para a corte neste momento? Está preparada para admitir seus atos malignos e se arrepender?

Pois então, pessoas de bem de Blithe Hollow. Pelo vosso testemunho, ela não irá confessar nem se arrepender. Mantenham seus corações certos de que ela se negou a aproveitar esta oportunidade final de queimar o pecado de sua alma pela confissão. Vocês a consideraram, por meio deste júri de sete semelhantes, que receberam esse poder de nosso soberano, Rei James, culpada de todos os graves crimes de que é acusada. A punição é a morte... Não, bruxa, é tarde demais para você falar. Silêncio, bruxa! Prezados jurados e cidadãos, não temam. Não há nenhuma maldição. Não há nenhuma *maldição!"*

– Vamos ver. De acordo com isso, você é um sapo comum.
Gênero, em latim, *Bufo bufo*

Capítulo 1

No dia em que Norman Babock nasceu, coisas estranhas aconteceram. Norman ouviu algumas histórias do dia de seu nascimento de sua própria mãe: como as luzes na ala da maternidade explodiram no exato momento que o médico anunciou, "É um menino!"; como os cachorros do outro lado da cidade começaram a uivar num estranho coro na mesma hora; e como dois caras saindo do turno no Witchy Weiner viram um arco-íris no céu, o que poderia não ser estranho mas acaba ficando quando você acrescenta os detalhes: era uma hora da manhã e o arco-íris tinha a forma de um ponto de interrogação gigante... Bem, foi isso que disseram (mas também pode ter sido só indigestão).

Então, quando um sapo flutuando num líquido fedido para que ficasse perfeitamente preservado começou a acenar para Norman bem ali no meio da aula de biologia do sr. Feynman, no sétimo ano, Norman não ficou muito surpreso. Ele não ficou nem um pouco surpreso. Sua habilidade de se comunicar com os mortos não funcionava apenas com humanos. Fantasmas animais também tinham muito o que falar, do jeito deles.

Norman acenou de volta para o sapo, que pareceu ter ficado satisfeito por ter sido notado. Quase dando um sorriso, o anfíbio olhou para alguém no fundo da sala. Sua face empalideceu, tanto quanto era possível para um sapo morto.

Norman sabia quem se sentava no fundo da classe, perto do terrário das aranhas, da velha gaiola do hamster (abandonada desde o repentino desaparecimento do bichinho na última terça-feira) e do porquinho cor-de-rosa de plástico, que tinha sido cortado ao meio para mostrar uma curiosa vista do sistema digestor dos suínos.

— É, é o Alvin — Norman disse ao sapo. — Ele gosta de quebrar coisas. Pense nele como um garoto Cro-Magnon. Sem ofender os homens das cavernas.

O sapo piscou seus olhos esbugalhados e não expressou nada, como se aceitasse totalmente essa descrição.

— Triste, mas é verdade — disse Norman, passando uma mão pelo tufo de cabelo castanho que ficou espetado na sua cabeça como se quisesse tentar escapar.

O sapo coaxou baixinho, como se sussurrasse um segredo, então Norman inclinou-se, chegando bem perto, seu nariz quase pressionando o vidro.

O sapo esbugalhou os olhos, olhando para Norman, e então olhou para si mesmo. Daí, esticou a língua, apontando para a porta da sala de aula.

— Você quer ir para outra sala? — perguntou Norman.

O sapo balançou a cabeça.

Então, um ataque de riso veio do fundo da sala.

— De jeito nenhum! — disse uma voz que parecia o começo de uma trilha sonora ruim num filme ainda pior que se chamaria *Os valentões de Blithe Hollow*. — Gente, dá uma olhada! O Norman está *falando* com o sapo dele! Alvin diz que isso não é normal!

Norman suspirou, se preparando para um clássico ataque de Alvin. O sr. Feynman tinha fama de desaparecer no banheiro da escola com seu jornal quando seus alunos tinham que estar gravando "observações científicas". Então, Norman sabia que não teria a ajuda dele.

— O que essa rã está te falando, Norman? — cantarolou Alvin. — Ela quer ser sua melhor amiga para sempre?

O sapo suspirou, também, e lançou um olhar irritado para Norman, apontando uma etiqueta amarelada pela idade e parcialmente descolada de seu jarro.

— Você não é uma rã. Você é um sapo — disse Norman. — É, você deve estar cansado de ouvir as pessoas cometendo esse erro. Vamos ver. De acordo com isso, você é um sapo comum. Gênero, em latim, *Bufo bufo*.

A pequena criatura balançou a cabeça com evidente orgulho.

Alvin explodiu em uma de suas típicas risadas de hiena, e daquela vez Norman secretamente teve certeza que ele tinha feito pelo menos um pinguinho nas calças.

— Caras, vocês ouviram isso? O Norman deu o nome de Bufo Bufo para o novo amigo dele! Eu acho que... Foi o Norman que finalmente ficou Bufo Bufo! Chamem os caras da camisa de força!

— *Bufo bufo*, o sapo comum, é da família dos sapos verdadeiros, Bufonidae — afirmou uma voz alta e afetada vinda de trás de Norman.

A expressão do sapo ficou radiante e ele tentou flutuar um pouco para a direita para poder ver quem tinha acabado de falar.

— Esta é a Salma — disse Norman, apoiando o queixo nas mãos, esperando que alguma coisa atingisse Alvin, um raio ou um bando de macacos voadores loucos, qualquer coisa que pudesse silenciá-lo de uma vez. — Ela sabe tudo.

— Marrom ou verde, o sapo não tem dentes e às vezes tem verrugas — continuou Salma.

O sapo pareceu ficar um pouco envergonhado com isso e passou uma pata espalmada pela cabeça, como se procurasse por novas verrugas.

— Tem alguma coisa errada com o seu *Bufo bufo*? — Salma perguntou a Norman.

— Eu não sei — respondeu Norman. — Quer dizer, ele já está morto num vidro... O que mais pode acontecer com ele?

O sapo apoiou os dois pés palmados como se quisesse levantar a tampa do vidro.

— Você quer sair do jarro — disse Norman, e o sapo confirmou.

— Mas você está, hum... Morto e tal — explicou Norman, da forma mais bondosa que conseguiu.

O sapo enrolou os pés embaixo do queixo e fechou os olhos.

— Ah! Agora eu entendi — disse Norman.

E ele entendeu mesmo. Perfeitamente.

— O quê? — perguntou Salma.

— Ele quer ter uma cova adequada — disse Norman.

O sapo abriu os olhos e coaxou entusiasticamente.

— Eu entendi — disse Norman. — Você quer descansar em paz.

Norman sentiu alguma coisa cutucar seu braço. Ele olhou na direção do dedo gordo preso ao braço corpulento preso ao corpo redondo de Neil Downe.

— Norman, vamos, cara — sussurrou Neil. — Não é pra tanto. Para de falar com seu projeto de biologia. Você está dando toneladas de munição para o Alvin. Ele vai te atazanar por dias!

Essa foi boa: Neil Downe dizendo para alguém não fazer alguma coisa. Neil era o garoto mais gordo da escola, o cabelo dele era vermelho e crespo, e a voz dele era desafinada e fina. Ele também carregava uma lancheira com desenho de gatinho. E isso é só o começo. Neil sempre era amigável com Norman, mas ele simplesmente não entendia que Norman não queria amigos.

— Tudo bem — disse Norman, virando-se em seu assento e reposicionando o sapo para que Neil não o visse. — Preciso de um ou dois minutos para pensar num plano — disse ele ao sapo.

— Oh, espere... O Norman só brinca com coisas mortas! — lá veio a voz fina de Alvin. — Ele deve estar falando com um sapo fantasma. Rá! É isso! Norman fala

com sapos fantasmas!

Alvin caiu na risada depois da última frase. Ele estava fungando, fazendo aquele barulho nojento que ele fazia quando ria, dando a impressão que sua boca está cheia de alguma coisa, como se ele tivesse se esquecido de engolir. Logo ele vai começar a babar.

— Você se importa? — Salma disse rispidamente para Alvin. — Alguns de nós estão tentando criar um diagrama de Venn para nossos organismos por classificação taxidérmica.

— Dã! — gritou Alvin. — O origami da Salma é *clássico*!

O sapo fez uma careta. Norman olhou para a cabeça verruguenta dele e teve uma ideia. Ele se virou e encarou Alvin.

— Essa coisa no seu polegar é uma verruga e nunca vai sair, não importa o que você fizer — afirmou Norman.

Alvin escancarou a boca numa gargalhada. Ele esticou o polegar na frente do rosto e olhou com atenção, suas sobrancelhas curvas devido a concentração. Ele parecia um gorila da montanha tentando descobrir o que era um Game Boy... Mas não tão inteligente.

Norman suspirou aliviado, contente por ter distraído Alvin, e virou-se para o jarro novamente. O fantasma do sapo flutuava um pouco acima do corpo, que balançava para cima e para baixo no líquido fedido. Norman enxergou uma imagem apagada de sua própria face refletida no vidro, seus profundos olhos azuis pareciam estar estranhamente fora de sua cabeça.

Neil Downe estava certo sobre uma coisa. Norman tinha dado muita munição para Alvin fazer gozação por ele ter falado com um sapo morto durante a aula de biologia. Roubar o sapo provavelmente só pioraria, e muito, as coisas. Nos próximos dois dias, talvez até mesmo pelas próximas semanas, a aula de educação física e a hora do lanche seriam brutais.

Mas foi exatamente isso que Norman fez. Ele via e ouvia fantasmas desde sempre e estava finalmente começando a se comunicar com eles há um ano, mais ou menos quando sua avó tinha morrido. O sapo morto não era o único espírito que precisava de um favor de Norman. Blithe Hollow estava completamente lotada de fantasmas de pessoas e de animais competindo pela atenção de Norman. Ele falava com todos eles, onde quer que eles o encontrassem: voltando para casa da escola, no parquinho, no Witchy Weiner. Se isso fazia dele o esquisitão isolado, não importava. Norman nunca quis mesmo ser o mais popular da turma. Até onde

podia perceber, a maioria dos vivos era imensamente superestimado.

— Tá bom — disse Norman ao sapo. — Acho que tenho um plano para tirar você daqui.

Enquanto o sapo nadava em círculos, comemorando, o sr. Feynman voltou para a sala. Mais ou menos ao mesmo tempo, o hamster desaparecido disparou de trás do *display* empoeirado onde se lia "A alegria dos invertebrados" e começou a correr de um lado para o outro da sala.

— É um rato! — gritou alguém.

— E tem raiva! — berrou Neil Downe.

E foi mais ou menos na hora que Alvin começou a gritar como uma garotinha que Salma colocou as mãos nos ouvidos e o alarme de incêndio disparou.

No meio da confusão, ninguém notou Norman colocando os livros dentro da mochila, acomodando o jarro com o sapo embaixo do braço e saindo da sala de aula. Ele poderia receber uma advertência do monitor do corredor ou, se escapasse, receber uma do monitor da lanchonete, mas Norman não se importava. Ele escapou pela porta lateral perto do parquinho e se dirigiu ao enlameado além dos balanços. Ele se preocuparia com Alvin e advertências mais tarde.

Agora, tinha que cuidar de um descanso eterno.

– Tem um livro da biblioteca no meu escritório, e eu não vou conseguir repousar em meu descanso eterno enquanto alguém não devolvê-lo.

Capítulo 2

O enterro da vovó Babcock foi perturbador por vários motivos.

Primeiro, obviamente, pelo fato de que *era* um funeral. Vovó Babcock era super velha e tinha morrido muito pacificamente sentada no sofá assistindo a *Um dia na vida de um* médico, que era seu programa favorito. Mas Norman sentia falta da vovó e, a julgar pelos olhos borrados pela maquiagem e pela falta de comentários rudes, sua irmã, Courtney, também sentia. Os pais de Norman tinham pedido umas vinte vezes para que ele não fizesse nada "anormal" durante o funeral. Seu pai também estava bem tenso sobre um velho tio louco que podia aparecer e fazer uma cena. Se tinha uma coisa que Perry Babcock odiava no mundo era atrair o tipo de atenção errada para sua família. Isso, infelizmente, acontecia muito com Norman por perto.

Norman não pretendia fazer nada além de ficar sentado perto da mesa de comidinhas e evitar as pessoas. Courtney ficava o tempo todo indo ao banheiro feminino e saindo de lá com sua maquiagem ainda mais borrada, então Norman decidiu deixá-la em paz também. Enfim, ele preferia ficar curtindo as memórias de sua avó do que responder a mesma pergunta para trinta pessoas diferentes. Não que ele não a veria novamente. Norman via fantasmas desde quando podia se lembrar e era capaz de a vovó Babcock aparecer mais cedo ou mais tarde. Mas ninguém mais seria capaz de vê-la e isso iria, fatalmente, causar complicações. Os mortos sempre causavam.

Quando você consegue ver pessoas mortas, você se torna instantaneamente muito popular, mas só entre os mortos. Então Norman não estava nem há dez minutos naquele velório e já tinha um grupo de fantasmas ao redor dele.

— Escute, é uma mensagem de apenas uma frase: "A maionese na geladeira estragou". Você pode dizer isso a ela?

A imagem transparente e brilhante de um cara com rosto de menino, usando um colete listado e grossos óculos, flutuava ansiosamente na frente dele. Pequenas esferas luminosas pairavam gentilmente ao redor de sua cabeça. Norman não respondeu, então o cara repetiu a pergunta mais alto.

— Bem, posso tentar — disse Norman, tentando disfarçar que estava falando.

Ele nunca tinha respondido para um fantasma antes, pelo menos não na frente de alguém.

— Espere, minha mensagem também tem só uma frase! — disse uma grande mulher de cabelo azul, segurando uma bolsa enorme. — É isso: "Os gatos não gostam de tomar banho". Você pode dizer isso a ele? "Os gatos não gostam de tomar banho." Felix Porter, Elm Street, 27, telefone 990-6888.

— Oh, eu também posso passar um número de telefone — disse o garotão.

— Escutem aqui, dá para vocês se acalmarem? — disse um bombeiro transparente flutuando a alguns centímetros do chão, com um enxame de esferas luminosas ao redor de sua cabeça, pairando como bolhas. — Eu tenho algo realmente importante para comunicar aqui. É sobre incêndios domésticos.

Norman olhou ao redor, nervoso. Porque ninguém mais conseguia ver ou ouvir os fantasmas, Norman ia parecer estar sentado perto da mesa falando sozinho. Tudo bem até aí, mas só até aí. Se seu pai percebesse, ele ficaria realmente aborrecido. O sr. Babcock odiava quando Norman não agia como uma pessoa normal. E ele era quase normal. *Para*normal era mais adequado.

— Maionese estragada, sem banho para os gatos, entendi — murmurou ele, segurando um copo de suco de laranja na frente do rosto para disfarçar o movimento dos lábios.

— Bem, minha mensagem é um pouco mais complicada — disse o bombeiro. — Você provavelmente precisará tomar notas. Tem uma caneta?

— Deixe eu falar primeiro, então — disse o fantasma mais alto, magro e careca que Norman tinha visto. — Tem um livro da biblioteca no meu escritório e eu não vou conseguir repousar em meu descanso eterno enquanto alguém não devolvê-lo.

Norman estava se esticando para pegar um biscoito e ganhar tempo, quando notou que alguma coisa estava acontecendo na porta da frente. Um cara muito estranho estava tentando entrar e um dos caras de terno preto do velório estava tentando impedir. O homem que tentava entrar era grande e velho, com o rosto coberto por uma espessa barba. Ele estava usando calças que estavam poídas nas costuras e um velho colete verde com vários rasgos.

— Desculpe, senhor, mas pedimos aos visitantes que mantenham uma certa... elegância — dizia o funcionário do velório.

O cara estranho viu que Norman o encarava.

— Olhe, tudo bem... Tudo o que eu quero é falar com *ele* por um minuto —

disse o homem, apontando diretamente para Norman.

— Entre na fila, cara! — gritou a mulher de cabelos azuis. — Escute, garoto, você não tem um celular ou coisa assim? É só uma porcaria de ligação!

— Você! Tenho que falar com você! — gritou o homem na porta da frente.

Ele parecia um louco. Não estava usando sapatos, só um saco velho enrolado em cada pé. Quem era esse cara, um fugitivo do hospício? Nervoso, Norman olhou ao redor da sala para ver se as pessoas tinham percebido que o cara assustador estava falando com *ele*.

A sala já estava quase cheia porque era uma cidade pequena e todo mundo conhecia a vovó Babcock. Até Alvin estava lá, sendo estritamente vigiado pela sua avó assustadoramente magra. Norman fingiu não ver Alvin. Mas Alvin certamente o viu. E, como era de se esperar, metade da cidade parou de fazer o que estava fazendo para olhar em volta e ver quem é que estava gritando na porta da frente. E quando viram o cara louco apontando para Norman, todos se viraram e olharam para Norman também!

— Não, *eu* preciso falar com ele! — gritou o garotão, suas esferas luminosas dançando ao redor dele como se estivesse bravas também. — O senhor dê o fora!

— Norman — o homem louco começou a falar.

Espere! Como esse homem sabia o nome dele?

— Você tem um celular? — perguntou a mulher de cabelos azuis.

— Não é nem maionese, é um molho para salada — acrescentou o garotão. — Você não pode ir lá e simplesmente jogar no lixo? Ela sempre deixa a porta dos fundos destrancada.

— Escute, o livro se chama *Fique rico tricotando*. Está na gaveta da minha mesa. Certo?

— Garoto, onde está sua caneta? — perguntou o bombeiro.

— Esperem um minuto! — exclamou Norman, ainda encarando o louco barbado.

Fala sério, como é que esse cara *sabia* o nome dele? Será que este era o velho tio louco que o sr. Babcock não queria que viesse ao enterro?

— Senhor, se o senhor, por favor, puder se retirar — disse o diretor do velório, parecendo estressado.

— Eu preciso daquele garoto por um minuto! — insistiu o homem. — Saiam da minha frente, seus malucos!

Norman piscou e ficou paralisado. Aquele homem estava falando com

os... *fantasmas*?

— Pegue uma senha! — gritou o fantasma de óculos. — Ele está me ajudando a prevenir um caso de intoxicação alimentar!

— Não, ele está me ajudando! — insistiu a mulher de cabelo azul. — 990-6888. Ligue!

— Escute, segurança pública ganha de vocês dois e este garoto está me ajudando a espalhar a informação de como apagar incêndios domésticos! — esgoelou-se o bombeiro.

— Eu fui o primeiro a ver o garoto! — insistiu o careca que queria ficar rico tricotando.

Norman virou-se para ver o tamanho da fila de fantasmas.

— *Me deixem em paz, todos vocês! Vocês tem problemas demais!* — berrou Norman, com toda a força de seus pulmões.

A sala toda ficou em silêncio. Quando ele se virou, todas as pessoas ali, vivas ou mortas, estavam encarando Norman.

O único som era a risada fungada de Alvin.

— Cara, você está sozinho aí! Com quem você está falando, com o molho vegetariano? — gritou ele, antes que sua avó o mandasse ficar quieto.

Norman lançou um olhar ameaçador para Alvin, mas isso só fez com que ele risse ainda mais.

O cara do velório deu um empurrão discreto mas forte no homem louco e fechou bem a porta. Perto de um dos arranjos de flores, o pai de Norman estava com a cabeça baixa. Então, ele ergueu os olhos e olhou diretamente para o filho. E mesmo que não tenha dito nada, Norman sabia exatamente o que ele estava pensando.

Ele tinha humilhado seu pai de novo.

"Zumbis não conversam. Eles gemem" – disse Norman.

Capítulo 3

Norman sentou-se em silêncio, observando o zumbi que seguia a adolescente empinadinha, seus olhos com um brilho soturno e um sorriso cheio de dentes pobres e quebrados. Norman não se mexeu, permanecendo em seu lugar, perto do sofá velho e gasto, mesmo que já tivesse visto este filme muitas vezes antes. Ele sabia que o zumbi estava quase entrando na velha cabine, onde a garota estava se escondendo. Ela estava prestes a ser morta e não ia ser bonito.

— O que está acontecendo agora? — veio uma voz atrás dele.

Os olhos de Norman continuaram colados na televisão.

— O zumbi vai comer a cabeça dela, vovó — disse Norman.

Numa manhã, não muito tempo depois de seu próprio enterro, vovó Babcock tinha entrado andando na sala, passando por uma parede maciça, tão à vontade como se tivesse acabado de voltar da padaria com meio litro de leite. Ela estava andando pela casa desde então, e passava a maior parte do tempo no sofá, com Norman. Isso já durava 11 meses e ela não dava nenhum sinal de que queria ir embora.

— Isso não é muito legal — afirmou a vovó Babcock. — Por que ele está fazendo isso?

— Porque ele é um zumbi — explicou Norman. — É o que eles fazem.

— Bem, ele vai estragar a jaqueta dele — observou a vovó Babcock. — Tenho certeza de que se eles se sentassem e conversassem, essa história seria muito diferente.

— Zumbis não conversam. Eles gemem — disse Norman.

— Bem, olhe para ele. Meu Deus! — exclamou a vovó enquanto a câmera dava um *close* no rosto horripilante dele. — Ele parece horrivelmente morto. O que ele precisa é comer direito e fazer um pouco de exercício. Talvez descansar um pouco à tarde.

Norman deu uma risadinha.

— Ele poderia descansar mesmo — disse ele. — Um bom descanso eterno. Ele poderia...

— Norman Babcock! — gritou uma voz grave vinda da cozinha.

Norman estremeceu.

— Eu não falei para você levar o lixo para fora? — retumbou a voz.

Norman deu um olhar de desculpas para a avó e levantou-se.

— Já vou, pai — disse ele.

Era uma pena... O zumbi estava escancarando a boca para dar uma bela mordida no crânio da adolescente. Ela ia sangrar adoidado. Seu pai sempre interrompia na melhor parte.

Vovó Babcock olhou para Norman, apertando os olhos atrás das grossas lentes dos óculos e ajustando seu agasalho de veludo rosa e azul.

— Fale para ele aumentar a temperatura do aquecedor, tá? — pediu ela. — Meus pés estão congelando.

Norman concordou e se arrastou para a cozinha, mal-humorado.

— Já estava na hora! — resmungou o pai de Norman. — Você não me ouviu das últimas vinte vezes que eu mandei que tirasse o lixo? Eu estava gritando alto o suficiente para acordar os mortos!

Norman abriu a lata de lixo sem dizer uma palavra e deu um nó no saco. Era fedido o suficiente para acordar os mortos também, pensou ele. E quem seu pai estava tentando enganar, todo equipado com seu cinto de ferramentas profissional e óculos de proteção? Ele estava trocando uma lâmpada, pelamordedeus.

— Obrigada, querido — disse a mãe de Norman, de costas para ele enquanto esvaziava a lavadora de louças. — Você pode voltar para seu programa assim que colocar isso lá fora. O que você tá assistindo?

— Um filme sobre um zumbi que come cérebros — disse Norman.

— Que legal — respondeu a mãe.

— Mas eles têm que vir de pessoas vivas — acrescentou Norman. — Então, o zumbi tem que morder as cabeças enquanto as pessoas ainda estão vivas.

— Parece lindo — disse a mãe, examinando uma colher, depois recolocando-a na lavadora.

Norman suspirou e tirou a sacola da lixeira.

— Zumbis, de novo? — murmurou o pai, puxando e empurrando a lâmpada sem nenhum resultado visível. — Por que você não pode ser como as outras crianças e armar uma tenda no quintal no seu tempo livre, ou guardar sua mesada para comprar um belo kit de ferramentas?

— Porque eu gosto de zumbis — disse Norman.

Porque eu gosto de coisas mortas em geral, acrescentou, silenciosamente. Mas

ele nunca diria esse tipo de coisa em voz alta. Nos onze anos que estava habitando este planeta, Norman tinha se tornado um perito em passar despercebido, escondendo sua verdadeira personalidade. Ah, se você olhasse com atenção, veria que estava ali. Mas ninguém nunca olhava. Norman aprendeu cedo na vida que tudo que precisava fazer para não chamar a atenção era se misturar aos outros e sumir como papel de parede. Mas não podia esconder sua paixão por filmes de zumbis. Era só entrar em seu quarto e ver as paredes cobertas por cartazes de filmes de horror e bonecos com cabeças de zumbi iluminadas para perceber isso. O sr. Babcock encarou o filho por um momento, depois suspirou e balançou a cabeça.

Vovó Babcock apareceu na porta.

— Você falou com ele do aquecedor? — ela lembrou Norman. — Pelo amor de deus, o que ele está fazendo lá em cima, afinal? Sinceramente! Diga a ele que para a esquerda solta, para a direita aperta. Ele não vai fazer nada até trocar essa bendita lâmpada!

Vovó Babcock voltou bufando para a sala. Norman encarou o pai enquanto ele lutava para fixar a lâmpada.

— Para a esquerda solta, para a direita aperta — disse Norman.

O pai dele o encarou por um momento. Depois, virou a lâmpada para a esquerda, que saiu com facilidade do soquete.

— Como você sabia disso? — perguntou ele. — Eu não ouço essa frase em... Oh, não, Norman! O lixo está deixando a casa toda fedida. Qual é o seu problema?

— Talvez eu devesse sair por aí roubando e fazendo bagunça como as amigas de Courtney... — murmurou Norman, mal abrindo a boca, arrastando o saco pelo chão.

— Norman! — chamou sua mãe. — Isso não é legal.

Sua audição era terrivelmente boa às vezes.

Norman abriu a porta dos fundos com o pé enquanto levantava o saco. Antes que ele pudesse passá-lo pela porta, alguma coisa passou rapidamente por ele. Tudo que Norman viu foi uma mancha de cabelo loiro e um celular, e uma golfada de ar perfumado com gloss de canela.

— Ah, sim, ele é totalmente S-A-R-A-D-O! Um tanquinho! Norman, eca! Que fedor!

Courtney esticou um dedo perfeitamente pintado com esmalte pink e deu um cutucão no estômago do irmão.

— Não, desculpe, estava falando com meu irmão fedorento! — disse Courtney no telefone, torcendo o nariz para enfatizar seu nojo. — Eu sei, certo? Eu faria se fosse legal ou se eu pudesse me safar.

— Courtney, seja boazinha — disse automaticamente a sra. Babcock, ainda examinando as louças e recolocando-as na lavadora.

Oh, eu estou sendo boazinha, pensou Courtney. Francamente, seus pais não faziam a menor ideia dos custos pessoais e sociais de ter Norman Babcock como irmão mais novo. Ele era tãããão esquisito. Quem mais em todo o universo escovava os dentes com uma escova de zumbi e deixava a espuma da pasta de dente cair de sua boca para fingir que era um morto-vivo? Courtney tinha certeza de que tinha sido traumatizada pelo resto da vida por ter que dividir um banheiro com aquele garoto.

Norman chutou a porta de tela, andou alguns metros pelo caminho atrás da casa e arremessou a sacola de plástico mais ou menos na direção das latas de lixo. Então, voltou para dentro, batendo a porta e retomando seu lugar na sala, onde podia ouvir a trilha sonora do zumbi comedor de cérebros aumentando dramaticamente na televisão. Ele fez uma pausa na porta que separava a sala da cozinha.

— Oh, e papai, a vovó quer que você aumente a temperatura do aquecedor. Os pés dela estão congelando.

Norman ouviu o barulho de um garfo caindo no chão da cozinha ao mesmo tempo em que seu pai pulava pesadamente da escada.

— Norman Babcock! — disse o pai, com sua voz mais grave de âncora de telejornal.

Norman virou-se devagar para olhar para o pai.

Claro, o mais fácil seria simplesmente não falar nada sobre o pedido da avó. Mas ela tinha feito um pedido muito específico. Ignorar seria falta de educação. A vida parecia complicada demais sem precisar recorrer a *isso*.

— Tá bom, eu sei que *você* sabe que sua avó está morta — disse o sr. Babcock.

Norman fez uma careta.

— É — respondeu ele.

— Então, por que você insiste em falar com ela? — perguntou o sr. Babcock rispidamente, deixando cair a lâmpada que tinha acabado de desembrulhar.

A lâmpada fez um barulho sinistro quando espatifou-se no chão.

— Porque... — Norman respondeu devagar. — Ela não para de falar!

Courtney fechou o telefone e deu uma secada no irmão.

— Meu Deus, como você é mentiroso!

— Não sou, não — rebateu Norman. — Ela me pede coisas o tempo todo. E ela me diz coisas também.

Courtney revirou os olhos com tanta força que até se desequilibrou um pouco. Ela tirou os tênis pink, chutando-os para longe, largou-se à mesa da cozinha e encarou o irmão nos olhos.

— Ah, é? — desafiou ela. — Prove!

Norman retribuiu o olhar penetrante. Ele não gostava de ostentar sua ligação com o outro mundo, o que lhe dava acesso a todo tipo de informação que poderia, em mãos erradas, causar rebuliços. Mas o assunto tinha vindo à tona e Courtney estava pedindo. Para ser franco, ela estava praticamente implorando.

— Bem, vovó diz que você tem uma foto de um jogador de futebol sem camiseta escondida na sua gaveta de lingerie — disse ele.

O rosto de Courtney ficou imediatamente roxo de raiva. Ela ficou em pé. Ninguém devia saber isso. Se as pessoas ficassem sabendo na escola, sua vida estaria arruinada. Ela teria que se mudar para outro estado. Talvez para outro país.

— Seu *monstrinho* intrometido e nojento! — explodiu ela, saindo a toda da cozinha, o rabo de cavalo loiro balançando furiosamente atrás dela.

Norman foi deixado com a imagem da mãe, que parecia um pouco consternada, um pouco nervosa e parcialmente escondendo um sorriso, e do pai, que parecia nervoso e um pouco consternado, e estava escondendo tudo isso com um uma careta.

— Querido, o importante é que a vovó está num lugar melhor agora — sua mãe começou a falar.

Norman sentiu que se fosse possível para um ser humano se despedaçar de tanta frustração, ele estaria se despedaçando agora. Como ele podia ser parente dessas pessoas? Por qual mutação genética seu DNA era compartilhado com o deles?

— Um lugar melhor? — zombou o pai. — Todos nós sabemos onde a vovó está, Sandra. Pelo amor de deus, por que não começamos a chamar isso pelo verdadeiro nome?

— A sala de estar? — perguntou Norman.

Então ele se virou e saiu da cozinha antes que qualquer um dos dois retrucasse.

Norman assistiu ao resto do filme com a vovó Babcock parcialmente porque ela precisava que ele explicasse algumas partes para ela, e parcialmente porque ele realmente adorava a cena final, quando o resto dos zumbis vinha se arrastando do cemitério, fretava uma escuna e partia para navegar os mares para começar a carreira de zumbis piratas. Esse pedaço nunca perdia a graça.

Quando os créditos começaram a passar, ele deu boa-noite à Vovó Babcock e subiu as escadas, pensando, como ele às vezes pensava, para onde ela ia quando Norman não conseguia vê-la.

Pelo menos ela fica fora do meu quarto na maior parte do tempo, pensou Norman, sentando-se, cansado, na beirada da cama. *Eu não ia gostar que ela olhasse* a minha gaveta *de cuecas*. Embora a coisa mais excitante que alguém poderia encontrar ali era a versão pirata do boneco de *Vingança dos zumbis*.

Tinha sido um longo dia. O sapo, Alvin e Neil fazendo com que ele chamasse a atenção, Salma tentando convencê-lo a melhorar seus hábitos de estudo e a diversão de sempre com os pais e sua irmã mais velha, Courtney. Norman sentiu-se como se tivesse sido apertado numa dessas máquinas de lavar carros, depois sugado por um aspirador gigante e cuspido para fora.

— Quem vai ligar se eu dormir com minhas roupas? — perguntou ele ao cartaz de *Portais de perigo*.

Sem resposta, Norman afastou os livros e roupas empilhados sobre sua cama e entrou embaixo das cobertas.

Dos arcaicos tubos de aquecimento que corriam pela casa, Norman podia escutar a voz dos pais numa conversa baixa e informal. A voz de seu pai estava mais alta do que a da mãe e alguns trechos de seus comentários chegavam aos ouvidos de Norman.

— As pessoas falam, Sandra. Todo mundo sabe que ele não é normal.

A mãe disse alguma coisa numa voz tão baixa que Norman não conseguiu escutar.

— Não, Sandra, você quer saber o que é louco? Aquele seu tio. E eu estou preocupado que talvez Norman tenha o que *ele* tem.

Mais murmúrios da sra. Babcock.

— Eu sou o homem e estou dizendo agora mesmo para você: "sensitivo" é quem escreve poemas e não pratica esportes. Norman é muito pior do que um "sensitivo".

Norman suspirou e colocou o travesseiro sobre a cabeça.

Norman e o pai não eram exatamente melhores amigos, como os pais e filhos nos comerciais de TV de artigos esportivos ou kits de "faça seu próprio telescópio". Mas desde o incidente no velório, as coisas estavam assim. Seu pai não conseguia aceitar quem Norman era. Na realidade, ninguém em sua família conseguia.

Chegou num ponto que Norman se deu conta que a cidade inteira pensava que eles tinham perdido o caminho do hospício e não tinha como fingir que nada estava acontecendo. Foi por isso que, depois que sua avó morreu, Norman decidiu não complicar mais e ser a pessoa que ele realmente era. E isso significava falar com pessoas e animais e outras coisas que tinham partido, recentemente ou não. Ele fazia isso silenciosamente, mas fazia.

Consequentemente, a maioria das pessoas não ficava muito confortável perto dele. E ninguém ficava mais desconfortável que o sr. Babcock, especialmente depois que o evento do velório se espalhou mais rápido que um incêndio em Blithe Hollow.

— E daí? — murmurou Norman, virando para o lado e tirando o travesseiro do rosto para respirar um pouco.

Uma mariposa translúcida estava flutuando sobre a cama. Pequenas esferas luminosas, do tamanho de cabeças de alfinete, rodopiavam próximas às asas da mariposa.

— Olá — disse Norman.

A mariposa pareceu olhar para Norman, mas era difícil de saber com certeza. Então, ela voou muito rápido até a lâmpada ao lado da cama de Norman, circulou algumas vezes e daí voltou para perto de Norman.

— O que foi? — perguntou Norman.

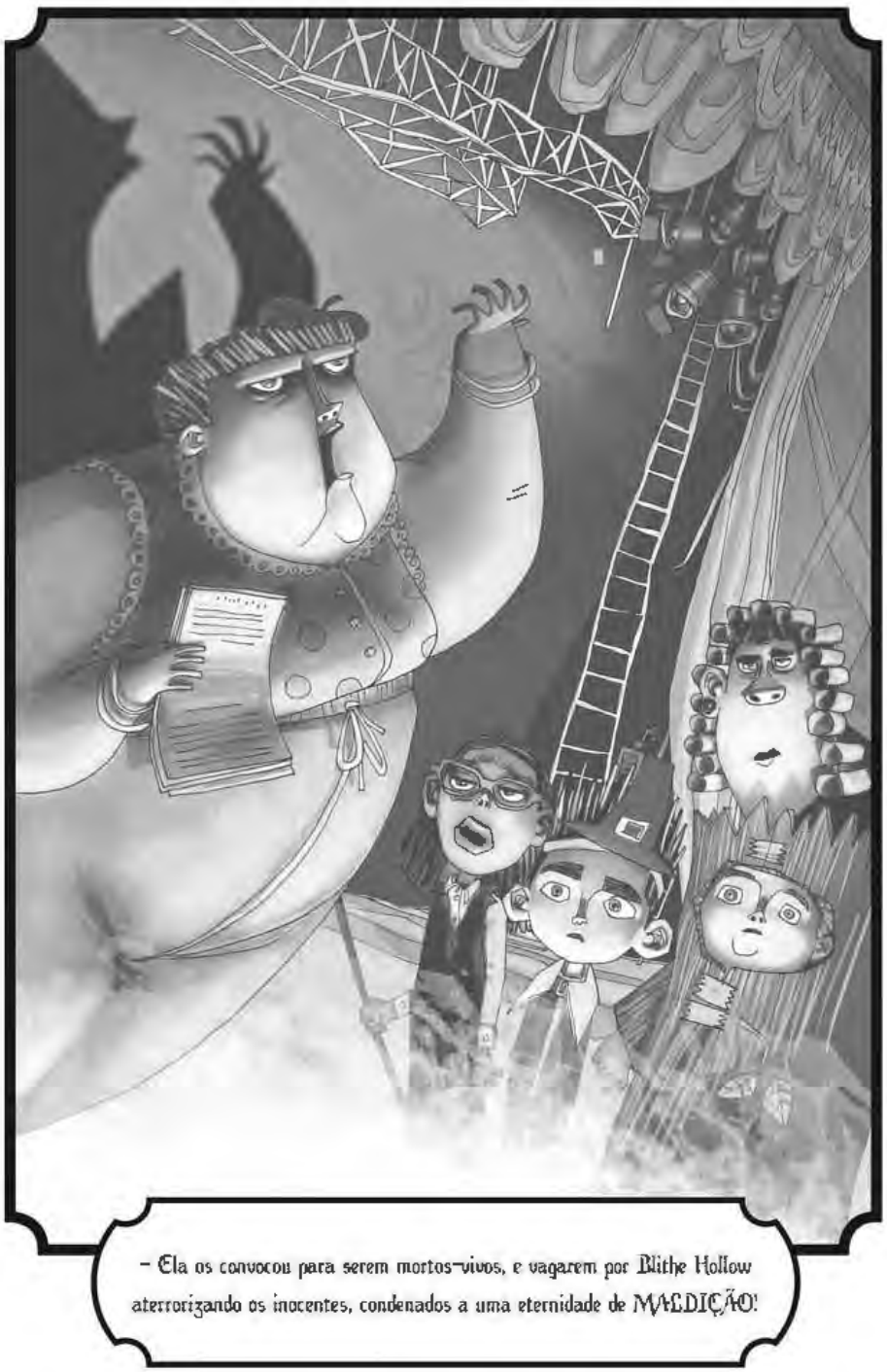
A mariposa voou até a lâmpada novamente, pairou por um momento e voltou rapidamente.

— Oh, acho que entendi — disse Norman.

Então ele esticou o braço e acendeu a luz. Feliz, a mariposa fantasma flutuou ao redor da luz.

— Sem problema — murmurou Norman.

Então, ele afofou o travesseiro algumas vezes e ficou confortável, deixando a luz acesa para que a mariposa morta pudesse aproveitar.


– Ela os convocou para serem mortos-vivos, e vagarem por Blithe Hollow aterrorizando os inocentes, condenados a uma eternidade de MALDIÇÃO!

Capítulo 4

Naquela noite, Norman sonhou com o homem estranho do funeral. No sonho, o homem estava num quarto escuro cheio de lixo, abraçando um velho livro de couro, com uma ilustração na capa mostrando um espírito etéreo de uma mulher dormindo sob uma imensidão de estrelas. O homem parecia doente, ou machucado. Ele deixou o livro cair e dobrou-se de dor.

Norman conseguiu ver uma mesa num dos cantos do quarto. Estava coberta de fotografias. Fotografias de *Norman*. Numa delas, ele estava em pé numa praia com sua família e ao seu redor tinha um círculo feito com *tinta vermelha*... Então, Norman acordou.

— Uau! — disse ele, sentando-se na cama. — Isso foi assustador.

Ele podia sentir o cheiro do pão com cobertura de cereja que estava sendo aquecido no andar de baixo, mas não sentia vontade de interagir com sua família naquela manhã. O sonho tinha feito com que perdesse o rumo e ainda eram sete e meia da manhã. Ele decidiu ficar um pouco mais lá em cima. Ficou três minutos inteiros com seu pijama de zumbi, escovando os dentes com sua escova de dentes de zumbi, deixando a espuma sair da boca para que parecesse louco e possivelmente raivoso. Então, ajustou o alarme de seu relógio em formato de túmulo, alterando de CACAREJO para UIVO. Passou um longo tempo arrumando seus cartazes de filmes para que o *Comedor de cérebros* ficasse mais visível, pois era o favorito da vez. O plano de Norman era matar o tempo no quarto até o último minuto, então correr para a porta e ir para a escola. Mas ele demorou demais: a cozinha estava vazia e até Courtney já tinha ido embora. Isso significava que ele estava mais atrasado do que o de costume. Norman correu pela rua. Ele odiava chegar atrasado.

****

Um pouco antes de cruzar a ponta para o centro da cidade, Norman avistou uma mulher com uma roupa de aviador antiga e óculos especiais, balançando num

paraquedas enroscado nos galhos de um grande carvalho.

— Bom dia, Harriet! O que tá pegando? — gritou Norman.

— Ahaha, nunca ouvi essa antes! Espero que você não queira ser um comediante, garoto!

— Não quero — retrucou Norman, passando pela ponte. — Vou tentar dar um pulo por aqui no caminho para casa.

Harriet vaiou. Como muitos dos fantasmas que Norman via a caminho da escola, Harriet não queria nada. Ela estava pendurada naquela árvore velha, onde tinha finalizado sua vida na terra como uma herdeira paraquedista, que adorava correr riscos. Um simples "bom dia" era só o que a maioria dos espíritos de Blithe Hollow queria.

Enquanto cruzava a ponte, Norman estava olhando por cima do ombro para um corvo da virada do século passado que estava em empoleirado num batente, grasnando, quando quase trombou com um cavalo brilhante.

— Descansar, soldado! — gritou do alto do cavalo um homem esfarrapado, usando muitas ataduras num uniforme azul sujo.

— Desculpe-me, senhor!

— Fique esperto, novato! — rosnou o soldado. — Dizem que o Presidente Lincoln fará um grande anúncio hoje!

Norman acenou e começou a andar mais rápido. Ele não parou para conversar com o Hippie, com o Ensebado ou com o belo guerreiro Nativo Americano que usava brincos de contas nas duas orelhas. Ele correu pela Rua Principal, passando pela Mulher com Secador, que estava numa batalha eterna com o topete do lado esquerdo da cabeça, e pelo Guarda de Trânsito, que carregava uma placa de PARE amassada e tinha marcas de pneu passando bem no meio de seu colete verde brilhante. Como sempre, ele não estava olhando para o trânsito nem para os pedestres (o que explicava muita coisa).

Talvez Norman estivesse de mau humor, mas parecia que hoje Blithe Hollow estava mais cansada e acabada do que o comum. O que podia se esperar de um lugar conhecido por um julgamento de bruxaria? E com o aniversário de 300 anos do julgamento, parecia que a cidade toda tinha perdido a cabeça de tanto entusiasmo. O aniversário do julgamento era, aparentemente, a coisa mais animada que tinha acontecido em Blithe Hollow desde o próprio julgamento.

— Ei, como você está? — perguntou um homem brilhante num belo casaco caramelo de pelo de camelo, chapéu Fedora preto e uma metralhadora

aconchegada embaixo de um braço.

— Como está *você*? — Norman perguntou automaticamente ao Gângster, olhando para os dois lados enquanto cruzada a Rua Principal.

— Droga, são os tiras! — gritou o Gângster atrás dele.

O fantasma quis correr, mas seus pés estavam grudados no chão de concreto.

Norman olhou ao longo da rua e viu o estranho casal formado pela Xerife Hooper, que tinha a pele escura, era gorda e matronal, e o Delegado Dwayne, que era alto, pálido e magrinho. Eles pareciam discutir sobre quem deveria escrever uma multa. Diferentemente de todos que Norman tinha visto até então, o delegado e a xerife não eram transparentes. Eles estavam 100% vivos, embora nem sempre se pudesse perceber isso ao vê-los "trabalhar".

Norman andou calçada abaixo até o final da Rua Principal. Como sempre, ele achou que o centro da cidade era uma visão deprimente. Placas velhas anunciavam o CAFÉ – O CALDEIRÃO, ENFEITIÇADO EM FÉRIAS e a perigosa barbearia TESOURADAS OU TRAVESSURAS. Um enorme cartaz na praça principal estava enfeitado com um desenho alegre de uma bruxa balançando enforcada, enquanto o carrasco ao lado dela acenava. Ao lado deles, gigantescas letras cor de laranja anunciavam: BLITHE HOLLOW – AQUI TODO MUNDO SE DIVERTE! Todos os estabelecimentos comerciais da cidade pareciam querer brincar com o tema. Pendurado na rua entre uma lanchonete chamada A Cerveja e uma papelaria chamada Feitiço dos Papéis, um grande cartaz anunciava a coisa mais importante que aconteceria na cidade há séculos: o aniversário do famoso julgamento. BLITHE HOLLOW – 300 ANOS ENFEITIÇANDO!, gabava-se o banner.

— Cara, isso é tão patético — Norman murmurou para si mesmo.

Ele ouviu um guincho e um gorjeado como resposta.

Norman olhou para baixo e viu um guaxinim que aparentemente tinha perdido a briga para um veículo motorizado.

— Oh, olá! — disse Norman, abaixando-se para cumprimentar o animal. — Eu não tinha visto você. Você é novo.

O guaxinim sacudiu os ombros e a cabeça. Ele apontou para a esquina onde não havia nenhum sinal de PARE.

— É, tinha um sinal ali — explicou Norman, olhando em volta. — Acho que alguém bateu nele.

Um homem saindo da lanchonete A Cerveja viu Norman falando com o

atropelado e lhe lançou um olhar estranho, balançando a cabeça e deliberadamente andando para trás sem virar para ver aonde estava indo.

— Enfim — murmurou Norman, virando à esquerda na rua que dava num prédio baixo de tijolinhos, atrás de uma placa de granito feia onde se lia BLITHE HOLLOW – ENSINO MÉDIO.

Apenas algumas crianças ainda estavam entrando pela porta principal, então Norman soube que estava realmente atrasado. Enquanto corria até as escadas, conseguiu ver alguém de casaco escuro, em pé, atrás de uma velha árvore morta na rua. Quem quer que fosse, escondeu-se. Talvez fosse um fantasma novo que ainda não conhecia Norman. Haveria tempo para checar isso mais tarde.

Norman subiu as escadas correndo e passou pela porta de entrada. Antes que desse dois passos no corredor, alguém o derrubou no chão.

— Com licença! — murmurou Norman, levantando-se.

Alguns babacas com camisetas de tela estavam ali, observando e rindo. Norman os ignorou e foi até seu armário, tirando um pano velho do bolso antes de chegar perto o suficiente para ler a palavra ABERRAÇÃO escrita com batom vermelho, acima da tranca de segredo amarela do armário. Pelo jeito, Alvin e seus capangas tinham começado cedo hoje.

— Bom dia! — disse uma voz alegre e desafinada.

Norman olhou por cima do ombro e viu Neil Dow- ne, que dava uma borrifada de desinfetante no seu armário e começava a limpar a palavra GORDUCHO.

— Oi, Neil — respondeu Norman. — Hum, pode me emprestar seu limpador?

Neil deu o desinfetante para Norman.

— Na verdade, é da Salma — disse ele. — Alguém escreveu CDF no armário dela com giz de cera verde.

— Obrigado — disse Norman, esguichando a coisa sobre as letras vermelhas e limpando tudo. — Tenho aula de matemática agora.

— Não tem aula de matemática hoje — disse uma voz atrás de Norman, assim que ele abriu o armário.

Ele se virou e viu Salma, seu brilhante cabelo negro puxado num rabo de cavalo que parecia dolorido e seu aparelho nos dentes brilhando sob a luz fosforescente. Ela esticou a mão e Norman lhe deu o desinfetante.

— Ensaio especial para a peça, lembra? — perguntou ela.

Neil gemeu.

— Nãããooo! — reclamou ele.

— É obrigatório — declarou ela. — Se você faltar, vai aparecer no seu boletim. Não é uma peça qualquer: é a peça sobre os 300 anos do aniversário. A sra. Henscher está obcecada.

Neil obedientemente seguiu Salma pelo corredor e, um momento depois, Norman bateu a porta do armário e seguiu também.

O ginásio tinha cheiro de chulé de tênis usado e borracha velha, o que era mais difícil de aguentar pela manhã. Do lado oposto das velhas arquibancadas de metal ficava um pequeno palco, "enfeitado" com pinturas horríveis da aula de artes mostrando a vida de antigamente, emolduradas com madeira compensada pintada num duvidoso tom de verde, uma capela torta e uma lua crescente que pendia perigosamente da cesta de basquete.

— Não temos nenhuma dignidade nesta escola — murmurou Norman para si mesmo, ao mesmo tempo em que a sra. Henscher, a professora de teatro, passou e entregou a ele um enorme chapéu de peregrino feito de papel machê. Alvin e seus capangas foram empurrados até a arquibancada, apontando para Norman e gritando de rir.

— Belo chapéu, garoto fantasma! — cantarolou Alvin. — Como vai seu amigo sapo hoje?

O horror.

— Gente, peguem um roteiro da pilha e tomem seus lugares — gritou a sra. Henscher.

Ela era uma mulher grande e autoritária, que usava óculos só para fazer tipo e uma pequena boina vermelha que se acomodava em sua cabeça como uma bexiga murcha, para enfatizar sua posição como diretora de teatro. Todo mundo morria de medo da sra. Henscher. Ela parecia um jogador de futebol de peruca, seu rosto macilento e redondo engolindo sua boca desproporcionalmente menor e seus brilhantes olhos escuros. Ela usava calças largas pretas que mal cobriam seu traseiro e puxadas acima de seu considerável abdômen. Quando ela gritava, o que acontecia muito, seu rosto e seu corpo tremiam com uma vibração retumbante, assim como uma piscina infantil durante um terremoto. Ninguém com o mínimo de inteligência ficava no caminho da sra. Henscher quando ela estava animada para fazer alguma coisa. E, agora, tudo que ela queria era essa tal peça. E Norman tinha sido escolhido como o Narrador nº 1.

A humilhação.

Norman preferia sofrer seis *rounds* na lanchonete com Alvin a ler o roteiro bizarro da sra. Henscher em voz alta. Mas ele já tinha um bom histórico de bizarrices. Colocando aquele chapéu, ele andou até o palco, onde Salma já estava esperando. Ela usava um pontudo chapéu de bruxa preto, e mesmo parecendo o roto rindo do rasgado, Norman não conseguiu evitar pensar que ela parecia uma boboca. Salma teria concordado, já que estava tentando discutir sobre seu figurino com a sra. Henscher. Ela era a única pessoa que Norman conhecia que não tinha medo de questionar a professora.

— ... fontes contemporâneas confirmam claramente que as pessoas acusadas de bruxaria pareciam extremamente normais, e a ideia de pele verde e uma vassoura são completamente apócrifas e indicativas de uma obsessão coletiva cultural pelo *Mágico de Oz* e não uma reflexão correta sobre... — dizia Salma.

A sra. Henscher não fez nada além de enfiar os dedos nos ouvidos.

— Salma, pelo amor de Deus, pare com essa tagarelice. Agora, gente, lembrem-se de que os peregrinos eram colonos devotos e severos que vieram para Blithe Hollow para fazer daqui um lar. Tentem se lembrar disso. Estamos começando no topo da página 6, por favor.

Norman segurou o roteiro na frente do rosto e leu da forma mais monótona que conseguiu:

— Os fundadores de Blithe Hollow ficaram sabendo, para seu completo horror, que havia uma maldosa feiticeira entre eles.

— Não, não, *pare*! — gritou a sra. Henscher, agarrando o roteiro das mãos de Norman. — Você deve fazer isso *assim*.

Ela limpou a garganta.

— Eles descobriram, para seu compleeeeeto horrrror — aqui, a voz da sra. Henscher atingiu um volume tão alto e agudo que Norman imaginou cristais se espatifando do outro lado do país — uma maaaaaldoooosa *feiticeira* entre eles!

Agora, ela começava a balançar os braços histericamente.

— Eles colocaram a criatura do mal em julgamento, depois a enforcaram na velha árvore moribunda, mas a perversa bruxa vingativa *amaldiçoou* os sete corajosos jurados quando estava morrendo, condenando-os a um *destino pior que a morte*! Pois aquela vil feiticeira fez com que suas almas morressem mas seus corpos continuassem vivos, e ela os convocou para serem *mortos-vivos*, e vagarem por Blithe Hollow aterrorizando os inocentes, condenados a

uma *eternidade* de *maldição*!

A boina da sra. Henscher voou quando ela trovejou a última linha, borrifando o palco com cuspe ao pronunciar exageradamente cada sílaba. Então, ela entregou o roteiro de volta para Norman.

— Entendeu? — perguntou ela.

— Hum... — murmurou ele, mas pegou o roteiro de volta, pois qualquer coisa seria melhor do que escutar a sra. Henscher ler aquelas linhas de novo.

Então, por um momento, uma coisa muito estranha aconteceu.

Agora, Norman já estava acostumado a qualquer coisa estranha, mas isso era uma coisa que ele nunca tinha experimentado antes. Enquanto estava ali, encarando o roteiro, o papel ficou amarelado e com uma textura de pergaminho bem diante de seus olhos. Sua cabeça ficou estranha e zonza, e ele perdeu o equilíbrio e deu um passo para trás. Os outros membros desapareceram numa vertigem e quando ele conseguiu refazer o foco eles... já não eram os mesmos. Eram pessoas totalmente diferentes. Sete pessoas. As fantasias toscas e baratas para o Dia de Ação de Graças tinham sido substituídas por figuras altas e brilhantes, usando roupas reais de peregrinos. Era como se ele tivesse sido transportado de volta no tempo.

Todo o sangue foi para a cabeça de Norman, e ele deixou o roteiro cair quando pequenos pontos negros começaram a dançar em frente aos seus olhos.

Eu vou desmaiar, pensou Norman, sentindo as pernas cambalearem, e em seguida caindo sentado sobre o palco.

O mundo voltou num instante, guiado pelo som nauseante da risada de hiena de Alvin.

— Norman caiu com tudo, baby! Olhe para ele! Branco como um fantasma! Qual é o problema, Norm, parece que você viu um *fantasma*! Entenderam? Entenderam? Um fantasma!

O riso de Alvin e seus capangas foi momentaneamente abafado pelo som do sinal. Deixando o roteiro onde tinha caído, Norman pulou e saiu correndo do ginásio.

Por apenas um momento, ele era a única pessoa no corredor. Tudo parecia estranhamente deserto e privado de vida humana.

Como seria uma escola numa cidade fantasma.

– Essa estátua acabou de fazer "shh"? – perguntou Neil.

Capítulo 5

Era sempre um alívio sair da escola. Norman esperava ansiosamente por aquele momento o dia todo, quando finalmente podia se afastar das outras crianças. Ele colocou a mochila sobre um dos ombros e começou a andar pela calçada. Mas enquanto andava, continuava a escutar o eco de seus passos. Não... Não eram *seus* passos. Eram de outra pessoa.

Alguém estava seguindo Norman.

Norman mudou a mochila de ombro e, sem olhar para trás, começou a andar muito mais rápido. Os passos aceleraram para alcançar os dele. Ele não estava sendo apenas seguido.

Ele estava sendo perseguido.

Norman parou de repente e deu meia-volta, pronto para se defender de Alvin ou de qualquer outra criatura horripilante que estivesse ali.

Neil Downe estava bem atrás dele, seu rosto brilhando com um sorriso amigável.

— Oh, Neil — disse Norman. — Olhe, eu já disse, quero ficar sozinho.

— Eu também — respondeu Neil. — É por isso que isso é perfeito. Podemos ficar sozinhos juntos!

Norman começou a andar de novo. Muito rápido. Sua mochila balançando sobre o quadril.

Neil começou a correr para alcançar Norman.

— Vamos, vai ser divertido!

Então, acrescentou uma fala para mostrar que tinham algo em comum:

— Sabe, Alvin também pega no meu pé.

— Por quê? — perguntou Norman, esquecendo-se de parecer indiferente.

Ele sabia que não devia fazer perguntas se estivesse tentando acabar com uma conversa. Isso não funcionava com pessoas mortas e certamente não funcionaria com Neil.

— Porque eu sou gordo. Tenho alergias horríveis. Eu suo quando ando muito rápido. Eu tenho intestino hipersensível e tenho urticária toda vez que vejo uma longa conta de dividir. E isso é só o começo.

Norman diminuiu o passo por um instante e examinou o rosto vermelho de

Neil. Ele suava mesmo quando andava rápido e o cabelo dele era esquisito, e um intestino hipersensível parecia péssimo em qualquer circunstância. Mas Norman também percebeu como os olhos de Neil eram claros e brilhantes.

Ele pode ser um cara muito legal, Norman de repente pensou.

— Você não deve deixar o Alvin e os amigos dele pegarem você — disse Norman.

— Oh, eu não deixo, na maior parte das vezes — disse Neil. — Acho que pegar o mais fraco é parte da natureza humana. Se você fosse maior e muito mais estúpido, também faria isso. É a chamada de "lei de sobrevivência".

Norman estava pronto para argumentar que nada nesse mundo faria com que agisse como Alvin nem por um segundo, quando alguma coisa chamou sua atenção.

Ele e Neil estavam próximos de um dos lugares mais feios de Blithe Hollow: a praça onde tinha uma estátua moderna de bronze representando a terrível bruxa local. Para Norman, parecia um vômito de gato. Ele tentava evitar olhar para aquilo, mas agora estava com a impressão de que alguma coisa ou *alguém* estava se escondendo atrás dela. Ele parou para examiná-la com atenção. Neil fez o mesmo.

— Essa estátua acabou de fazer "shh"? — perguntou Neil.

Norman pensou que sim. Tinha alguma coisa ali, mas ele não sentia nenhuma vibração pós-morte. E Neil ouviu também então, o que quer que estivesse acontecendo, e Norman sabia que não envolvia nada sobrenatural. De repente, alguma coisa pulou na frente dele.

— Você. Garoto. Você sabe quem sou eu? — arquejou uma voz.

Norman e Neil deram um passo para trás.

Ali estava um homem velho, com uma corcunda formada pela idade e pela raiva, fazendo uma careta ao olhar para os meninos. Suas roupas eram rasgadas e sujas. Uma barba grossa e selvagem cobria metade de seu rosto e seu colete verde estava em farrapos. No lugar dos pés, ele tinha um saco velho em cada pé, amarrado ao tornozelo com barbante.

— O velho e fedorento vagabundo que vive perto do cemitério? — perguntou Neil. — O guardador da cripta?

O homem velho apontou para Norman.

— Eu estou falando com *você* — disse ele.

— Eu sei quem é você — disse Norman, tentando não dar outro passo para trás sem dar a impressão de estar saindo correndo.

Ninguém tinha conversado com ele depois do funeral, mas ele tinha ouvido coisas.

— Eu não posso falar com você — disse Norman.

— Por que não? — perguntou Neil. — Por que não o esquisitão da cripta?

O velho lançou-lhe um olhar furioso.

— Porque eu posso ver fantasmas também — resmungou ele. — Assim como você, Norman Babcock. Está ficando pior, não está? Você está vendo cada vez mais deles. E está começando a ter pesadelos, visões sinistras. Rostos espiando atrás do véu!

— Eu... não tem... como é que você... — a voz de Norman falhou.

Ele olhou para Neil, que estava encarando o velho, com a boca ligeiramente aberta.

— Este é o negro segredo de Blithe Hollow, a vergonhosa lenda não contada da maldição da bruxa — sibilou o velho.

— Oh, não é segredo — disse Neil.

— Na verdade, aprendemos isso na escola — explicou Norman.

— E estamos ensaiando uma peça sobre isso na escola — acrescentou Neil — para o aniversário dos 300 anos. Eu sou uma árvore!

Norman e o velho fulminaram Neil com um olhar. O olhar de Norman parecia dizer: "Por favor, não diga mais nada".

O velho deu um passo na direção de Norman.

— Tem uma coisa que você precisa saber antes que o aniversário chegue — sussurrou ele. — É a coisa mais importante que você vai ouvir: o destino de cada homem, mulher e criança em Blithe Hollow depende disso! A maldição da bruxa é muito real e na noite do aniversário de 300 anos de sua morte, o véu entre os dois mundos cairá e a ira dela não terá limites a não ser que você use seu poder de falar com os mortos. A não ser que você a impeça, Norman Babcock!

— Uau! — exclamou Neil.

— Ora, vamos! — disse Norman, agarrando o braço de Neil. — Temos que ir.

Prenderghast. Era esse o nome do velho tio maluco que mandavam Norman evitar. O cara louco que tinha gritado no velório. O homem que ele tinha visto em sonhos. Norman não sabia por que seus pais insistiam tanto para que ele não falasse com seu tio-avô. Mas o sr. Prenderghast deu a ele uma sensação muito, mas muito ruim.

Norman tentou dar outro passo gigantesco para trás, mas, desta vez, o sr.

Prenderghast esticou o braço e agarrou a manga de sua blusa com a mão ossuda.

— Escute aqui — disse ele. — Você deve ir ao cemitério e...

A voz do homem velho foi interrompida por uma tosse horrível que fez com que ele dobrasse o corpo, a face vermelha como um tomate e os olhos saltados. Norman tentou se contorcer, mas o velho o segurava como se fosse a última coisa que faria.

— Solte ele! — berrou Neil.

Norman pôde ver que Neil revirava sua lancheira. Então, uma maçã voou pelos ares e rebateu na cabeça do sr. Prenderghast, fazendo com que soltasse a manga de Norman.

— Vamos! — gritou Neil, agarrando o braço de Norman.

Os dois correram pela rua como dois animais assustados.

— Ainda não acabamos, Babcock! — gritou o velho. — Você deve estar atento ao sinal!

Norman e Neil não pararam até cruzarem a ponte e estarem no território da cidade que era o lar dos Babcocks. Eles ficaram juntos, ofegantes, olhando para o caminho de onde tinham vindo para se certificarem que o velho não tinha corrido atrás.

— Cara, que velho sinistro — disse Neil. — De que esgoto ele saiu, hein?

— Ele é meu tio-avô, na verdade.

— Sério? — perguntou Neil.

Norman confirmou.

— Bem, eu tenho um tio que está na cadeia porque roubou as freiras — disse Neil, balançando os ombros como se não se importasse. — Então, isso é verdade? Você realmente fala com pessoas mortas?

Oh, lá vamos nós, pensou Norman. Por alguns minutos, ele quase gostou da companhia de Neil. Mas agora que "A Pergunta" tinha sido feita, assim que ele desse uma resposta honesta, Neil sairia correndo tropeçando.

— É, é verdade — disse Norman, parecendo mais na defensiva do que queria dar a entender.

— Incrível! Isso inclui cachorros, por acaso? Eu sinto muito a falta do Bub, ele era um bom cachorro. Você pode ir para a minha casa tentar encontrá-lo?

Norman encarou Neil. Será que ele não tinha entendido direito?

— Eu disse sim. Eu falo *mesmo* com os mortos — esclareceu ele.

— Entendi! Legal! — respondeu Neil, entusiasticamente. — Então, será que

você pode vir para o meu quintal? Dar uma olhada? Ver se o Bub está por perto?

Norman não sabia o que dizer. Será que Neil era meio bobo? Ninguém nunca tinha achado legal que Norman falasse com os queridos falecidos.

Mas Neil já estava indo para casa. Depois de pensar por um momento, Norman o alcançou.

— Minha casa é logo ali — disse Neil.

— Neil, não sei se... — começou Norman.

— Ei, sem estresse — disse Neil. — Se você vir o Bub, ótimo. Se não, tudo bem. Chegamos.

Neil guiou Norman na direção de uma casa verde oliva com portas de um marrom avermelhado. Era bem mais cuidada do que as casas vizinhas, descascadas e abatidas, como a maioria das casas em Blithe Hollow.

Na garagem estava estacionada uma perua personalizada, sob a qual se via um par de pernas longas e musculosas.

— Quem está aí? Neil? — gritou uma voz vinda lá de baixo. — Mano? É você?

— Oi, Mitch. Você não está entalado de novo, está? — perguntou Neil.

Ele deu uma cotovelada em Norman e abriu um sorriso.

— Não estou... Eu só... É, estou entalado, tá? — respondeu a voz. — Minha blusa está presa nesse negócio pontudo. Só me tire daqui, tá legal?

Neil abaixou-se e agarrou os tornozelos de Mitch. Ele deu um puxão forte, e Mitch foi desentalado.

— Ai! Ai! — gritou Mitch.

— De nada — disse Neil. — Este é o Norman. Vamos para o quintal brincar com o Bub.

Mitch sentou-se no chão esfregando o braço. Ele era um cara forte e poderoso, de pelo menos um metro e oitenta de altura, pelo que Norman podia calcular. A única coisa que ele tinha em comum com Neil era o cabelo ruivo. Mas em Mitch ficava bom.

— Hum, Neil? — disse Mitch, ficando em pé. — Você pode vir aqui um segundo?

Mitch passou um braço musculoso ao redor dos ombros de Neil sem esperar por uma resposta e o conduziu a alguns metros de distância, enquanto Norman, constrangido, fingia admirar os enfeites coloridos no gramado, alegrando o caminho da entrada da casa. O gnomo que usava calcinha de bolinhas era o mais colorido de todos. Mas ele também gostou dos flamingos cor-de-rosa perto da

caixa para cartas, que era um dragão vermelho.

Norman escutou algumas frases. “Esse garoto esquisito” e “finge ver fantasmas” e “não é um cara legal para ser seu amigo”.

— Pare com isso, Mitch! — Norman escutou Neil dizer. — Ele não é mais esquisito do que eu sou. Na verdade, ele é tão esquisito quanto eu. Eu gosto dele.

Neil saiu do abraço de Mitch e gesticulou para Norman.

— Venha! — disse ele. — Bub gostava de ficar nos fundos.

Trocando um olhar rápido e desconfortável com Mitch, Norman seguiu Neil ao redor da casa até os fundos, onde ele instantaneamente avistou um cachorro correndo num gramado perfeitamente cortado.

— Então, o que, você consegue vê-lo? — perguntou Neil. — Ele está aqui?

O cachorro estava ali, sim, todo ele. Duplo. O que quer dizer que havia a metade da frente e a metade de trás. Elas apenas não estavam conectadas.

— Como o seu cachorro morreu, Neil? — perguntou Norman.

— A perua do resgate animal o atropelou — disse Neil. — Foi tragicamente irônico. Então, você pode vê-lo? Como ele está?

Norman hesitou por um instante então decidiu ir com tudo. Ele contou a Neil exatamente o que estava vendo e esperou que Neil tivesse um chilique e o mandasse embora.

Mas tudo que Neil queria era que Norman o ajudasse a arrumar um jeito de brincar de bolinha com Bub, do seu novo jeito, partido ao meio.

Então, Norman o ajudou: não porque Bub queria sua ajuda ou porque sentia que era algo que precisava fazer. Mas pela simples e estranha razão de que Neil era uma ótima companhia.

E pela primeira vez em mais tempo do que conseguia se lembrar, Norman estava se divertindo.

– Os mortos estão chegando – sussurrou a árvore.

Capítulo 6

Norman estava cansado depois de brincar a tarde toda com o cachorro fantasma Bub e Neil. Neil tinha muito mais energia do que Norman acreditava e eles brincaram quase até a hora do jantar. O sr. Freynman tinha trabalhado mais em casa e Norman ainda tinha falas para decorar para a peça. A apresentação era dali a apenas dois dias. Agora estava ficando tarde e ele simplesmente não tinha energia para uma discussão acadêmica com Salma.

— Mas se nós vamos ser parceiros de laboratório, tenho que ter certeza de que concordaremos em termos de aparato de trabalho — Salma estava dizendo. — E não apenas estruturalmente, mas cognitiva e perceptivamente. Norman? Norman?

Norman recolocou o telefone na orelha, assustado.

— Desculpe. Eu caí no sono.

— Não é esse tipo de cognição e percepção que estou procurando...

— Salma, posso conversar sobre isso com você na escola? Preciso dormir. As coisas estão meio... estressantes para mim, no momento.

Salma suspirou. Como uma aluna quase perfeita cujos pais reclamavam quando não viam um + depois de um *A*, e uma pessoa que recebia mais do que uma dose de tortura diária de Alvin e seus capangas, ela sabia muito bem o que Norman queria dizer com *estresse*.

— Tá bom, conversamos amanhã — disse ela. — Vá descansar.

Norman caiu no sono ali mesmo, na mesa. Mas ele conseguiu se arrastar até a cama, como um zumbi, e cair de cara no travesseiro sem nem ao menos tirar os sapatos.

Infelizmente, seu sono não ficou livre do estresse. Ele começou a sonhar com o sr. Prenderghast novamente.

No sonho, o velho estava andando num escritório decrépito cheio de lixo, ofegando, chiando e murmurando para si mesmo.

— Ele acha que pode se esconder atrás de seu amigo gordo e esquisito, não é? Vou mostrar para ele. Ele não pode mais fingir que eu não existo.

O sr. Prenderghast remexeu num saco de papéis empilhados numa velha

mesa. Ele segurou um velho livro de couro com uma capa familiar, mostrando uma jovem mulher sob várias estrelas.

— Aqui está! Ele vai levar isso, quer ele queira ou não, garotinho estúpido. Será que ele não percebe que estamos ficando sem tempo?

No sonho, Norman viu toda a cena como se estivesse no cômodo com o sr. Prenderghast. Tudo aquilo passava uma sensação estranha, super-realista, como se Norman tivesse entrado num documentário dentro de uma TV bem grande.

De repente, o sr. Prenderghast deu um gemido estranho, agarrou o livro perto do peito, e gritou:

— Ainda não!

E depois caiu no chão como uma pedra. Quase imediatamente, uma corrente de esferas fantasmagóricas espectrais surgiu de seu corpo, recriando suas formas em luz translúcida, uma forma que cambaleou até ficar em pé.

— Oh, droga — lamentou o fantasma do sr. Prenderghast. — Estiquei as canelas.

Norman abriu os olhos por um momento e foi o suficiente para pensar, "*que sonho mais esquisito e confuso*". Daí, dormiu novamente.

Desta vez, teve um sonho mais comum. Ele estava no palco na primeira cena da peça e não conseguia se lembrar das falas. A sra. Henscher estava gritando com ele e todo mundo na plateia estava rindo. Norman podia ver Alvin e Mitch na primeira fileira, vaiando e apontando. Ele olhou para baixo e percebeu que tinha acidentalmente subido no palco usando apenas suas cuecas.

Ótimo.

****

Antes da apresentação no dia do aniversário do julgamento, duas noites mais tarde, Norman lembrou-se de seu sonho. Enquanto estava nas coxias, ele checou cuidadosamente para ter certeza de que estava vestindo todo seu figurino. Os assentos estavam lotados e a sra. Henscher estava andando por todos os lugares, disparando ordens para todos. Neil e Salma estavam ensaiando algumas falas perto do bebedouro, mas Norman não se juntou à eles. Ele não sentia vontade de falar seu texto até quando fosse absolutamente necessário. Quando a sra. Henscher começou a sussurrar "Cada um no seu lugar!", Norman sabia que seu silêncio tinha acabado. *Vamos logo acabar com isso e eu posso ir para casa*, pensou Norman. *Sem*

problema. Mas ele estava errado. Daquele momento em diante, as coisas começaram a dar terrivelmente e vergonhosamente errado, mesmo para os padrões de Norman.

As luzes iluminaram Norman, que estava ali, encarando a plateia por um momento, seus olhos gradualmente focando até conseguir distinguir as figuras de seus pais manejando uma filmadora na primeira fila. Felizmente, ele ainda não tinha nenhuma fala. O fardo caía sobre Salma, e porque ela tinha uma memória fotogênica, Norman não estava preocupado com ela. Do outro lado do palco, estava Neil, emoldurado por uma enorme construção em isopor, com membros pretos e marrons, que deveriam se parecer com uma árvore.

Salma ficou em pé no centro do palco com sua fantasia ridícula de bruxa, que fazia com que se parecesse mais com um vilão convidado especial de uma história em quadrinhos do que uma figura histórica. Os que representavam os Sete Peregrinos jurados estavam num semicírculo ao redor dela. Eles tinham acabado de condenar a bruxa, personagem de Salma, à morte e estavam sorrindo alegremente e esperando que ela terminasse sua última fala para que pudessem matá-la.

— Eu lanço uma maldição sobre vocês! — gritou Salma, mostrando o aparelho enquanto mostrava os dentes para seus acusadores. — Vocês irão morrer uma morte horrível e apavorante, depois irão levantar de seus túmulos como mortos-vivos! Eu amaldiçoo suas almas a uma eternidade de danação, e seus corpos a uma mortificação eterna!

Norman respirou fundo. Os sete jurados tinham que começar a gritar "matem a bruxa" por um tempo e depois haveria uma mudança nas luzes, quando Salma sairia do palco e seria dada como morta, porque não se podia mostrar uma coisa dessas. Era quando Norman devia começar a falar. Assim que os sete começaram a gritar em coro, Norman ouviu a voz inconfundível de sua mãe guinchar:

— Perry, eles não são uma graça?

Então Norman ouviu outra coisa. Um pio baixo.

Norman olhou para cima e viu uma coruja com grandes olhos brilhantes encarando-o lá de cima de uma viga do telhado do ginásio. Será que ele estava alucinando? O que aquela coruja enorme estava fazendo ali, como tinha conseguido entrar? Talvez as luzes estivessem confundindo seus olhos. Norman piscou, depois olhou para o chão, depois para o teto novamente. A coruja ainda estava lá. Piou novamente, depois abriu as asas e deu um rasante no palco, bem em

cima da cabeça espantada de Norman. A coruja pousou em um dos galhos de isopor de Neil. Neil olhou para Norman confuso e levantou as sobrancelhas num silencioso "qual é o problema?". *Neil está cego?*

O som dos peregrinos gritando "matem a bruxa" começou a ficar mais baixo, como se alguém jogasse um travesseiro gigante no palco. A vista de Norman ficou embaçada. As figuras do coro e da plateia saíram de foco, embaçadas como um dedo esfumando um desenho. O teto do ginásio desintegrou-se num céu cheio de nuvens e raios.

— Oh-oh — sussurrou Norman.

O ginásio, o palco, até mesmo Salma e Neil, tinha desaparecido.

Norman estava numa floresta escura no meio de uma tempestade. O vento assobiava através dos galhos e raios cortavam o céu. Através dos grossos troncos das árvores, ele conseguia ver pontos de luz amarela à distância. Ele sabia que estava na parte velha da floresta, perto do Morro da Maçaneta, fora da cidade.

Norman escutou o som de alguma coisa sendo arrastada no matagal atrás dele.

— Bruxa! Saia daí! Nós vamos encontrar você! — gritou uma voz masculina.

Norman congelou,o coração batendo loucamente.

— Bruxa! — gritou uma voz feminina. — Estamos indo pegar você!

Norman escutou galhos se quebrando. Então, de repente, uma mulher apareceu por entre as árvores bem na frente dele. Ela estava usando uma roupa de peregrino, preta e pesada, e isso não era fantasia. Fios de cabelo tinham se soltado e seus olhos estavam histéricos e esbugalhados. Ela parou imediatamente quando deu de cara com Norman. Ele balançou a cabeça, dando um olhar silencioso de súplica.

— A bruxa está aqui! — gritou a mulher. — Eu encontrei a bruxa!

Norman sentiu as entranhas virarem geleia.

— Não — ele tentou dizer, mas não saiu nada de sua boca a não ser uma arfada.

Mais galhos se quebraram e dois homens apareceram, abrindo caminho entre as folhagens próximas à mulher. Eles carregavam ancinhos e tochas, e um deles tinha um rolo de corda nos ombros.

— Morra, bruxa! — gritou um deles.

Norman gritou de medo e deu meia-volta, correndo na direção oposta sem saber para onde estava indo. Ele deu sete ou oito passos antes de bater a cara num

enorme tronco rústico de uma gigantesca árvore velha. No centro do tronco estava um nó de madeira que se abria como uma boca.

— Os mortos estão chegando — sussurrou a árvore.

Norman gritou novamente, batendo na árvore com as mãos, mas ele estava com medo de se virar e dar de cara com seus perseguidores.

— Norman? Você está bem?

Ele ouviu de repente uma voz familiar vindo da árvore.

Norman piscou rapidamente, suas mãos ainda empurrando a árvore. Mas o barulho estava mais baixo e no lugar do buraco na árvore tinha aparecido um rosto familiar. Neil Downe estava espiando de dentro da velha árvore, suas sobrancelhas ruivas franzidas de preocupação.

— Alguma coisa errada? — perguntou Neil.

E antes que pudesse se controlar, Norman respondeu. E ele não falou, apenas. Ele berrou. Bem ali, na frente de Salma e Neil, de seus pais e de praticamente metade de Blithe Hollow, Norman Babcock jogou a cabeça para trás e gritou com toda a força de seus pulmões:

— *Os mortos estão chegando!*

****

Depois disso, não havia mesmo jeito que pudesse salvar aquela situação. Norman tinha se acostumado a assustar as pessoas, mas isso era ultrapassar os limites, mesmo os dele. Empurrando Neil, tirando-o do caminho, Norman tentou correr para trás do cenário, mas ficou confuso com a cenografia da floresta e acabou rastejando para fora do palco. E aterrissou com um baque no chão do ginásio, em frente a um par de sapatos familiares na primeira fila.

— Isso é parte da peça, certo, Norman? Por favor, me diga que *tudo isso é parte da peça*, filho! — falou uma voz ligeiramente histérica.

— Norman, meu Deus! Você se machucou? — ele escutou a mãe perguntar.

— Cara, você disse que os mortos estão chegando? — gritou outra voz.

Essa voz soava suspeitamente parecida com a de Mitch, o irmão fortão de Neil.

— Quem disse que os mortos estão chegando? — perguntou outra pessoa, e

daí as vozes se misturaram num burburinho confuso.

Uma gota de medo real começou a se espalhar pela multidão.

Norman levantou-se e encarou a plateia, desafiador.

— Sim, os mortos *estão* chegando.

Rostos se viraram para olhar para Norman e então ele explicou.

— A árvore me contou!

Em termos puramente lógicos, não era a melhor explicação que Norman podia ter dado. Ele olhou para Neil em sua fantasia estúpida de árvore. Mas o rosto de Neil estava vermelho e ele encarava o chão. Ele até balançou a cabeça um pouquinho.

A plateia irrompeu em ataques de riso. O sr. Babcock levantou-se e rapidamente agarrou o braço de Norman.

— Estamos indo embora — rebateu ele. — Todos nós. Sandra, vamos.

Norman deixou o pai arrastá-lo para fora do ginásio porque não via nenhuma vantagem em ficar para trás. Ele olhou por cima do ombro por tempo suficiente para registrar os rostos aturdidos de Salma e Neil sobre o palco. E ele pensava que podia ter amigos. Então tudo ficou embaçado até que a porta se fechou atrás dele e o vento frio da noite no estacionamento o fez sentir, finalmente, que ele podia não estar perdendo a cabeça.

— Norman, você perdeu a cabeça? — atacou seu pai, destrancado o carro com um olhar ameaçador.

— Não — respondeu Norman, mas seu pai recomeçou a falar.

— Uma coisa é agir como um completo maluco dentro da privacidade de nosso lar, mas isso foi na frente de metade da droga da cidade! E quando estavam começando a esquecer do que tinha acontecido no velório da vovó! Vamos esclarecer uma coisa agora mesmo, Norman Babcock: você *não* vai mais falar de zumbis, da vovó, ou de... O que era a outra coisa?

— Árvores — ajudou a sra. Babcock, sentando-se no banco do passageiro.

— Árvores falantes. Pelo amor de Deus! — disse o sr. Babock, ameaçador. — Você está de *castigo*. Escutou?

Norman bateu a porta de trás do carro e, como num ato de rebeldia, não colocou o cinto de segurança.

— De castigo? — perguntou ele, incrédulo. — Por quê? Por ser eu mesmo? Porque, para sua informação, eu *não* pedi para nascer assim!

— É, bem, nós não pedimos para você nascer assim também — murmurou o

sr. Babcock.

Verdade, pensou Norman, tristemente encolhido no banco de trás, é exatamente esse o problema aqui.

O banheiro estava assombrado agora?

O que viria a seguir?

Capítulo 7

Norman pensava que tinha visto tudo.

Ele pensava que tinha visto seu pai o mais decepcionado possível no velório. Mas a severa bronca que Norman recebera na noite anterior depois da peça humilhava todas as outras broncas que Perry Babcock tinha dado. Até Courtney lhe passou um sermão, mesmo que ela não tivesse estado na apresentação, porque ela estava no treinamento das animadoras de torcida. E se Norman pensava que tinha recebido o pior tratamento dos valentões de Blithe Hollow na escola, hoje ele ia ver que tinha se enganado. Talvez porque ele tinha feito tudo sobre o palco, na frente de todo mundo, ou talvez porque tivesse alguma coisa a ver com a lenda da maldição da bruxa e o dia do grande aniversário estava quase chegando, mas a cidade inteira parecia estar a beira de um ataque de nervos sobre o assunto e sobre Norman.

Norman abriu a porta do banheiro dos garotos, tentando escapar das altas e alegres discussões sobre seu "desempenho" na peça, as quais estavam acontecendo ao longo do corredor principal da escola.

Dois dos capangas de Alvin trombaram com Norman quando saíam do banheiro. Um deles puxou a orelha de Norman e o outro agarrou o braço dele como se não fosse largar nunca mais.

— Vejam só quem está aqui! Então, a árvore lhe disse alguma outra coisa hoje, Norm? — perguntou o que estava segurando sua orelha.

O Capanga Número 2, um modelo de roupas esportivas e má higiene bucal, deu uma risada e apertou ainda mais o braço de Norman.

— É, tem um arbusto do lado de fora da escola... Você acha que pode perguntar se os Yankees vão vencer hoje à noite?

— Ah, é, e Babcock, será que você pode me dizer exatamente a que horas os mortos vão chegar? Para que eu, hum, não esteja no telefone ou ocupado com outra coisa? — gritou o Capanga Número 1.

Norman arrancou o braço das mãos dele e abriu caminho para entrar do banheiro, fechando a porta na cara dos capangas.

— Idiotas — murmurou ele.

Norman suspirou e apoiou-se na parede de cerâmica verde clara, escutando

os pingos em uma das pias.

O som das risadas irrompia através da porta, e Norman entrou num dos cubículos e trancou a porta. Isso estava ficando demais, até mesmo para ele. Ele precisava ficar sozinho, mesmo que fosse apenas por alguns minutos. *Eu preciso me recompor*, pensou ele.

A porta do banheiro se abriu, e alguém entrou. Sem pensar, Norman subiu na caixa de água da privada, fechando silenciosamente a tampa e colocando os pés por cima. Ele prendeu a respiração, esperando que sua presença passasse despercebida. Depois de um momento, Norman escutou alguém entrar na cabine ao lado. Ele soltou um pequeno suspiro de alívio. Paz, pelo menos por um momento.

Mas, pelo jeito, um momento era tudo que Norman conseguiria.

Enquanto estava sentado em cima da privada, os olhos de Norman examinaram o rolo de papel de tamanho industrial na parede ao lado. Um pedaço de papel estava pendurado e balançava com a brisa.

Só que não havia brisa.

Sem conseguir tirar os olhos daquilo, Norman observou o papel enrolar-se gentilmente para cima e para baixo, e depois ser puxado violentamente, fazendo com que o rolo inteiro se desenrolasse rapidamente. Papel higiênico espalhado por todos os lados, como se fosse chantili. Que diabos estava acontecendo?

Naquele momento, a privada sobre a qual Norman estava sentado começou a sacudir violentamente. A água começou a espirrar por baixo da tampa, molhando o chão. Norman levantou os pés, encolhendo-se apavorado sobre a caixa de água. Ele pensou que talvez tivesse escutado um grito assustado na outra cabine, mas a água borbulhante estava se espalhando pelo chão e fazendo muito barulho. O banheiro estava assombrado agora? O que viria a seguir? O que quer que fosse, Norman sabia que, definitivamente, não seria bom.

Enquanto se equilibrava sobre a caixa, Norman observou horrorizado que a tampa da privada começou a ser aberta, fazendo um barulho de porta enferrujada. Ele apertou os olhos bem fechados por um instante, desejando que toda aquela cena desaparecesse. Quando abriu os olhos, o que ele esperava que fosse um sonho ruim tinha se metamorfoseado no mais terrível dos pesadelos.

Ali, na frente da privada, encarando-o, estava o rosto amarelo esverdeado do velho sr. Prenderghast.

Norman engasgou em choque quando um braço saiu de dentro da privada, seguido por outro. Enquanto a água espirrava por toda a parte, o velho, ou o

fantasma para ser mais preciso, se deslocava para fora da privada e ficava em pé monstruosamente, pingando nos velhos azulejos do chão.

— Hã... Você está morto — sussurrou Norman. — Eu vi você morrer em meu sonho.

— E daí? — rebateu Prenderghast. — Tenho negócios inacabados aqui. Os mortos às vezes têm, você sabe.

O que os mortos *não* costumavam fazer era aparecer dentro da privada do banheiro masculino. Normalmente eles não saíam de nenhum tipo de encanamento.

— Eu sei — disse Norman, baixinho. — Mas essa privada já está ocupada.

— Você não quis me escutar enquanto eu estava vivo então tenho que fazer o que tenho que fazer agora que estou morto e isso significa que vou fazer você me escutar — rosnou Prenderghast.

— Eu não sei do que você está falando — disse Norman, encolhendo-se ainda mais para tentar evitar os respingos.

— Porque você nunca *escutou* enquanto eu estava vivo — gritou o fantasma. — E aquela sua família estúpida me proibiu de chegar perto de você! Olhe, eu não fiquei muito animado ao saber que era *você*, que o último membro vivo desta família que podia falar com os mortos era um Babcock. Mas alguém tem que fazer o meu trabalho e é você, cara! E eu irei atormentá-lo daqui até o purgatório e todo o caminho de volta até você *escutar*!

— Escutar o quê? — sussurrou Norman. — Fazer que trabalho?

Prenderghast franziu as sobrancelhas transparentes. A água da privada brilhava sobre elas.

— O trabalho de impedi-la todos os anos — disse o fantasma.

— Impedir quem?

Prenderghast bateu o pé, impacientemente, espirrando água nos sapatos de Norman.

— A bruxa! — gritou ele. — Como alguém com orelhas tão grandes quanto as suas pode ser surdo? A bruxa se levanta todos os anos no aniversário de sua execução e ela não se levanta de bom humor. Ela se levanta bem irritada e convoca todos os membros da cidade ligados à sua morte e os força a sair de seus túmulos. Todos os anos, desde que começou a acontecer, alguém da família que tem o dom da clarividência tem que aparecer e colocá-la de volta para dormir. Nos últimos cinquenta anos, fui eu que fiz isso. Você acha que eu vivia perto daquele cemitério

porque gostava? E adivinhe só, garoto! Agora é a sua vez!

Norman encarou Prenderghast. Além de parecer morto, o velho também não cheirava muito bem. E ter saído de dentro de uma privada não tinha ajudado em nada.

— Mas eu não sei fazer isso... Sou só um garoto! — protestou Norman, enrugando o nariz.

— Não importa a sua idade! — rebateu o fantasma. — O trabalho chegou para você, e você tem que executá-lo. É assim que sempre foi. Você não faz seu trabalho, ela acaba com toda essa cidade!

Norman ficou espantado. O cara tinha acabado de sair da privada, sim. Isso chama a atenção de qualquer um. Mas, mesmo assim, aquilo não soava bem. Não soava bem *mesmo*.

— Parar a bruxa agora? — perguntou Norman.

— Você deve ir ao lugar onde a bruxa está enterrada e ler o livro!

Norman esperou por uma explicação que não veio.

— Hum, que livro? — perguntou ele.

Prenderghast deu um gemido irritado alto e molhado.

— O livro em minhas mãos! — berrou, esticando as duas mãos murchas, ossudas e bem vazias na frente do rosto de Norman.

— Suas mãos estão vazias — sussurrou Norman.

— Não estas mãos, minhas mãos *de verdade*! — gritou Prenderghast. — As mãos em meu corpo!

— E seu corpo está...

De repente, Norman lembrou-se do sonho que tivera. Ai, ai. Será que ele precisava acreditar que o corpo do velho homem ainda estava ali esticado no quarto escuro onde tinha caído alguns dias antes?

— Em minha casa, perto do cemitério, no chão do escritório — disse Prenderghast. — Não que alguém irá querer me procurar... Ninguém visita um guardador de criptas. Mas você tem que ir lá, Norman Babcock, e você precisa pegar aquele livro.

— Hum, eu certamente irei tentar — disse Norman, pensando se tinha algum jeito de fugir de Prenderghast e escapar daquele cubículo inundado.

— Você não pode "tentar"... Você deve *conseguir*! — esbravejou o fantasma. — Antes de o sol se pôr hoje à noite, ou a bruxa irá levantar o exército dos mortos e eles irão devorar tudo em seu caminho! Jure!

Num frenesi, Prenderghast virou de cabeça para baixo e flutuou bem em frente ao rosto de Norman. Um pedaço de papel pendia de sua orelha.

— Tá bom, tá bom — disse Norman. — Eu juro. Mas o que eu faço com o...

O fantasma do tio-avô de Norman, Prenderghast, começou imediatamente a desaparecer, borbulhando e enrolando as pontas como uma fotografia antiga.

— Meu trabalho aqui está finalizado. Liberdade! — exclamou Prenderghast, exultante.

— Espere um minuto! — gritou Norman. — Você não me disse o que fazer com o livro. Você não me disse nada!

A imagem desfeita do velho homem ainda permaneceu no ar por alguns instantes e então explodiu em raios de luz, deixando para trás apenas seu cacarejar baixinho.

— Só pode ser brincadeira — murmurou Norman.

Depois de um momento, quando nada mais saiu da privada, Norman cuidadosamente desceu da caixa de água, abriu a porta do cubículo e deu uns passos tímidos para fora. Ele percebeu duas coisas mais ou menos ao mesmo tempo.

A primeira era que o espelho em cima da pequena pia tinha rachado ao meio.

A segunda, que o ocupante do segundo cubículo estava agora bem no meio do banheiro, parecendo confuso, olhando para o cubículo ainda inundado com a boca bem aberta.

— Oh, olá, Alvin — disse Norman, enquanto Alvin não tirava os olhos da privada. — O, hum... cara que veio antes de mim que fez isso.

Sem dar tempo para que Alvin se recuperasse, e ele certamente se recuperaria e se lembraria de que tinha que dar uma surra nele, Norman colocou a mochila sobre os ombros e correu para fora do banheiro dos meninos.

– Quem entrou na sua cripta e morreu? – perguntou a vovó.

Capítulo 8

Norman andou pelo quarto, a mente a mil por hora. Ele tinha sido dispensado da escola logo depois do acidente do fantasma na privada, após ter ido à enfermaria e fingido que estava com algum problema no estômago que o fazia vomitar. Tendo acabado de ver seu tio-avô Prenderghast saindo de uma privada borbulhante, sua desculpa não era tão longe da realidade assim.

Agora já caía a tarde e seus pais tinham acabado de sair para jantar... E Norman sentia-se tão agitado e desconfortável quanto tinha se sentido pela manhã.

— Vovó Babcock? Você está por aqui? — chamou Norman, cuidadosamente.

Mas não houve nenhuma resposta.

— Ótimo! — murmurou ele. — Até os mortos estão me evitando agora!

O que ele deveria fazer com a informação que recebera de Prenderghast? O fantasma não ficou por ali tempo suficiente para explicar o que era esse tal livro e como isso impediria a bruxa de se levantar em seu 3000 aniversário. E o que significava um exército de mortos? Sinistro...

Talvez o tio-avô Prenderghast tivesse um bizarro senso de humor, pensou Norman, *e poderia isso ser sua grande piada de despedida?*

Alguma coisa na escrivaninha de Norman começou a bipar e ele deu um pulo, assustado.

O bipe vinha de seu telefone celular. Norman andou até lá e pegou o aparelho. Olhando para a tela, leu: VÁ ATÉ A JANELA.

O coração de Norman acelerou e seu estômago se encolheu. Será que Prenderghast estava desistindo das privadas e invadindo celulares?

Mas quando ele foi até a janela, viu uma única figura em pé no jardim, o rosto escondido sob uma máscara de hóquei, os olhos, dois buracos negros e assustadores.

O coração de Norman bateu ainda mais rápido. O que era isso? Era como aquele filme com o cara com a máscara de hóquei... Por que ele não conseguia se lembrar do nome do filme? Ele tinha visto umas vinte vezes.

Enquanto sua mente ia a mil por hora, a figura no jardim ergueu uma mão fofa e acenou, depois tirou a máscara de hóquei do rosto. Norman soltou um

profundo suspiro de alívio e balançou a cabeça.

— Neil, o que você está fazendo? — gritou Norman, abrindo a janela.

— Você recebeu minha mensagem? — respondeu Neil. — Eu também enfiei um bilhete embaixo da sua porta, só para garantir. Eu pensei que você quisesse jogar um pouco de hóquei ou sei lá. Ou podemos brincar com Bub de novo!

Norman suspirou.

— Olhe, sem ofensa, mas eu tenho coisas mais importantes em minha mente nesse momento — disse Norman.

— É sobre pessoas mortas? — perguntou Neil.

Norman pensou em fechar a janela e simplesmente ignorar Neil. Mas então achou que seria melhor apenas contar a verdade. Ele estava um grude e a verdade poderia espantá-lo de uma vez por todas.

— Lembra aquele cara do cemitério que vimos? Meu tio-avô Prenderghast? Ele morreu e seu fantasma saiu da privada para falar comigo no banheiro masculino — disse Norman, esperando que seus vizinhos não estivessem no quintal para escutar isso.

Neil deixou a máscara de hóquei cair na grama e encarou Norman, a boca um pouco aberta.

— Hã... Sério? — perguntou ele.

— Sério — respondeu Norman, tentando entender porque ele ainda não estava andando para trás tentando escapar da esquisitice que era Norman Babcock.

— Isso não parece muito higiênico — disse Neil. — Quer dizer, ele deve ter violado uns vinte códigos de higiene e segurança.

— Ele está morto, Neil — observou Norman. — Ele não se importa.

— Bem, o que ele queria?

Norman hesitou. Ele tinha contado a verdade até agora, então era melhor continuar com ela.

— Ele disse que a maldição da bruxa é real e que seu trabalho era ficar de olho nela e colocá-la de volta no sono eterno todos os anos em seu aniversário. Ele disse que é *meu* trabalho agora. Se eu não levar um livro até o velho cemitério hoje à noite, antes do pôr do sol, um exército de mortos irá se levantar e acabar com nossa cidade.

Neil alterava o peso entre um pé e outro, sua sobrancelha enrugada de preocupação.

— Uau! — exclamou. — Isso é épico, Norman. Você tem certeza de que não

quer jogar um pouco de hóquei?

Seu intestino sensível faz com que você também seja estúpido?, Norman se perguntou.

— Você não acabou de escutar o que eu disse? — perguntou Norman.

— Sim, eu escutei — respondeu Neil. — Eu só pensei que minha ideia não faria com que nós fôssemos devorados por mortos-vivos.

Oh, ótimo.

— Neil, não há "nós" aqui. Eu tenho que descobrir o que eu tenho que fazer sozinho. Vá para casa e ajude seu irmão, Mitch. Ele deve estar entalado embaixo da van de novo.

— Mas...

— Vá para casa, Neil — disse Norman, fechando a janela com tudo.

Ele se virou para olhar para o quarto e quase trombou com uma coisa pairando bem atrás dele.

— Aaahh! Vovó! — exclamou Norman.

A avó, usando o mesmo abrigo esportivo pink e azul que usava todos os dias, o encarava com os olhos maquiados com sombra azul. Norman podia ver o pôster de *Aurora dos mortos* claramente através da cabeça dela, atrás de seus brincos de pérola.

— Meu Deus, quem te irritou tanto assim? — perguntou a vovó Babcock.

De repente, Norman ficou cansado de tudo aquilo: dos mortos-vivos em geral, e especialmente de seu assustador tio-avô Prenderghast. Ele não queria falar mais disso.

— Ninguém — murmurou Norman, indo até sua cama e desabando.

— Quem entrou na sua cripta e morreu? — perguntou a vovó, sentando-se na cama ao lado dele.

No corredor, Norman podia escutar o som de sua irmã cantando no banheiro, coisa que ela fazia frequentemente quando estava se maquiando ou atacando sua cabeleira loura com coisas para cabelo. As coisas estavam bem tensas em casa depois do fiasco da peça, até mesmo com sua irmã. Norman falou um pouco mais baixo.

— Meu pai diz que eu não devo mais falar com você — disse ele, baixinho.

— Bobagem" — rebateu a vovó Babcock. — O homem é um perfeito idiota. Se eu fosse um Poltergeist, gastaria todo o meu tempo jogando coisas na cabeça dele. Eu já tenho problemas suficientes, a última coisa que eu preciso é que você

pare de falar comigo. Eu deveria estar namorando com seu avô no paraíso, sabia disso? Mas não estou.

Isso era uma coisa que Norman sempre se perguntou. Ele se sentou para ficar bem ao lado da avó.

— Então, por que você decidiu ficar depois que morreu? — perguntou ele.

— Oh, eu nunca fui muito de ficar namorando, para dizer a verdade — disse ela. — E aposto que não tem canal de filmes ou jogo de canastra por lá. Além disso, eu gosto mesmo daqui. Eu tenho bastante o que fazer cuidando de você.

— Cuidando de mim? — perguntou Norman.

— Claro! Você sabe, para que você fique bem. Assistindo aos filmes de zumbis. Vendo quando seus pais agem como palhaços. O que eu puder fazer. Todo mundo precisa de um pouco de ajuda às vezes.

Norman caiu deitado na cama, toda a energia de repente sugada de seu corpo.

— Fale isso de novo — pediu ele à avó.

— Todo mundo precisa de um pouco de ajuda às vezes — repetiu ela. — E nunca cometa o erro de ter medo de pedir ajuda. É para isso que existem sua família e seus amigos, e não há nada mais importante que isso. Mas você é um garoto incrível. Da minha parte, tenho total confiança em você.

Por alguma razão, as palavras da vovó Babock fizeram Norman se sentir melhor. Ele não precisava ficar sozinho naquela história toda. Talvez fosse melhor não ficar.

— Não tem nada de errado em ficar com medo, Norman — continuou ela. — Mas não deixe que isso mude quem você é.

Ele esticou-se para pegar a mão da avó, mas ela estava desaparecendo através de uma parede. Enquanto passava pela parede, ela acenou.

— Adeus... — disse Norman para a parede do quarto vazio.

Então, sentou-se na cama, perdido em pensamentos.

As coisas pareciam mais fáceis quando a vovó Babcock estava por perto. *Acho que falo mais com ela agora do que quando estava viva*, pensou Norman. Ela era uma senhorinha, não tinha superpoderes, nem nada. Mas ela sempre fazia as coisas parecerem um pouco mais fáceis. Só por estar ali.

Alguma coisa o fez pensar em Neil ali no jardim, com aquela estúpida máscara de hóquei. Nos últimos tempos, parecia que todas as vezes que Norman se virava, Neil estava ali.

E ao se dar conta disso, Norman não se sentiu irritado. Nem um pouquinho.

— Eu consigo fazer isso — Norman disse para si mesmo.

Então, levantou-se, agarrou a jaqueta e saiu do quarto. Descendo as escadas, passou por Courtney, que estava enrolada num robe pink cheio de babados e com o celular brilhante colado na orelha.

— Então, eu disse para ela, "Garota, fale comigo quando a seu vídeo atingir 12 mil visualizações no You Tube". É, não, eu falei isso mesmo. Oh, não posso mesmo. Estou presa aqui de babá. A noite vai ser um tédio total.

Norman deu a volta por ela, puxando a jaqueta pelos degraus. Ela lançou-lhe um olhar levemente enojado. *Por que o cabelo dele sempre tem que ficar espetado assim?* Parecia que tinha sido pendurado de cabeça para baixo para secar. Estamos na América, a terra do gel. Será que ele morreria se usasse um pouco?

— Ei, o que você acha que está fazendo? — gritou Courtney. — Não, desculpe... Estou falando com meu irmão desequilibrado mentalmente. Ele está fazendo alguma coisa lá embaixo.

Norman abriu a porta da frente e saiu no ar fresco do outono.

O som da voz de Courtney foi interrompido bruscamente quando Norman bateu a porta.

Norman parou um momento nos degraus, puxando o zíper da jaqueta. Então, respirou fundo e pegou a bicicleta que tinha deixado no meio do caminho para a garagem.

— Tá bom! — disse ele em voz alta. — Vamos fazer esse negócio.

****

Agora que tinha resolvido, Norman estava determinado a fazer o que devia fazer o mais rápido possível. Ele foi de bicicleta, como um louco, pedalando o mais rápido quanto era fisicamente possível. Quando passou voando pela ponte sobre a Rua Principal, tirou os olhos da rua por um momento para ver se tinha se lembrado de colocar o celular na cintura. Quando olhou para a frente novamente, viu Alvin alguns metros na frente dele, perto de uma caixa de som fazendo uma dança que mais parecia um transe, enquanto duas garotas entediadas observavam. Norman fez uma curva aberta para evitar trombar com as garotas e passou tão perto de Alvin que acidentalmente enganchou nele. Ele escutou um revoltado "Ei!", seguido por um barulho de batida que parecia uma caixa de som caindo no chão, mas Norman acelerou mesmo assim, sem olhar para trás. Norman Babcock

tinha um peixe muito maior que Alvin para pegar hoje à noite, com ou sem seus capangas.

O caminho enlameado que dava na casa de Prenderghast ziguezagueava por gramados. O repentino silêncio e a falta de civilização eram enervantes, assim como saber que no fim daquele caminho lamacento ficava o velho cemitério e, depois dele, uma vasta floresta, densa e antiga.

— É entrar e sair — Norman disse a si mesmo, derrapando até parar na terra em frente à velha e torta caixa de correios onde mal se lia PRENDERGHAST de um dos lados. Uma velha e quase desintegrada bandeirinha de metal estava erguida ao lado da caixa. *Será que esse cara recebe muitas cartas?*

A casa era muito antiga, com uma estrutura decrépita de madeira podre. O telhado debruçava-se sobre a frente da casa como se tivesse desistido há muito tempo. A construção parecia despencar e dos dois lados da casa havia apenas duas pequenas janelas, como se ninguém do lado de fora fosse querer olhar para dentro e ninguém do lado de dentro se importasse em olhar para fora. Não parecia um lugar feliz.

Norman apoiou a bicicleta na caixa de correio e subiu os degraus que davam para a porta principal devagar. Ele já tinha passado por aqui andando de bicicleta várias vezes, mas nunca tinha chegado perto assim. A pequena varanda da frente parecia à beira do colapso. A casa toda cheirava a podridão e decadência. Lá era o último lugar no mundo em que Norman Babcock queria entrar.

Mas ele tinha que entrar. Ele abriu a porta da frente, esperando que aquilo não fosse a última coisa que faria neste mundo.

Assim que entrou, percebeu a total escuridão, como se a casa tivesse sugado toda a luz do mundo. Norman tateou a procura do telefone celular, o coração disparado. Ele tirou o aparelho do cinto e ligou-o, a luz azulada iluminando o papel de parede apagado e os tacos rachados no chão. A casa cheirava a pó e pior: comida estragada ou alguma coisa que não tinha sido lavada há dez ou vinte anos.

— Olá? — gritou Norman.

Ele se arrependeu no mesmo instante de ter feito isso. Norman já tinha visto filmes de terror suficientes para saber que quando você entra numa casa assustadora você nunca pode gritar "olá". Era praticamente uma garantia que você seria cortado em dois por um maníaco com um serrote.

A sala estava cheia de lixo e a luz do telefone iluminou pedaços de coisas bizarras: um carrinho de supermercado com um manequim dentro, uma pilha de

máquinas de escrever quebradas, uma grande bolsa que parecia cheia de colheres. Norman andou cuidadosamente ao redor de um pequeno monte de partes de bonecas, depois paralisou quando a luz projetou a sombra de um ursinho de pelúcia jogado no chão. Por um momento, o ursinho pareceu se mexer, mas deve ter sido uma ilusão de ótica.

Como um bicho de pelúcia tinha acabado num chiqueiro como esse? Norman sentiu-se um pouco triste pelo ursinho até o momento que percebeu claramente um espasmo no braço, seguido por um espasmo na perna. O coração de Norman começou a bater loucamente, mas ele não conseguia tirar os olhos do ursinho. Enquanto ele dava um passo para trás, o ursinho abriu a boca e um enxame de traças saindo voando. No mesmo instante, a luz de seu celular oscilou e apagou.

Norman gritou e pulou para trás, debatendo-se com os braços no ar, estremecendo ao sentir pequenas asas e corpos chocando-se contra seu rosto na escuridão.

Mexa-se!, Norman ordenou a si mesmo. *Ache o quarto do sonho!*

À medida que os olhos de Norman se acostumavam com a escuridão, ele percebeu uma luz fraca no fim do corredor. Ele andou cuidadosamente na direção da luz, usando a parede como guia, esperando que ali houvesse uma porta que se abriria para o quarto que estava procurando. Quando chegou ao lugar de onde vinha a fenda de luz no chão, suas mãos sentiram a madeira macia de uma porta e uma fria maçaneta redonda. Norman virou a maçaneta e abriu a porta.

Quando entrou no quarto, imediatamente soube que era o quarto de seus sonhos. Mesmo que as janelas estivessem cobertas por grossas cortinas, entrava luz suficiente para que ele pudesse ver os arredores com detalhes.

— Que lixo! — murmurou Norman, olhando ao redor.

O quarto era um escritório ou uma sala de estudos e estava cheia de lixo até o teto. Caixas estavam empilhadas precariamente umas sobre as outras. Jornais cobriam o chão. Num canto, estava montada uma velha cama de metal, com uma colcha suja e um travesseiro manchado em cima.

— Ele, tipo, vivia aqui? — perguntou-se Norman. — Esse cara era *mesmo* louco.

Norman tentou dar vários passos na direção do centro do quarto, passando pela mesa que tinha visto em seu sonho. Ainda estava coberta por fotos da sua família e de fotos do próprio Norman.

Sinistro, pensou Norman.

Seu pé bateu num velho tapete enrolado no centro do quarto. Assim que Norman passou por cima dele, percebeu assustado que a coisa no chão não era tapete nenhum.

Eram os restos mortais de seu tio-avô Prenderghast.

Norman fez uma careta e se forçou a permanecer ali. Ele estava acostumado a lidar com mortos, claro. Mas não com corpos!

Não pense nisso, Norman disse a si mesmo. *Encontre o livro e vá embora.*

Depois de surgir da privada, Prenderghast disse alguma coisa sobre o livro. *"O livro em minhas mãos"*, Norman se lembrou das palavras do fantasma.

Impassível, Norman ajoelhou-se diante do corpo. Seus olhos estavam se acostumando com a pouca luz e ele podia ver agora que as duas mãos brancas como cera estavam, de fato, segurando um livro. Respirando fundo, Norman agarrou o livro e o puxou com força.

Nada aconteceu.

Norman puxou de novo. Mas Prenderghast realmente tinha um aperto de morte e não ia soltar. Norman puxou de um jeito e depois de outro. Por fim, ele se sentou e apoiou os pés no corpo e puxou o livro na sua direção com toda a força que tinha. Para seu grande alívio, o livro de repente se soltou e Norman caiu para trás.

Ficando em pé, Norman correu até o corredor com o livro enfiado embaixo do braço.

Ele não parou de correr até chegar à sua bicicleta. Pulou sobre ela e pedalou como louco. Qualquer coisa para se afastar daquela casa horrível e daquele corpo lá dentro. Qualquer coisa seria melhor do que aquilo. *Qualquer coisa*.

Pelo menos, Norman esperava que isso fosse verdade. Porque ele estava de volta àquela estradinha de terra pedalando o mais rápido que conseguia até o portão no final, que abria para o velho cemitério.

Outro galho quebrou, e Norman sentiu
a presença do mal atrás dele.

Capítulo 9

Norman Babcock estava no centro do cemitério, onde antigas lápides se erguiam entre a grama alta e os emaranhados de espinhos. Ele sentiu-se um pouco tolo.

— O que eu devo fazer agora? — Norman perguntou-se. — O velho teve muito trabalho para me dizer o que fazer. Será que iria matá-lo me passar instruções mais específicas?

Ele suspirou. Talvez *tivesse* matado, sim. Ou talvez Prenderghast tivesse morrido de velhice ou excesso de maldade ou por causa de alguma doença que tivesse contraído por viver num chiqueiro com lixo empilhado até o teto.

Norman andou até um dos cantos do cemitério que ainda recebia algum raio de sol, onde a grama e as folhagens estavam mais densas. Enquanto tentava chegar ao pedaço de muro onde poderia se sentar, esbarrou em alguma coisa dura na grama.

— Ai! — reclamou, parando para tirar a grama alta da frente para que pudesse ver no que tinha tropeçado.

O que Norman encontrou acidentalmente tinha sido uma velha placa de madeira caída, quase completamente coberta por musgo. Ele limpou a superfície, revelando um epitáfio que tinha sido esculpido na madeira.

AQUI JAZEM ENTERRADAS AS SET EVITIMAS DA MALDIÇÃO DE BLITHE HOLLOW. QUE SUAS ALMAS, POR FIM, ENCONTREM PAZ E SALVAÇÃO ETERNA.

— O túmulo do juiz e dos jurados! — exclamou Norman.

Ele olhou ao redor e percebeu que estava no meio de um círculo de pedras com os nomes e as datas de nascimento e morte de cada um. Havia o juiz Hopkins e seis outras pessoas, que deviam ser os jurados.

— Todos morreram no mesmo dia — murmurou Norman. — Amanhã... É o dia que a bruxa foi executada. Então, a história é verdadeira. Ela fez alguma coisa com eles, uma maldição ou sei lá o quê. Ela os condenou à morte, e de algum jeito conseguiu levá-los com ela.

Os braços de Norman estremeceram, arrepiados, e um frio correu pela sua espinha. Pelo que tinha ficado sabendo, isso não parecia ser o melhor lugar para estar na véspera do 3000 aniversário. O que quer que tivesse acontecido aqui, era ruim. Muito ruim.

— Tá, o que ele disse? Ele disse que eu tinha que ir ao lugar onde a bruxa tinha sido enterrada e ler o livro. Antes de o sol se pôr. Tá, estou aqui e o sol ainda vai durar alguns minutos. Tudo bem. Vou ler as palavras mágicas que precisam ser ditas e daí vou para casa. Talvez coma um sanduíche apimentado duplo no caminho.

As sombras pelo cemitério estavam ficando mais compridas e a luz estava definitivamente indo embora. Norman abriu o livro na primeira página e começou a ler em voz alta.

— Era um vez, numa terra distante, um rei e uma rainha num castelo magnífico...

Norman parou, e folheou o livro.

— Espere aí, isso não está certo...

Norman olhou página por página. Eram todas iguais: histórias sobre princesas, dragões e reinos mágicos.

— Contos de fada? Este livro todo é sobre *contos de fada*?

Norman deixou o queixo cair. *Onde estavam as palavras mágicas para desfazer a maldição?* Aquele velho era ainda mais louco do que ele imaginava. Porque tinha parado para escutá-lo, mesmo?

Ele escutou um galho se quebrar nas suas costas. Outro galho quebrou e Norman sentiu a presença do mal atrás dele. Alguma coisa grande e perigosa. Alguma coisa má. Ele agarrou o livro e permaneceu absolutamente parado. De repente, sentiu uma mão na nuca, uma mão espectral e gelada...

Espere aí. Não tão gelada. Mais... carnuda.

Norman virou-se.

— Que que você tem aí, esquisitão? — perguntou Alvin.

E antes que Norman tivesse tempo de reagir, Alvin arrancou o livro de suas mãos.

— Devolva! — berrou Norman.

O sorriso símio de Alvin espalhou-se pelo seu rosto. Era seu sorriso especial quando estava torturando qualquer forma de vida. Ele segurou o livro acima da cabeça.

— Pegue! — cantarolou Alvin. — O que é que você está fazendo, Normie? Veio ler histórias para dormir para os mortos? Alvin mal pode esperar para contar isso para *todo* mundo!

— Pare com isso! — berrou Norman. — Nem estamos na escola! Qual é o seu problema? Por que você simplesmente não me deixa em paz?

— Eu deixar você em paz? — gritou Alvin, fazendo uma dancinha ao redor de Norman, enquanto ainda segurava o livro lá em cima, triunfante. — Você fez Alvin perder um possível encontro com uma possível garota que estava possivelmente a ponto de me elogiar pelas minhas habilidades no *krump.* Você me derrubou com sua bicicleta, cara! Então, cara, eu nunca vou te deixar em paz. Você tem que pagar!

— Oh, por favor! — murmurou Norman.

— Implore o quanto quiser, não vai adiantar! Você desrespeitou Alvin e Alvin não gosta disso! Agora você quer correr para casa, para sua mamãezinha, mas Alvin não vai deixar!

Isso é uma loucura!, pensou Norman.

O sol mal iluminava o horizonte agora. Tudo que tinha feito para pegar esse livro estúpido e conseguir cumprir a última ordem de seu tio-avô Prenderghast estava indo por água abaixo por causa de um valentão cabeça-oca que falava de si mesmo na terceira pessoa. Norman respirou fundo e pulou sobre Alvin, acertando-o bem na região central.

Alvin foi pego desprevenido e caiu de costas. Norman pulou sobre ele, lutando para arrancar o livro de suas mãos.

— Saia de cima de mim, aberração! — gritou Alvin.

Mas Norman agarrou Alvin como se fosse um esquilo ensandecido e o garotão não conseguia se livrar dele.

— Me dá o livro! — berrou Norman.

— Não! — gritou Alvin.

A voz de Alvin foi abafada por um trovão fortíssimo, e um flash de luz brilhante que iluminou os arredores com uma luz azul esverdeada. Os dois garotos olharam ao mesmo tempo e os dois gritaram, surpresos.

As nuvens lá em cima estavam rodopiando alucinadamente, como se fossem uma poção borbulhante. Era como se um rosto gigante espiasse por entre as nuvens. Houve outro trovão e uma rajada de vento e a face mudou um pouco.

Estava sorrindo para eles.

— Oh-oh... — disse Norman.

Mesmo que nunca tivesse visto aquele rosto antes, pois não existia nenhum retrato da bruxa de Blithe Hollow, Norman repentinamente percebeu que o rosto nas nuvens era real. O rosto nas nuvens era *dela*. O vapor rodopiante pareceu descer sobre o cemitério. Dedos de névoa tateavam a grama. O vento soprou novamente, soando pavorosamente como um grito humano.

— Precisamos sair daqui! — exclamou Norman.

— Fale para Alvin uma coisa que ele ainda não saiba! — berrou Alvin.

Os garotos ficaram em pé, mas antes que pudessem dar alguns passos na direção do velho portão, o chão começou a tremer. As pedras ao redor deles começaram a ranger e saltitar. Uma caiu pesadamente no chão e outra partiu-se bem ao meio.

— O que está acontecendo? — gritou Alvin.

— Eu não sei! — respondeu Norman, gritando.

Mas era isso que o assustava. Norman não fazia ideia do que estava acontecendo.

Mas ele sabia que não era bom.

Uma esfera de luz dourada apareceu em frente a uma lápide, seguida de outra e outra. De repente, o ar estava cheio de esferas espectrais de luz. *Esferas espirituais*, pensou Norman. Fantasmas que ainda não tinha assumido suas formas terrestres. Elas pairaram no ar por um momento. Então, como um grande enxame de abelhas, todas se juntaram numa única nuvem, sobre o portão do cemitério, desaparecendo na floresta.

O que quer que estivesse acontecendo era tão ruim que espantou todos os fantasmas do cemitério.

Uma coluna de fumaça disparou pelo chão e elevou-se diante dos garotos, transformando-se em alguma coisa que parecia uma mão gigante. Norman tropeçou caindo para trás, puxando Alvin com ele, assim que a mão enfiou-se na terra, como se estivesse procurando por um tesouro enterrado. Norman sentiu, e ele elevou o braço numa tentativa inútil de afastar a mão. Mas alguma outra coisa estava acontecendo agora. A terra embaixo de Norman parecia tremer e rasgar-se. Norman olhou para trás e viu uma lápide que parecia espatifada. Ele estava sentado sobre os restos de um túmulo e alguma coisa estava se mexendo sob o solo. Outro estouro de trovão e raios e, num flash de luz, Norman viu alguma coisa sair da terra e arrastar-se ameaçadoramente na pouca luz. Era uma mão humana.

— Não! — gritou Norman, ficando em pé e correndo para trás.

— O que foi aquilo? O que *foi* aquilo? — Alvin não parava de gritar.

Norman sabia que eles precisavam sair rápido dali. Mas em todas as direções o chão tremia e túmulos se abriam violentamente. Não havia nenhuma dúvida sobre o que estava acontecendo aqui. Os mortos estavam se levantando de seus túmulos. A hora dos zumbis tinha chegado.

O exército de mortos da bruxa, pensou Norman. *Foi o que Prenderghast disse. Era isso que eu teria evitado se tivesse lido o livro.*

Norman tinha falhado, os mortos estavam se levantando.

— Cara, precisamos nos *mexer* — rosnou Norman, agarrando o braço de Alvin.

Alvin gritou e deixou o livro cair.

Norman o pegou antes que tocasse o chão e puxou a manga de Alvin.

— Venha! — gritou ele.

Norman puxou Alvin até o portão, desviando de vários buracos no chão. De repente, uma figura com um roupão surgiu diante deles, puxando um pé que ainda estava enterrado na terra, na frente da lápide onde se lia JUIZ HOPKINS. Alvin gritou novamente quando a criatura podre e esfarrapada mostrou seu sorriso esquelético e encarou-os com seus olhos sem pálpebras sob os restos de uma velha peruca empoada.

Pare, Norman pensou ter ouvido a coisa falar.

— O que ele acabou de dizer? — gritou Norman.

— Ele disse, "Ugggggghbleaaaaaahhhhummmmm!" — berrou Alvin.

O zumbi arrastou-se até Norman, gemendo e apontando o dedo ossudo para o livro embaixo do braço de Norman.

— Corra! — gritou Norman, passando abaixado, correndo pelo juiz e disparando na direção do portão.

Alvin estava correndo, sacudindo os braços e gritando como uma animadora de torcida que tinha encontrado uma aranha no armário. Norman deu a volta no portão do cemitério e pegou a bicicleta que estava jogada no chão. Ele olhou para trás e viu Alvin pulando o portão desajeitadamente. Atrás de Alvin, Norman viu uma coisa que gelou seu sangue. Uma multidão de criaturas trôpegas, com roupas de peregrinos rasgadas e podres. Zumbis a caminho. E isso não era um filme. Era real. Logo, esses zumbis estariam a caminho e nada os impediria, porque eles já estavam mortos. Qualquer um que já tivesse visto um filme de zumbi sabia o que eles queriam: assassinar os vivos. E Norman já tinha visto todos os filmes de zumbi

que tinham sido feitos.

Alvin caiu de cara no mato em frente ao portão. E Norman arrumou o pedal da bicicleta no mesmo instante que Alvin começou a rastejar em sua direção.

— Não me deixe aqui! — berrou ele.

Norman subiu na bicicleta. Ele considerou por meio segundo deixar Alvin ali para que seu cérebro fosse comido pelos zumbis. Mas teve tempo suficiente para absorver o terror nos olhos de Alvin.

Queria ter uma câmera, pensou ele.

— Suba na grupa, vamos! — gritou Norman, e Alvin praticamente saltou sobre a bicicleta.

Norman teve que colocar os dois pés no chão para impedir que a bicicleta virasse.

Alvin era pesado, sem dúvida. Mas os uivos e gritos vindos do cemitério eram de arrepiar os ossos, e Norman usou músculos que ele nem sabia que tinha, pedalando como um louco e pegando velocidade na estrada que saía do cemitério, enquanto Alvin se agarrava às suas costas, gritando de medo.

Mas Norman sabia que essa onda de adrenalina não ia durar para sempre. Se tinha uma coisa que ele conhecia bem, eram os zumbis. Eles podiam não andar depressa, mas estavam vindo. Cair nas garras deles significava morte certa. Os garotos estavam longe demais da cidade para conseguir ajuda, e agora o sol tinha desaparecido e o céu estava preto esverdeado.

Temos que sumir de vista, pensou Norman. *Temos que nos esconder*.

E havia apenas um lugar naquela longa estrada onde podiam fazer isso.

Norman cerrou os dentes e pedalou como se sua vida dependesse disso, diretamente para a silhueta escura à distância, o único lugar seguro que podia achar longe de tudo.

De volta à casa de Prenderghast.

– Ele está bem, certo? – gritou Courtney do carro.
– Vamos embora, fale para ele que chamamos um táxi ou alguma coisa do tipo.

Capítulo 10

De seu quarto, xingou o irmão por uma hora antes de perceber que Norman não estava respondendo. Uma breve investigação na casa confirmou que Norman não estava mesmo lá.

— Ótimo! — murmurou ela. — Ele escapou mesmo. Por que ele quis escapar se não tem vida nem amigos? Então o que eu tenho que fazer para, tipo, encontrar o peste? Não tem caras sarados de uniforme que fazem esse tipo de coisa por dinheiro? Talvez eu possa chamar o cara da TV... comoéonomedele...

Courtney examinou seu reflexo no espelho. Seus lábios estavam com gloss e, depois de pensar seriamente, ela agarrou a chapinha, aqueceu-a e passou pelo cabelo antes de fazer sua marca registrada, o rabo de cavalo alto. Garotos adoravam rabos de cavalo altos. Balançar o rabo de cavalo os transformava em robôs, praticamente. Era um fato científico.

— Por onde começo a procurar aquele retardado? — ela se perguntou, virando de lado e fazendo biquinho para testar o brilho do gloss. — No shopping, talvez! Eu podia começar a procurar na loja italiana de sapatos perto do quiosque do Space Ice Cream.

Ela pegou o telefone celular, balançou o rabo de cavalo um pouco só para se aquecer e abriu a porta da frente.

O bilhete de Neil ainda estava ali.

Olá, Norman,

Você está convidado para vir aqui jogar hóquei ou brincar de pegar a bolinha com a metade da frente de Bub.

Atenciosamente,

Neil Downe (a casa na Rua Broome com a caixa de correio de dragão vermelho)

Courtney revirou os olhos.

— Neil Downe? — disse ela. — A Bolinha Ruiva? Por favor! E a Rua Broome é do outro lado da cidade.

Ela desejou não ter visto o bilhete, porque assim parecia mais difícil fingir que procurava por Norman na loja italiana de sapatos perto do quiosque do Space Ice Cream. Se Courtney já tinha dito uma vez, poderia dizer mais mil vezes: Norman Babcock era a raiz de todos os males.

Já que nunca se sabe quem você pode encontrar, Courtney correu para o quarto e colocou sua roupinha mais bonita: um agasalho pink com a blusa super-curtinha para que abdômen inteiro, incluindo, claro, seu adorável e irresistível piercing no umbigo, ficassem visíveis. Ela completou o look com um par novinho de tênis de cano alto pink, que pegavam no seu calcanhar. Os pés machucados eram o preço a se pagar para ser a mais bonita.

— Ele está morto! — murmurou Courtney, a caminho da ponte. — Eu mesma irei matá-lo.

Levaria uns dez minutos para andar até lá e eram dez minutos a mais do que ela queria perder.

Havia apenas uma casa verde e branca na Rua Broome. Todas as outras casas eram cinza apagadas. Courtney mancou pela entrada até a porta da frente, murmurando consigo mesma. Seu rabo de cavalo tinha caído um pouco e ela já tinha lambido a maior parte do gloss em seus lábios e um ou alguns de seus dedos pareciam prestes a cair. Ela odiava andar. Era uma coisa totalmente antinatural.

Courtney tocou a campainha e, como ninguém apareceu imediatamente, ela começou a esmurrar a porta. Então, abriu a fresta para cartas e espiou lá dentro.

— Eu sei que você está aí! Você só estava piorando as coisas! A festa do pijama acabou, bobocas! — berrou Courtney.

A porta abriu de repente e Courtney ficou cara a cara com o "Perfeição de Toalha".

— Desculpe — disse o Perfeição. — Eu estava no chuveiro. Posso ajudar?

Courtney deixou o queixo cair. O cara parado ali na porta era um verdadeiro deus malhado, com bíceps enormes. Ele era um cara grande, com cabelos ruivos cortados curtos como um soldado: ele parecia um marinheiro misturado com um surfista. O único detalhe que não combinava era a touca de banho de patinhos de borracha enfiada em sua cabeça. Fora isso, o cara era... perfeito.

Oh, sim, você com certeza pode me ajudar, pensou Courtney, amaldiçoando o lapso momentâneo de raciocínio que a fez sair de casa sem seu tubo de gloss. Ela sabia muito bem que estava precisando de um retoque. Ela tentou esconder com uma risadinha, uma risadinha alta e boba, e olhos grandes e redondos. Garotos

adoravam essas coisas.

— Oh, meu Deus, eu, hã, sinto muito por ter vindo aqui tão tarde e, mas, eu, hum... Eu estava na verdade procurando por Neil Downe. Você por acaso sabe onde ele mora?

Porque claramente ele não podia viver aqui, não a Bolinha Ruiva. Não na mesma casa do "Perfeição de Toalha". Isso seria uma espécie de crime contra a natureza ou sei lá.

— Bem, é, ele é meu irmão. Ele vive aqui mesmo. Ele está assistindo a um filme lá na cabana. O volume muito alto, acho que ele não escutou a campainha.

Courtney deixou escapar outra risadinha maluca, mas saiu meio errada e baixa demais. E acabou parecendo um arroto.

— De jeito nenhum! — exclamou ela, parcialmente para disfarçar o barulho que tinha feito. — Nossos irmãos são, tipo, melhores amigos!

E se isso não fosse verdade, Courtney imediatamente decidiu que seria sua missão na vida *transformar* isso em verdade.

— Eu sou a Courtney — acrescentou ela, balançando para enfatizar que Courtney era, de fato, seu nome e porque faria seu rabo de cavalo balançar um pouco.

Perfeição de Toalha piscou algumas vezes, como se estivesse tentando entender alguma coisa.

— Neil? — gritou ele, por cima do ombro. — Tem uma garota aqui procurando por você!

— Mulher — murmurou Courtney, mas Perfeição não estava nem olhando para ela.

Neil apareceu no corredor, desarrumado e descabelado. Ele estava tão absolutamente nada quanto Courtney se lembrava. Como ele podia ser parente daquele Adônis que estava diante dela? Oh, bem, eles eram, então ela precisava dar o seu melhor.

— Oooooiiii! — ela cumprimentou Neil, balançando a cabeça violentamente para enfatizar seu total entusiasmo. — É *tão* bom te ver!

— Desculpe, como assim? — respondeu Neil.

— Bobinho, você me conhece! Sou a irmã do Norman! — cantarolou Courtney.

Ela fez tudo que podia, exceto esticar a mão e fazer, um cafuné no cabelo dele, que era, sinto muito, algo que não estava disposta a fazer, nem mesmo para

impressionar o Perfeição de Toalha.

— Vim aqui chamar o Norman.

— Oh, mas ele não está... — Neil parou no meio da frase, tapando a boca com um tapa.

— Ele não está o quê? — perguntou Courtney.

Por favor, me diga que Norman está nesta casa, rezou Courtney. Seria terrível ter que sair procurando por Norman num lugar onde não tivesse nenhum Perfeição de Toalha.

— Quero dizer, não tenho ideia de onde ele esteja — disse Neil.

Seu rosto já vermelho ficou ainda mais vermelho e pequenas gotas de suor apareceram em sua testa.

Perfeição de Toalha encarou o irmão com os olhos fixos.

— Comece a falar — ordenou ele.

Neil suspirou.

— Bem, ele não está aqui, Mitch — disse Neil. — Mas ele disse alguma coisa sobre talvez precisar ir fazer alguma coisa no velho cemitério.

— O quê? — rebateu o irmão. — E você deixou que ele fosse? Cara, aquele lugar é ruim todos os dias do ano, todo mundo sabe disso. Mas na noite do 3000 aniversário do julgamento da bruxa? Isso é, tipo, agir como um louco num filme de terror. Só um maluco faria uma coisa dessas.

— Oh, Norman *é* maluco — disse Courtney. — Acredite em mim. Isso não é *nada*.

— Eu queria ir com ele, mas ele não me deixou — continuou Neil, franzindo as sobrancelhas de preocupação. — Você acha que ele está em apuros? Temos que ir atrás dele?

Courtney abriu a boca para dizer "de jeito nenhum", quando seus olhos voltaram a reparar no Perfeição de Toalha. Mais especificamente, na própria toalha. Uma ideia começou a se formar em sua cabeça. Ela modificou a expressão de seu rosto, assumindo a expressão de um cachorrinho fofo e inocente.

— Eu vou ficar de castigo se ele morrer! — disse ela. — Tenho que encontrá-lo, mas estou com medo. Vocês não podem me ajudar? Por favor! Mitch? — acrescentou ela, porque garotos gostavam quando você sabia o nome deles.

Garotos também gostavam quando você pedia ajuda. Todo mundo sabia disso.

— Ai, cara — suspirou Mitch. — Eu disse que aquele garoto ia dar confusão.

— Ele *é* a confusão — disse Courtney. — E se alguma acontecer com ele, eu

vou ser a culpada! Vou ficar eternamente grata se vocês puderem me ajudar desta vezinha!

Mitch suspirou e lançou um olhar irritado para o irmão.

— Tá bom — disse ele, finalmente. — Vou me trocar primeiro.

Courtney arrumou o cabelo assim que ele virou de costas. Ela tinha que ser Mais que Perfeita agora que ela estava realmente indo para algum lugar com o Perfeição de Toalha! Mesmo envolvendo um cemitério assombrado à noite e irritantes irmãos mais novos. A noite estava ficando muito mais interessante do que ela podia ter imaginado.

****

— Ai! — exclamou Neil, quando Courtney deu uma ombrada nele na garagem enquanto ele abria a porta da frente do carro.

— Desculpe, você se importa se eu me sentar aqui? Eu enjoo quando ando de carro — disse Courtney, sentando no banco do passageiro da van de Mitch.

Neil suspirou e foi para o banco do trás. Mitch, agora vestido com uma camiseta que parecia 10 tamanhos menores do que o dele e shorts largos, colocou a chave na ignição. Courtney endireitou o espelho retrovisor de um jeito para que pudesse enxergar seu reflexo.

— Por favor, não toque nisso — disse Mitch. — Eu passei o verão inteiro restaurando essa coisa.

— Dá pra ver mesmo! — exclamou Courtney. — Então, enfim, como eu ia dizendo, ela me disse que eu podia pensar seriamente numa carreira no nado sincronizado. Mas eu falei, tipo, "eu quero fazer alguma coisa que ajude pessoas menos afortunadas do que eu". Você sabe, como as pessoas que não tem TV nem acesso a equipamentos básicos de cuidados capilares. É, tipo, horrível! Eu também estou muito envolvida com meio ambiente, também. Nós não podemos imaginar como é em alguns lugares do mundo... Há uma falta de shoppings muito grande! Eu quero ajudar a mudar tudo isso porque sou uma pessoa que gosta de se doar, sabe?

— Coloque o cinto — disse Mitch, enquanto dava ré na van para sair da garagem.

Courtney não colocou o cinto porque não combinava com o pink de sua roupa e passava bem em cima de seu piercing de umbigo, o que era uma de suas

melhores qualidades. Mas você não discute com garotos... Todo mundo sabe disso.

— Sou totalmente a favor de cintos de segurança — disse ela.

— É a lei. Você tem que usar — observou Neil. — Então isso significa que você é a favor da lei, o que não faz sentido nenhum.

Courtney virou e olhou para Neil, então abriu um sorriso radiante para Mitch.

— Você usa alguma coisa para malhar? Seus músculos são enormes!

Mitch piscou os olhos e limpou a garganta.

— Eu nunca usei nada além de pesos e posso fazer um teste para provar.

Courtney deu uma risada alta e aguda.

— Você é, tipo, *hilário*! — gritou ela.

No banco de trás, Neil revirou os olhos. *Mate-me agora*, pensou.

— Enfim, muuuito obrigada por fazer isso, Mitch. Eu não sei o que eu faria se alguma coisa acontecesse com meu irmão. Ele é, tipo... muito especial. Eu podia estar numa festa incrível hoje à noite... Na verdade, fui convidada para, tipo, umas três... Mas eu quis ficar em casa e passar um tempo com ele. Família é tãããooo importante e ele é como se fosse um irmão para mim, sabe?

— Ele *é* seu irmão — murmurou Neil.

Courtney virou-se e lançou o Olhar da Morte para Neil. O Olhar da Morte sempre funcionava muito bem com Norman, calando-o instantaneamente, mas recentemente ele tinha ignorado todos.

— Por que você está fazendo essa cara? Você está com vontade de vomitar? — perguntou Neil.

Mitch enfiou os pés no freio.

— Opa! Ninguém vomita na minha van!

— Oh, Neil, você é tão bobinho! Não se preocupe, Mitch, eu nunca vomito — declarou Courtney. — Não é coisa de uma dama.

Mitch pareceu não ficar muito convencido, mas voltou a acelerar. Então, seus olhos ficaram esbugalhados.

— Ei, o que está acontecendo com o céu?

A van estava contornando uma pequena montanha que levava à velha capela, de onde se via o cemitério. Mitch encarava, com a boca aberta, a massa de nuvens agitadas no céu, que girava e rodopiava criando formas bizarras.

De repente, Neil agarrou o ombro de Mitch.

— Cuidado! — gritou ele.

Mitch pisou com tudo nos freios e virou bem a tempo de não se chocar com duas pessoas numa bicicleta vindo a toda na estrada na direção deles. A van derrapou na curva e chocou-se contra uma árvore. O espelho retrovisor saiu voando e Courtney gritou.

— Aquele parecia o Norman! — exclamou Neil.

A van acabou parando numa poça rasa e por um momento houve um silêncio total, quebrado apenas pelo som de Mitch batendo na testa ao perceber o estrago que tinha sido feito à sua amada van.

— Hum, você não bateu neles. Tenho certeza que você está preocupado com isso — disse Neil.

— Você tem ideia de como é difícil conseguir peças para uma van velha como essa? — rebateu Mitch. — Eu devo estar louco de ter vindo até aqui com vocês dois! Vamos para casa agora!

Mitch acelerou fundo e colocou em marcha ré para tirar a van da poça. Ele tentou fazer a volta quando, de repente, outra figura apareceu ameaçadoramente bem no meio da estrada. Gritando, Mitch freou novamente. Houve um barulho estranho, como se fosse o som de um peru congelado caindo de uma prateleira alta num chão de concreto.

— Tá, acho que você *bateu* naquele cara — sussurrou Neil.

— Ai, cara! — murmurou Mitch, desprendendo o cinto de segurança. — Vocês estão bem?

— Tenho certeza de que quebrei uma unha — choramingou Courtney.

— Parece grave... Talvez você tenha que chamar um ambulante — respondeu Mitch.

— É uma ambulância — corrigiu Neil. — E não pense que eles viriam por uma coisa assim. Mitch... Você vai sair e ver o que aconteceu?

— Não! — berrou Courtney. — Está escuro lá fora! É esquisito aqui! Vamos embora! Vamos chamar o ambulante na sua casa!

Mitch respirou fundo. Estava *mesmo* assustador lá fora.

— Tá — disse ele ao irmão. — Fiquem aqui. Eu vou dar uma olhada.

Mitch saiu do carro e andou alguns metros na estrada, que estava iluminada pelos faróis da frente da van. O corpo de um homem estava jogado na lateral da estrada, sem se mexer.

— Oh-oh — murmurou Mitch. — Hum... Olá? Senhor? Está tudo bem?

Claramente, nada estava bem. E ficava pior a cada segundo. O homem não

apenas estava caído como um cadáver, mas também tinha outras coisas erradas com ele. Suas roupas estavam manchadas e rasgadas e pareciam antigas, como os caras do primeiro dia de Ação de Graças que ele tinha visto nos livros da escola. Também tinha um cheiro. Um cheiro ruim. Como queijo podre e carne estragada. E eram as luzes da van ou a pele do sujeito era... verde?!

— Ele está bem, certo? — gritou Courtney do carro. — Vamos embora, fale para ele que chamamos um táxi ou alguma coisa do tipo.

Mitch parou sem saber o que fazer, com medo de chegar mais perto. De repente, a criatura se movimentou um pouco e soltou um gemido baixo.

— Ele se mexeu! — gritou Mitch, aliviado. — Eu acho que ele só precisa de ajuda para se levantar.

Com o nariz um pouco torcido, Mitch se aproximou do homem.

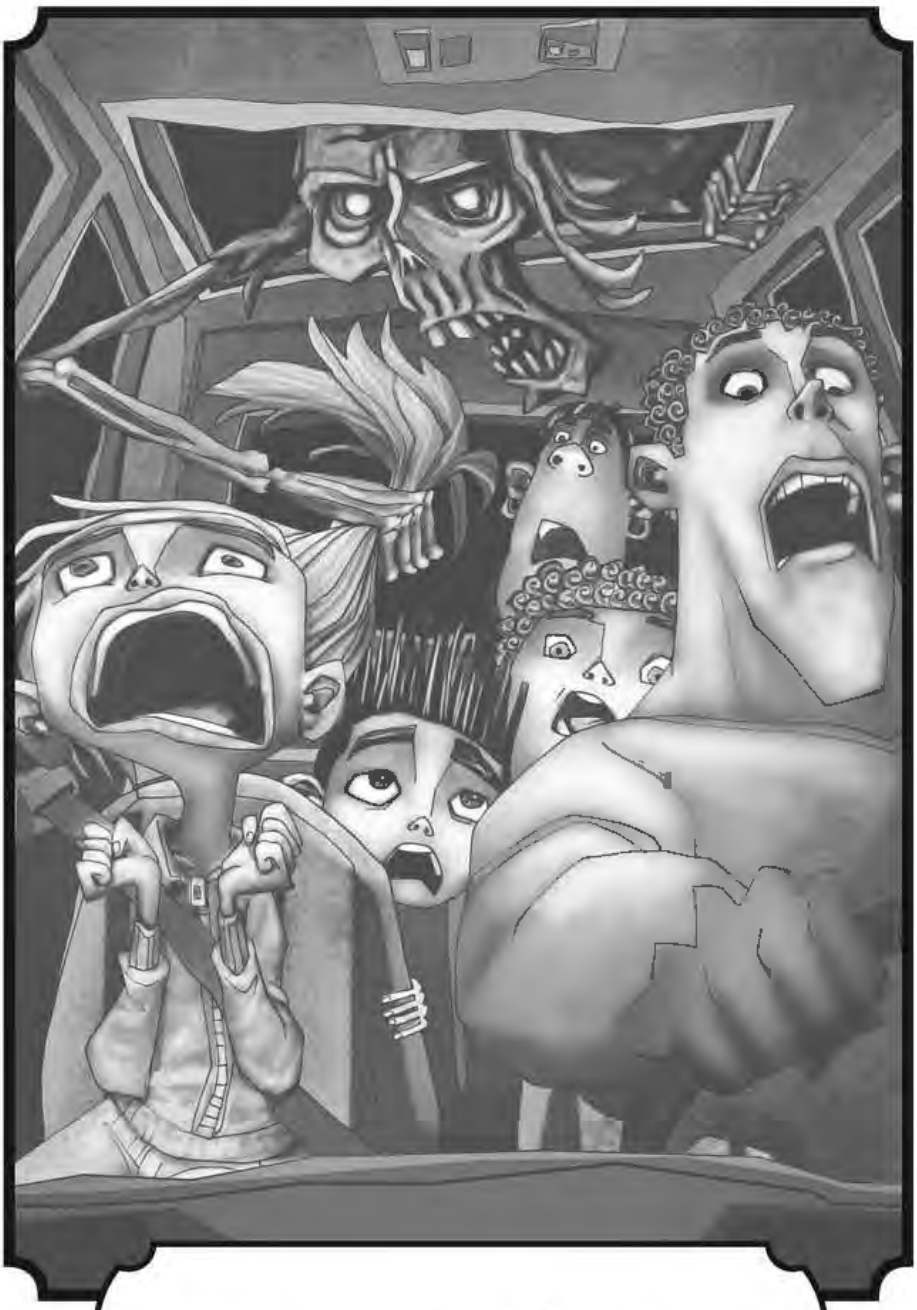
— Ei, amigo, posso te ajudar? — disse ele.

O homem não respondeu, então Mitch se inclinou, agarrou uma das mãos dele, que estava perturbadoramente fria e pegajosa, e puxou o homem firmemente. A cabeça do homem foi arremessada diretamente contra o peito de Mitch. Então, arrastou-se de volta para a estrada. Pelo menos, a maior parte dele. Seu corpo ainda estava no chão: pernas, torso e braços. Mas alguma coisa estava faltando. E Mitch sentiu alguma coisa entre suas mãos.

Mitch fechou os olhos por um momento, pensando que estava um pouco zonzo por causa do estresse do acidente. Quando abriu os olhos, olhou para o que tinha em mãos.

E a coisa olhou para ele, encarando Mitch ameaçadoramente com apenas um olho, o outro escondido num buraco murcho e enrugado.

Então o único olho piscou.



– Ai! – gritou Courtney. – Meu cabelo!

Capítulo 11

No instante que Mitch gritou e chutou a cabeça de volta para a floresta, Alvin e Norman apareceram na estrada, disparando até a van.

— Você viu aquilo? — gritou Mitch. — Aquela coisa era só uma cabeça!

— Uma cabeça de quê? — gritou Courtney da van. — Então ele quer que a gente chame um táxi ou não? Ele estava indo para um jogo de futebol ou coisa assim?

— Cara, aquela *era* a cabeça dele! Eu chutei a uns cem metros longe daqui! — berrou Mitch. — Cem metros é muito longe!

— Hã, Mitch? — disse Neil, ansiosamente. — Acho que ele quer a cabeça de volta.

Mitch virou-se e viu o corpo sem cabeça cambalear até ficar em pé.

— Gente, nós temos que sair daqui! — gritou Norman, aproximando-se deles. — Ligue o carro!

— Norman? — gritou Courtney. — Onde você estava? Você vai direto pro castigo!

— Zumbis! — gritou Alvin, agarrando a camiseta de Norman enquanto corriam para a van. — Zumbis! Zumbis! Zumbis!

Então, ele abriu a porta e pulou para dentro, fazendo barulho ao bater no chão.

Mitch ainda estava em pé, paralisado, observando a criatura sem cabeça cambaleando com os braços esticados, tateando em busca da cabeça.

— Isso não é normal — sussurrou ele.

— Mitch! Venha! Temos que ir de carro! — gritou Norman, entrando no banco de trás junto com Alvin.

— Espere, vocês dois não cabem aqui! — disse Courtney. — Porque vocês três não saem do carro e eu e Mitch vamos para casa e chamamos um táxi para vocês?

Um coro de corujas e gemidos na noite fizeram com que Norman rangesse os dentes. Na estrada diante de Mitch, ele conseguia ver um grupo de zumbis chegando perto deles, arrastando-se desequilibradamente sobre os pés

apodrecidos.

— Eles nos encontraram! — berrou Norman. — Mitch, precisamos sair daqui!

Mitch olhou a pequena multidão de mortos chegando mais perto e imediatamente entendeu a lógica do pedido de Norman. Ele correu até a van e pulou para dentro, trancando a porta.

— O que está acontecendo ali? — perguntou Mitch.

— Dirija primeiro, pergunte depois — respondeu Norman.

— Tá, isso é meio rude, porque esta é a van de Mitch — observou Courtney, porque todo mundo sabia que garotos gostam de ser lembrados de coisas assim.

Mas Mitch já estava ligando o carro e acelerando. Os pneus cantaram e o silenciador arrotou esgotado, enquanto a van dava ré pela estrada, afastando-se das criaturas que se aproximavam.

— OK, fale! — disse Mitch. — O que são aquelas coisas?

— Zumbis — respondeu Norman.

— Oh, por favor! — interrompeu Courtney. — Norman, você é tão imaturo! Mitch não vai cair nessa bobagem de *Alvorada dos mortos*!

Mitch agarrou o volante com força.

— A cabeça daquele cara saiu nas minhas mãos! — disse ele. — E a cabeça olhou para mim e então o corpo levantou sozinho!

Houve um silêncio.

— Tá, tá bom, então eles são zumbis — disse Courtney. — E o que tem demais nisso? Viva e deixe viver, certo?

— Eles não estão vivos, Courtney — rebateu Norman. — É por isso que são zumbis. Eles são os mortos *vivos*, e eles estão atrás de nós. Eles quase pegaram Alvin e eu no cemitério.

— Quem? — perguntou Courtney, virando-se para olhar para Alvin pela primeira vez.

Alvin encarou Courtney, com os olhos esbugalhados. As mãos dele estavam suadas e todo o sangue tinha ido para seu rosto.

— Eu sou Calvin — disse ele. — Quer dizer, Kevin. Melhor dizendo, Albert. Hã...

— É Alvin — disse Norman, com um suspiro.

— Estranho... — opinou Neil.

Alvin sentou-se com as costas retas e tentou se acalmar, com o rosto momentaneamente recuperado.

— Alvin, isso! — disse ele. — Então, escute, você não precisa se preocupar com nada, loirinha. Alvin está aqui agora. Eu lutei contra essas coisas antes. Praticamente salvei a vida do seu irmão, nada demais. Eu vou proteger você.

— Eca! Como se eu precisasse! — disse Courtney.

Como se esse cabeça de penico fosse páreo para o Perfeição de Toalha.

Houve um barulho na traseira da van e Alvin deu um grito fino e abaixou-se no chão, aos pés de Norman.

— Impressionante — murmurou Norman. — Olhe, eu não sei exatamente o que está acontecendo, mas alguma coisa aconteceu para desencadear a maldição da bruxa. O sol se pôs, apareceram umas luzes malucas no céu e de repente todos os túmulos começaram a se abrir e essas coisas estavam rastejando para fora.

— Isso é tão típico! — disse Courtney. — Eu sabia que isso ia acontecer. Sabia!

— Você sabia? — perguntou Mitch. — Uau! Porque aquele negócio de zumbi realmente me assustou. Se você tivesse falado, eu nunca teria concordado em ajudar o seu irmão.

— Me ajudar? — perguntou Norman. — Neil, eu disse que precisava fazer isso sozinho.

— Então o que o Alvin está fazendo aqui com você? — perguntou Neil.

— Eu não convidei o Alvin — respondeu Norman. — Você não entende. Isso é uma coisa que eu preciso fazer sozinho. Não é problema seu.

— Ter feito sozinho parece não ter dado muito certo — observou Neil. — E você é meu amigo. Então, é *meu* problema. E esses zumbis estão indo para a cidade então, na verdade, isso é problema de todo mundo.

Norman estava a ponto de dizer a Neil que não queria nem precisava de amigos, mas alguma coisa o impediu. Talvez o que a vovó Babcock tinha dito, ou talvez porque era o sentimento estranho e confortável que ele sentiu quando Neil disse que era seu amigo.

— Olhe, será que vocês podem trocar juras de amizade em outro lugar? — perguntou Courtney. — Porque eu realmente gostaria de conhecer Mitch melhor, o que não dá para fazer de jeito nenhum com vocês bobocas tagarelando no banco de trás como um banco de macacos que comeu açúcar, então vamos só...

Courtney foi interrompida com o som terrível de alguma coisa rasgando, como um abridor de latas gigante cortando metal. Norman olhou para cima a tempo de ver um pedaço do teto da van sendo arrancado e o rosto do juiz morto que tinham encontrado no cemitério olhando para baixo. Uma mão ossuda tateou

dentro da van, a centímetros da cabeça de Courtney.

— Courtney! — gritou Norman. — Ataque de zumbi!

— Isso é um pouco dramático demais, você não acha? — perguntou Courtney. — Aquele cara não...

A mão do juiz conectou-se com a cabeça de Courtney, os dedos agarrando o rabo de cavalo como garras.

— Ai! — gritou Courtney. — Meu cabelo! Ataque de zumbi!

Courtney golpeou a mão, afastando-a, mas a cabeça do juiz e seu corpo estavam passando pelo buraco no teto agora. Ele esticou a mão novamente, desta vez na direção do pescoço de Norman.

— Largue o meu amigo! — gritou Neil, pegando o livro do colo de Norman e batendo com força no pulso ossudo. — Mitch, o que a gente faz?

— Como eu vou saber? — gritou Mitch, lutando para dirigir com uma mão e bater no zumbi com a outra.

— Bem, você é o mais velho! — gritou Neil, sem parar de bater com o livro no braço do zumbi.

— Não mentalmente! — protestou Mitch, pisando no freio e depois acelerando, e depois no freio de novo.

— Norman, você sabe coisas sobre os zumbis — implorou Courtney. — Como tiramos essa coisa daqui?

Mitch virou a direção e a van derrapou à esquerda, fazendo com que a coisa ficasse temporariamente desequilibrada. Por um momento, o zumbi desapareceu do buraco no teto. Eles ouviram um som de arranhado, como se ele lutasse para permanecer no topo. De tantos em tantos minutos, Mitch executava uma manobra arriscada para que a coisa não conseguisse retomar o equilíbrio.

— Acho que ele está atrás de mim — disse Norman. — Eu tenho este livro. Eu tinha que ter lido no cemitério. Ia impedir que isso acontecesse.

— Não funcionou — observou Neil.

— Eu percebi! — rebateu Norman. — Eu fiz o que Prenderghast me disse para fazer. Eu não sei mais o que fazer.

— Prenderghast? — exclamou Courtney. — O tio-avô assustador que cuidava da cripta? Ah, cara, papai vai passar um sermão se descobrir que você falou com ele!

— Tá, o que exatamente ele falou para você? — perguntou Neil.

— Ele me disse para levar o livro até o túmulo da bruxa e ler em voz alta —

respondeu Norman.

— Bem, talvez você tivesse que ficar exatamente no lugar onde ela tinha sido enterrada — raciocinou Neil. — Quer dizer, você não ficou?

Norman encarou Neil.

— Eu não sei — disse ele. — Eu não sei onde exatamente é o lugar. Como eu poderia encontrá-lo? Neil, pense!

Neil parecia estar entrando em pânico.

— Eu não sou bom em pensar — disse ele. — Não é culpa minha. Minhas alergias fazem meu cérebro coçar.

A palavra *cérebro* chamou a atenção e Norman teve uma ideia. Ele agarrou o cinto e percebeu frustrado que seu celular tinha caído. Ele devia ter perdido no cemitério.

— Courtney, você está com seu celular? — perguntou Norman.

— Dã! Quando é que eu não estou com meu celular? — rebateu Courtney.

— Eu preciso dele! — disse Norman.

— Nos seus sonhos! — disse ela. — É uma genuína imitação de cristais Swarovski. Você vai melecar tudo!

— Courtney, tem um zumbi no teto do carro — ponderou Norman. — Você quer que ele pegue seu cabelo de novo?

Courtney entregou o celular para o irmão no momento que Mitch fazia outra manobra para tentar derrubar o zumbi.

— Para onde eu devo ir? — perguntou Mitch.

— Apenas continue nesta estrada — respondeu Norman, teclando o telefone. — Hum, alô, Salma? É o Norman.

Norman não conseguia ouvir nada.

— Alô? — repetiu ele.

— Estou aqui — a voz de Salma soou com mais do que uma pitada de irritação.

— Preciso perguntar uma coisa importante — disse Norman.

— Norman, eu já te disse que não deixo que ninguém copie minhas anotações — disse ela. — E se isso é sobre a prova de biologia, eu já estudei, então, sinto muito, pois...

— Salma, escute! — interrompeu Norman. — Nós precisamos muito de ajuda!

Fale para ela dos zumbis, disse Neil, só mexendo a boca. Norman virou-se na

direção oposta.

— Uma coisa terrível está acontecendo — começou Norman.

Houve um gemido e a cara do juiz zumbi apareceu no buraco do teto. Alvin começou a gritar quando a coisa esticou o braço para dentro da van e agarrou de novo o rabo de cavalo de Courtney.

— Eu disse para você não puxar meu cabelo! — berrou Courtney.

Ela apertou as mãos ao redor da manga imunda que cobria a mão e puxou. Ouviu-se um som nojento de alguma coisa e o braço saiu na mão dela.

— Nojento! — gritou Alvin.

— Vamos, cara, tome cuidado com o estofamento — disse Mitch. — É *vintage*!

Courtney virou para a janela e jogou o braço para fora. Ao mesmo tempo, Mitch apertou o freio e o resto do juiz saiu voando pelo teto e caiu na estrada. Ele não se levantou imediatamente e a van disparou pela estrada, deixando-o para trás.

— O que está acontecendo? — perguntou Salma. — Norman, você não está numa festa, está?

— Eu não tenho tempo para explicar — disse Norman. — Eu preciso encontrar o túmulo da bruxa. E preciso encontrá-lo hoje à noite.

— O túmulo da bruxa? A bruxa de Blithe Hollow? — perguntou Salma.

— Eu não consegui encontrar a lápide no cemitério — disse Norman.

— Claro que não — disse Salma. — Primeiramente, eu tenho que corrigir você no seu uso da palavra *bruxa*. De uma perspectiva histórica, está claro que essa pessoa foi simplesmente vítima de uma histeria coletiva e uma mentalidade geral da massa, que pegou a guinada convencional de contravenção moral, usando a lei como um instrumento de violência pessoal, espalhando o terror disfarçado de justiça. Em última instância, ela poderia ser chamada de *pseudo* bruxa, que é algo que as pessoas desta cidade parecem não...

— Tá bom, eu preciso encontrar o túmulo da *pseudobruxa*! — interrompeu Norman. — Então, o que, eles a enterraram sem uma lápide?

— Ela não deve estar no cemitério — disse Salma, falando devagar e pacientemente, como se Norman fosse extremamente estúpido. — Cemitérios são solo consagrado. Os peregrinos religiosos nunca enterrariam uma pseudobruxa ali. Sem chance.

— Como eu descubro onde ela foi enterrada? — disparou Norman. — Salma, eu preciso encontrar o túmulo! O destino da cidade inteira depende disso!

— Bem, sim, o lugar deve ser encontrado e adequadamente celebrado — disse Salma. — Esta cidade já acumulou karma ruim suficiente para uma vida toda. Então, eu abordei tudo isso no meu projeto para a sra. Henscher ano passado. O julgamento aconteceu na prefeitura, na Rua Principal. O tribunal ficava onde hoje é a parte central da rua. Eles têm um monte de cartas e documentos guardados no Salão de Registros, mas eu não consigo entender porque todo mundo parece se orgulhar do fato de uma multidão ter ficado louca e corrido atrás de uma pobre mulher. Nós pensamos que os romanos eram cruéis por fazerem prisioneiros lutarem com leões no Coliseu, mas isso é...

— Documentos? O que eu tenho que procurar nos documentos? — perguntou Norman.

Salma suspirou.

— Há arquivos para cada caso levado a julgamento — explicou ela. — Você pode encontrar quem estava lá quando ela foi executada e o que eles fizeram depois. Presumo que isso inclui a descrição do que eles fizeram com o corpo.

— Salma, você é a melhor! Obrigado! — disse Norman.

— Mas, espere... O quê?...

Norman fechou o telefone.

— Mitch, vá para a Rua Principal! — disse ele. — Temos que ir até a Prefeitura. É nossa única esperança!

Mitch deu um gemido.

— Significa que isso não acabou?

— Nem está perto de acabar — respondeu Norman. — Mas, agora, pelo menos temos um plano. Mas temos que correr. Essa coisa não vai mais rápido que isso?

Mitch olhou por cima do ombro tempo suficiente para lançar um olhar de advertência em Norman.

— Claro que vai! — exclamou ele. — Essa belezinha tem um motor de seis cilindros, um clássico V6 turbo! O melhor motor da face da Terra! Essa coisa é uma lenda, cara!

— Então, dá pra ir mais rápido? — repetiu Norman.

Mitch meteu o pé no acelerador. Neil e Norman se seguraram um no outro e Alvin saiu voando do seu assento e caiu de cara no chão, os pés apontados para cima.

— Que legal! — ironizou Courtney.

— Hum, Mitch — disse Neil, apreensivo, olhando para trás. — Estou vendo luzes de lanterna. Acho que é a polícia.

— Oh, ótimo! — exclamou Mitch. — Você tem alguma ideia do que uma multa por excesso de velocidade vai fazer com meu seguro premiado?

— Esqueça os policiais agora — instou Norman. — Continue dirigindo. Eles só podem passar uma multa por velocidade. Temos que chegar na Prefeitura!

Um carro de polícia encostou na van por trás, disparando a sirene e piscando a luz.

— Ótimo! — murmurou Mitch. — Oficialmente, esta noite não pode ficar pior.

O telefone de Courtney tocou, numa versão hip-hop perturbadora de "I Fell Pretty". E Norman atendeu.

— Norman? É a Salma. Eu não sei se isso tem a ver com o que você estava perguntando agora há pouco, mas eu estava olhando pela janela e tem umas coisas muito, mas muito estranhas acontecendo na cidade.

— Estranhas como? — perguntou Norman.

— Primeiro, vi a sra. Henscher correr de roupão com uma daquelas máscaras verdes no rosto, gritando. E daí eu vi do que ela estava correndo.

— Do quê? — perguntou Norman.

— Eles saíram da floresta — disse Salma. — É um tapa na cara de todas as pesquisas médicas mais respeitadas e não é compatível com a biologia depois da falência de órgãos e apodrecimento, mas eu sei o que eu vi e tem um monte deles. Estão por toda a cidade.

— O que você viu? — perguntou Norman, baixinho.

— Eles estão indo para a praça da cidade e não parecem muito felizes.

— O que você viu, Salma? — perguntou Norman novamente, pensando se ele já não sabia o que ela tinha visto.

Salma suspirou e quando ela falou, sua voz parecia soar baixinha e estranha pelo telefone.

— Zumbis — disse Salma. — Eu vi zumbis.

Mitch estava errado, pensou Norman. A noite estava oficialmente ficando pior.

Primeiro, ninguém pareceu notar os zumbis se movimentando na névoa.

Capítulo 12

Cinco pares de olhos silenciosamente observaram as calçadas quando Mitch virou a van na Rua Principal.

— Parece bem quieto — disse Neil.

— Eu sabia — disse Courtney. — Gente, nós caímos numa pegadinha. Isso é, tipo, uma pegadinha de mestre ou coisa assim.

— Estou escutando alguma coisa — disse Alvin. — O que é isso?

Todo mundo parou para escutar.

— Parece um bando de coiotes — disse Neil.

— Não, parece mais o som de uma sirene de aviso de tornados — opinou Norman.

— Vocês dois estão errados. Parece o grupo de saxofones da banda da escola — disse Courtney.

Esses três barulhos eram bem assustadores, especialmente o último. O grupo permaneceu sentado em silêncio, olhando ao redor ansiosamente.

— Está ficando mais alto — disse Norman. — Está vindo bem acima da gente.

Foi então que viram. E era uma das coisas mais assustadoras que tinham visto a noite toda.

Era a sra. Henscher. Ela estava correndo a toda pela rua, abanando os braços loucamente como se estivesse sendo atacada por legiões de morcegos fantasmas. Sua poderosa voz estava berrando num afiado grito agudo. Quando ela viu a van, berrou uma advertência sem diminuir a velocidade de sua corrida.

— "Meu dedão está coçando. Algum mal profundo vem chegando!"

Então, ela passou correndo por eles e continuou descendo a Rua Principal, mantendo sua gritaria sem palavras.

— Isso não pode ser bom — observou Neil.

— O que nesse mundo poderia fazer a sra. Henscher correr tão rápido? — perguntou-se Alvin.

Neil e Norman trocaram um olhar.

— Zumbis! — exclamaram em uníssono.

— Mitch, dirija! — gritou Norman.

Mitch apertou o acelerador e a van disparou. Eles zuniram pela rua e rapidamente alcançaram a sra. Henscher, que ainda estava correndo como uma louca no meio da rua.

— Cuidado! — berrou Courtney.

Mitch virou a direção para a direita e a van passou a centímetros da sra. Henscher, depois passou por cima da calçada e através de um estacionamento vazio, acabando numa batida num *outdoor* gigantesco com um desenho da bruxa de Blithe Hollow segurando um cartaz de batatas fritas e letras enormes anunciando: 300 ANOS! REVIVA O HORROR E COMA UM SALGADINHO DA BRUXA WEINER!

Houve um breve silêncio, interrompido pelo som de uma calota caindo no chão. Sem palavras, todos saíram da van e observaram o estrago.

— Vou vomitar — grunhiu Mitch.

— Eu acho que quebrei uma unha! — exclamou Courtney, erguendo a mão para examinar melhor.

— Acho que eu quebrei uma perna — gemeu Alvin, provando que estava errado ao pular pelo estacionamento fingindo estar com dor.

— Estamos bem, certo? — Neil perguntou a Norman.

Norman concordou, sério, olhando em volta. Estava silencioso demais. O tipo de silêncio que você escuta antes que alguma coisa muito estrondosa aconteça.

— Sinto muito, baby — murmurou Mitch. — Minha pobre garota, a última coisa que eu queria nesse mundo era que você se machucasse. Mas nós vamos superar isso juntos.

Courtney arrumou o rabo de cavalo, alisou a blusa e se preparou para dizer a Mitch numa voz hesitante e claramente traumatizada que ela pretendia perdoá-lo. Foi quando ela percebeu que ele falava com a van.

— Vou passar o inverno todo para consertá-la — disse Mitch, magoado.

— Bem, eu me sinto responsável por isso — disse Courtney, sem desistir ainda do Perfeição de Toalha. — Então, talvez eu possa te ajudar. Eu não sei nada sobre carros, mas eu posso levar refrigerante e massagear seus ombros. Fechado?

— Se olharmos pelo lado bom, se todos nós formos despedaçados por zumbis, você não terá que se preocupar em consertar sua van — disse Norman. — Gente, nós temos que *ir*.

— É — acrescentou Neil. — Temos tempo de chegar na Prefeitura antes

deles, a não ser que eles peguem o atalho pelo beco. Mas eles não tem como saber disso.

— Perfeito! — exclamou Courtney. — Mitch está chorando pelo seu carro querido e agora os nerds estão no comando? Tipo, quem é que vai *me* proteger? Quero dizer, eu já vi filmes de zumbis também e todo mundo sabe que a garota bonita é sempre a primeira que morre.

— Eu vou proteger você — declarou Alvin, dando um passo à frente de Courtney e se inflando para imitar o corpo de Mitch.

— Oh, tão bom ouvir isso de você! Isso me deixa tão segura! — disse Courtney. — Até agora, eu vi você gritar como uma garota e se esconder no chão. Nenhum exército zumbi resiste a esse tipo de defesa.

— É! — concordou Alvin.

Então, suas sobrancelhas ficaram um pouco franzidas enquanto pensava no comentário de Courtney e tentava entender se aquilo tinha sido mesmo um elogio.

De repente, Norman teve um pensamento terrível. Os zumbis estavam indo para o centro da cidade. Era sexta-feira à noite e as pessoas já deviam estar esperando e se preparando para a festa de gala do aniversário amanhã. Haveria pessoas ali, por todos os lugares. Prontas para serem abatidas.

— Temos que avisar todo mundo! — gritou Norman de repente.

E saiu correndo pela Rua Principal até a praça da cidade.

Neil estava gritando alguma coisa atrás dele sobre ir rápido demais, mas Norman não diminuiu a velocidade. Ele correu até sentir que os pulmões estavam quase explodindo, parando apenas quando chegou na frente da praça. Como ele temia, estava cheia de gente.

— Ei! — gritou Norman, mas havia muitas coisas acontecendo e ninguém pareceu ouvir sua voz.

No mesmo momento, outras pessoas chegaram de um beco e começaram a examinar a praça. O sangue de Norman congelou.

Os mortos-vivos tinham chegado.

Primeiro, ninguém pareceu notar os zumbis se movimentando na névoa. Havia um grupo de pessoas sentadas numa mesa de piquenique do lado de fora do Café da Bruxa, ocupadas com o balde de frango frito e batata frita. Uma mulher que falava alto, usando um macacão masculino folgado demais, estava brigando por uma coxa de frango com uma garota com uma camiseta pink que dizia AS

REGRA NAUM SE APLICA A EU. Enquanto discutiam e agarravam a coxa do frango, Norman observou horrorizado um zumbi ir na direção delas e parar, balançando, com um olho pendurado do globo ocular.

—Ei! — gritou Norman novamente, mas desta vez sua voz saiu parecendo uma coaxada.

Um pouco adiante, do lado de fora do Mercado de Blithe, um grupo de colegiais estava brincando de trombada com carrinhos de supermercado roubados. Outro estava batendo no parquímetro com um bastão, numa tentativa de arrombá-lo. Um zumbi magrinho e corcunda cambaleou entre eles. Enquanto ele se movia, Norman pôde ver que sua nuca estava aberta e seu cérebro estava visível.

Norman ouviu uma respiração arfante vindo diretamente atrás dele e, assim que se virou, ergueu os punhos.

— Cara, somos nós! — disse Neil, o rosto vermelho tomate e o corpo tremendo no ritmo de sua respiração ofegante como um cavalo de corrida.

— Acho que rompi um ligamento na minha perna — disse Courtney. — Ou quebrei alguma coisa. Como chama aquela coisa que você precisa para andar?

— Tendão de habilidades — disse Mitch.

— Oh, isso parece péssimo. Mitch, você acha que consegue me carregar?

Mitch era o único que não estava ofegante. Mesmo assim, ele não mostrou nenhum sinal que estaria disposto a carregar Courtney.

— Você está vendo o que nós estamos vendo? — Neil perguntou ao irmão, apontando para um zumbi com vermes saindo do ouvido, do lado de fora da loja Mundo da TV, vidrado com sua própria imagem. Uma mulher distraída, com botas de saltos altos e finos, calça de couro e um colete de pele passou por eles conversando ao celular.

— Eu paguei 25 mil dólares por essa bolsa — ela estava dizendo. — É de píton albino e todas as ferragens são de ouro. Você tem que usar seus cartões de crédito ou eles tiram seus cartões, certo?

A batida do salto fez um barulho úmido quando a mulher pisou em alguma coisa. Era outro zumbi, uma criatura baixa e acocorada, com pele verde escura e a cabeça cercada de moscas zunindo.

— Ei, olhe por onde anda! — zangou-se a mulher. — Esta roupa custou mais do que você ganha num...

Houve um momento de silêncio e pareceu que tudo que estava vivo ou morto

em Blithe Hollow parou por um momento. Então a mulher deixou o telefone cair, abriu a boca e gritou com toda a força de seus pulmões. No Café da Bruxa, a mulher e a garota deixaram cair a coxa de frango e atiraram o balde de frango no zumbi com o olho pendurado, enquanto gritavam como chimpanzés assustados. No Mercado de Blithe, os colegiais viram o Zumbi da Cabeça Aberta, com o cérebro aparente. Um deles deu uma volta com o bastão e conseguiu acertar a cabeça dele. Quando uma gosma de cérebro verde acinzentada voou do crânio da coisa, os adolescentes abandonaram os carrinhos e correram para a rua, gritando e se debatendo. Logo, todos os homens, mulheres e crianças na praça da cidade estavam gritando de medo. Pessoas estavam derrubando uns aos outros na tentativa de fugir, mas os zumbis pareciam estar chegando de todas as direções.

— Parece uma noite normal de sexta-feira — observou Mitch.

— Chegamos tarde demais... Eles estão em todos os lugares! — gritou Norman. — Vamos para a Prefeitura. Nossa única vantagem é correr mais rápido que eles.

— Fale por você — murmurou Neil.

Norman viu um pedaço de calçada perto do Bar Gento que estava livre dos zumbis e correu até lá, gesticulando para que os outros o seguissem. Mas, de repente, a porta do bar se abriu e Crystal, a dona, a mulher do tamanho de um jogador de futebol americano profissional, apareceu triunfante com uma arma em mãos.

— Alguém faça alguma coisa! — gritou a mulher com as botas de salto.

Crystal levantou a arma, apontou para um zumbi com uma veste comprida no meio da praça e berrou:

— Acertem a cabeça!

Norman observou incrédulo enquanto a multidão pegava armas improvisadas: uma bengala, uma pedra, um pé de cabra. Alguém veio correndo de uma loja de ferragens com um carregamento de ancinhos e marretas, que as pessoas disputaram, amontoadas.

— Vocês estão brincando! — disse Norman. — Vocês não podem matá-los! Eles já estão mortos! — berrou ele.

Ele se arrependeu imediatamente de ter gritado, pois chamou atenção para si mesmo. No centro da praça da cidade, perto da estátua da bruxa, uma figura cadavérica com roupa de juiz virou-se para encarar Norman com olhos sem pálpebras.

O juiz morto.

— Salvem suas vidas! Corram! — gritou Alvin, disparando em direção à Prefeitura.

A noite estava cheia de sons de coisas se quebrados e sendo espatifadas, enquanto as pessoas brandiam suas armas e arremessavam garrafas. Norman olhou rapidamente sobre o ombro e viu o juiz mancando, a boca aberta, como se não acreditasse no que a jovem e promissora cidade de Blithe Hollow tinha se transformado.

A multidão tinha temporariamente derrotado os zumbis, que se arrastavam para longe dos ataques, suas mãos podres tentando proteger suas faces decadentes. Então, Norman ouviu o som ensurdecedor de uma arma de fogo. Ele olhou para trás e viu o juiz cambaleando mas ainda em pé, com um buraco do tamanho de uma laranja fumegando em seu peito. O juiz jogou a cabeça para trás e deu um uivo alto, que parecia ser o chamado para os outros zumbis. Assim que o juiz se afastou da Rua Principal pelo beco atrás da Prefeitura, o resto dos mortos-vivos se arrastou atrás dele.

— Agora é a nossa chance! — disse Norman.

Ele correu pela calçada até a escadaria em frente à Prefeitura, sabendo que a respiração arfante de Neil e os gritinhos de Courtney indicavam que eles estavam logo atrás.

Nessa noite, o prédio da Prefeitura parecia combinar ainda menos com os arredores: a estrutura de madeira de 300 anos destacava-se entre as feias fachadas modernas de tijolinho amarelo e vidro. Norman subiu correndo os degraus e empurrou a pesada porta de madeira. Estava trancada.

— Alguém sabe arrombar uma fechadura? — perguntou Norman ao grupo.

Mitch, Courtney, Neil e Alvin ficaram lá embaixo, encarando-o sem resposta.

Finalmente, Courtney suspirou impacientemente.

— Que tal ele? — Courtney apontou para Alvin. — Ele parece um criminoso. Você vai dizer que um cara com um pescoço grosso assim não pode arrombar uma fechadura estúpida?

Alvin ficou radiante.

— Será que Alvin consegue arrombar uma fechadura? — exclamou ele. — Claro, arrombar fechaduras é o meu negócio. Observem e aprendam, otários. Oh, e você é gata! — acrescentou ele à Courtney, que ficou toda animada ao ser chamada de gata.

— Hum, é melhor você ir rápido — disse Mitch, nervoso. — A lei está chegando.

E estava mesmo, pois a moto da xerife tinha acabado de encostar perto do Bar Gento. Numa vaga para deficientes, claro, mas aparentemente a polícia podia fazer aquilo. A xerife Hooper desceu da moto. Ela estava usando o mesmo uniforme que tinha recebido cinco anos atrás, antes da abertura da loja de rosquinhas bem ao lado da delegacia. Agora, todos os botões estavam esticados e enquanto ela caminhava até Crystal com a arma em punho, parecia que dois filhotinhos de cachorro dentro de suas calças lutavam para sair.

— Tem tantas coisas erradas com aquela roupa que eu nem sei por onde começar — murmurou Courtney.

— Alvin, vamos! — disse Norman. — Você consegue arrombar ou não?

— Não temam, Alvin está aqui! — disse ele. — Eles não me chamam de Gatuno Fantasma por nada.

— Ninguém nunca te chamou de Gatuno Fantasma! — observou Neil.

Alvin encarou a fechadura, então olhou no chão ao redor. Pegando uma grande pedra, ele arremessou-a por uma janelinha perto da porta, enfiou o braço no buraco aberto e destrancou a porta por dentro.

— O que foi que eu disse? — Alvin avançou triunfante. — Alvin é irado ou não é?

— Precisamos sair de vista — disse Norman. — Todo mundo, sigam-me! E fechem essa porta quando entrarmos.

Mitch foi o último e, assim que ele fechou a porta, estavam todos cercados pela escuridão, a não ser pela pouca luz que vinha dos sinais de saída.

— E agora? — perguntou Neil.

Norman fez uma pausa, pois não tinha certeza. De repente, o corredor foi iluminado por um flash de luz azul brilhante e, quase imediatamente, um ensurdecedor trovão explodiu ao redor deles.

— Artilharia! — gritou Alvin. — Alvin se rende!

— Isso pareceu vir diretamente contra nós — disse Neil, massageando as orelhas.

— E veio — disse Norman.

— Então, Norm, não leve isso a mal, tá? — disse Neil, cuidadosamente. — Mas parece que tudo isso, o cara morto louco, os zumbis e o tempo bizarro, estão meio que centrados em você.

Norman respirou fundo. Estavam todos olhando para ele. Mitch um pouco atrás de Neil, Courtney batendo o pé impacientemente com as mãos no quadril e Alvin escondendo-se atrás de uma enorme planta decorativa no corredor.

— Neil está certo — disse Norman. — Eu ainda não entendi direito, mas tem alguma coisa a ver com este livro que eu peguei da casa de Prenderghast e com o fato de que eu posso falar com os mortos. O juiz e os zumbis estão atrás de mim, e a bruxa que está causando esta tempestade também está atrás de mim. Eu sou o único que pode dar um fim nisso e, para ser honesto, eu não sei se posso. O que eu sei é que não é seguro ficar perto de mim. Todos vocês tem que ir embora. Vão embora enquanto podem. Vão para casa. Os zumbis não vão seguir vocês até lá. Eles estão vindo para *cá*. Estão vindo atrás de mim.

Em algum lugar desta sala estava a resposta

para o segredo do túmulo da bruxa.

Capítulo 13

— Bem, se você insiste, acho que vamos embora ago- ra — disse Alvin, mas ele calou a boca quando Courtney bateu na planta que o escondia e folhas de plástico verde choveram sobre ele.

— Cale a boca! — disse ela. — Você correria se visse uma formiga anã. Eu falo por mim.

— Bem, gente, façam o que quiserem, mas Norman é meu amigo — declarou Neil, cruzando os braços sobre o peito. — Se ele vai ficar aqui, eu vou ficar com ele.

— Bem, ele é o meu irmão — disse Courtney. — E eu posso ser presa se acontecer alguma coisa com ele. E vocês sabiam que todo mundo tem que usar a mesma roupa na cadeia, tipo, todo dia? Eu vou ficar aqui também.

— Bem, Neil é o *meu* irmão — disse Mitch. — E eu não vou deixar que ele fique sozinho com um cara louco que fala com fantasmas e que está sendo perseguido por zumbis e tempestades enfeitiçadas.

— Eu não sou louco, Mitch, e eu não sou sua responsabilidade, Courtney — rebateu Norman. — Eu posso fazer isso sozinho. Vão embora.

Norman andou pelo corredor, na direção da porta que dizia SALÃO DE REGISTROS.

Ele já devia estar acostumado com isso... Ser chamado de louco. Em ser o cara que ninguém quer ficar perto, a não ser que precisem. Em algum momento na selvagem corrida de van, Norman teve a sensação de estarem trabalhando todos juntos, quase como um time. O Time dos Garotos contra o Time dos Zumbis. Mas não, isso era estúpido. Nenhum deles queria estar ali, exceto, talvez, Neil, e ele provavelmente estava só sendo educado.

Na escuridão, Norman quase passou por uma porta aberta. Dando um passo para trás, ele viu a placa iluminada pela luz fraca.

— Salão de Registros, é aqui — disse ele.

Neil chegou perto atrás dele.

— Ei, gente, nós achamos! — gritou Neil.

Norman queria dizer que "nós" não tínhamos achado nada. Mas agora que ele

estava no lugar certo, tinha que ser rápido. Em algum lugar desta sala estava a resposta para o segredo do túmulo da bruxa. O problema era que aquele lugar era enorme. Um lado tinha janelas de vidro até o teto e as luzes dos postes do lado de fora iluminavam as pilhas e pilhas de prateleiras e arquivos.

— Uau! — disse Courtney da porta. — Como vamos achar alguma coisa aqui?

— Talvez tenha um bibliotecário de serviço e podemos perguntar para ele — disse Mitch, esperançoso.

— Nós arrombamos o lugar, lembra? — disse Neil. — Bibliotecários geralmente não trabalham à noite com as luzes apagadas.

— É verdade — disse Mitch. — Bem, essa era minha única sugestão.

— É uma pena — disse Alvin, que acabava de entrar no salão, com uma folha de plástico presa na camisa. — Bem, então acho que devemos ir embora.

De algum lugar no prédio, veio um som de vidro se partindo e alguma coisa batendo numa porta.

— Norman — disse Courtney. — Isso não está me soando bem...

Talvez pela primeira vez na vida, Norman pensou que sua irmã tinha feito um comentário muito adequado. De repente, ele teve uma ideia.

— Rápido, me dê seu telefone de novo! — disse Norman.

Mais batidas na porta no andar de baixo. Courtney rapidamente passou o telefone para Norman sem revirar os olhos uma única vez.

— Alô, Salma? Sou eu de novo. Estamos na Prefeitura.

— Norman, está uma loucura lá fora — disse Salma. — Estou na delegacia, que está completamente deserta por sinal, o que eu tenho certeza que viola vários estatutos básicos, porque parte do acordo estabelece que o dinheiro dos impostos seja destinado a...

— Você tem que ficar em casa — disse Norman. — Não é seguro.

— Estou no segundo andar, perto da "jaula" — disse ela. — Tenho uma vista perfeita de toda a praça e da Prefeitura. Posso ver pelo menos seis leis sendo violadas neste momento, ninguém em plena consciência vai *entrar* na delegacia esta noite. Ah, escute, tenho certeza de que vi seus pais por aí.

Norman hesitou por um momento para absorver esse fato. Seus pais, em algum lugar da multidão. Mas ele simplesmente não podia se preocupar com isso nesse momento.

— Tá bom — disse Norman. — Estou no Salão de Registros, mas é enorme. Não tenho ideia por onde começar a procurar.

— Você tem alguma ajuda? — perguntou ela.

Norman olhou em volta. Neil estava deitado no chão, recuperando o fôlego. Courtney estava penteando o cabelo. Mitch estava subindo pelas prateleiras como se fossem uma escada. E Alvin tinha encontrado outra planta de plástico e subido parcialmente nela.

— Não muita — respondeu Norman.

— Tá, tudo bem, os documentos realmente velhos estão em caixas especiais que são lacradas e à prova d'água. Elas não estão junto com os livros e documentos comuns. Olhe em volta e veja se consegue encontrar caixas como essas.

Norman ouviu um "opa" seguido por várias pancadas, enquanto Mitch caía da pilha onde tinha subido e esparramava-se no chão, seguido por várias caixas.

— Cara, essas coisas quase me mataram! Do que elas são feitas? Tipo, aço? — resmungou Mitch.

— Espere aí — disse Norman. — Acho que encontrei algumas.

Norman colocou o telefone no chão, tirou a perna de Mitch do caminho e abriu a caixa.

— Então? O que você está vendo? — Norman podia escutar a voz de Salma chegando distante no telefone.

— Norman, aperte o botão redondo e coloque no viva-voz — disse Courtney. — Mitch, você se machucou? Eu posso fazer os primeiros socorros! Eu já vi episódios da *Enfermeira de Malibu* que é, tipo, um *reality show*!

Norman acionou o viva-voz.

— Há toneladas de pequenos arquivos e pastas aqui — disse ele. — Vou levar horas para ver tudo.

— Deve haver um cartão com um índice do que está aí — disse Salma. — Uau! As pessoas estão loucas lá fora! Elas estão usando ancinhos e desentupidores de privada como se fossem sabres de luz. Espere, para onde foram os zumbis?

— Encontrei! — disse Norman, apressado.

— Oh, ok. Você está vendo alguma coisa como "prisões, exames ou indiciamentos" datados do século XVII?

— Sim! — respondeu Norman, animadamente. — E indica D515–605.

— Certo, então tem que haver uma pasta lá dentro que tenha esses números. Norman, isso vai parecer estranho, mas tem uma grande nuvem se formando sobre a Prefeitura. Com certeza é uma *cumulus nimbus* e parece que está se desenvolvendo numa supercélula, mas o resto do céu está claro. Do ponto de vista

meteorológico, devo chamar isso de anomalia, no mínimo.

— Eu encontrei a pasta — disse Norman, puxando-a dentre as demais. — Está cheia de pastas menores, cada uma com um nome. Rebecca Haverstrom. Mary Black. Thomas Pellington.

— Juro, você não ia acreditar no que está acontecendo ali fora — disse Salma, a voz mais rápida e alta do que o normal. — Parece que os zumbis foram embora, mas as pessoas ainda estão loucas, quebrando coisas e gritando. A sra. Henscher ainda está lá com aquela coisa verde na cara, gritando com as pessoas. A xerife Hooper está escondendo sua moto. As pessoas começaram a se bater agora.

— Salma! O arquivo! Que arquivo?

— Procure pelo arquivo de Agatha Prenderghast.

Norman sentiu sua mão ficar paralisada.

— O quê? — perguntou ele.

— P-R-E-N-

— Eu sei como se escreve — disse ele. — Salma, a bruxa que foi executada aqui 300 anos atrás... O nome dela é Agatha *Prenderghast*?

— É — confirmou Salma. — Ninguém nunca se importa com esse fato, mas essa informação está no arquivo. Eu mesma encontrei quando fiz meu trabalho.

Não podia ser uma coincidência. Era uma cidade pequena e esse não era um nome comum. O velho Prenderghast era o tio-avô de Norman, então a bruxa só podia ser parente dele.

O que quer dizer que ela é minha parente também, pensou Norman.

Houve uma pancada alta ao longe, como o som de uma grande porta de madeira sendo chutada.

— O que foi isso? — gritou Alvin.

— Parecia alguém quebrando a porta da frente — respondeu Mitch.

— Salma, você disse que não tem mais nenhum zumbi na praça? — perguntou Neil.

— É, todos desapareceram — respondeu Salma. — Talvez eles tenham entrado nos prédios.

— Oh-oh — exclamou Neil. — Hã, Norman?

— Estou correndo aqui! — disse Norman, virando as páginas velhas e amareladas do arquivo de Agatha Prenderghast.

— Gente, a sra. Henscher está levando a multidão à loucura! — disse Salma. — Ela está citando Shakespeare, gritando coisas como "chorem os estragos e

deixem sair os cães da guerra!" E ela está apontando para a Prefeitura!

— Encontrei alguma coisa! — gritou Norman, segurando um pedaço de pergaminho rasgado na frente do rosto para conseguir ler as letras apagadas. — *Declaramos Agatha Prenderghast culpada da execução das detestáveis artes da bruxaria e feitiçaria, praticadas criminosamente e maliciosamente na cidade de Blithe Hollow, contra a paz do soberano senhor, e pelo primeiro estatuto do Rei James...*

— Pule essa parte. Deve ter alguma coisa sobre a sentença dela — interrompeu Salma.

— Está aqui — disse Norman. Ele engoliu em seco. Só de olhar para as palavras seu sangue gelou. — *Ela deve ser levada ao Morro da Maçaneta... E ser pendurada pelo pescoço até a morte... E que seus restos mortais sejam sepultados ali e que nenhum membro de sua família nunca possa ser enterrado no cemitério sagrado ou solo consagrado.*

Eca, pensou Norman. *Não é à toa que a bruxa ficou tão brava.*

— O Morro da Maçaneta fica do outro lado do rio, passando pela trilha da velha floresta — disse Salma. — Eles costumavam chamá-lo assim por causa das estranhas árvores que cresceram ali e tinham calombos nos troncos que pareciam maçanetas. Uma ou duas dessas árvores ainda estão ali, mas se tornaram completamente brancas.

— Eu conheço aquele lugar! — gritou Norman. — É para lá que eu tenho que ir!

— Norman, não saia do prédio! — disse Salma. — Tem uma multidão se reunindo exatamente atrás da porta de entrada. Eles estão fora do controle!

Norman conseguia escutá-los agora, gritando e urrando. Acima do tumulto, ele escutou o som inconfundível da voz da sra. Henscher, gritando:

— Encontrar e despedaçar!

— Qual é o problema deles? — perguntou Neil. — Parece que perderam a cabeça... Se eles nos encontrarem, e acreditarem acidentalmente que somos zumbis, eles vão vir atrás da gente?

— O que os zumbis fizeram para que as pessoas os odiassem tanto? — disse Alvin. — Quero dizer, é, eles são caras mal-humorados e podres, tá, mas por que juntar gente para bater neles só porque são um pouco... diferentes?

— Pergunta interessante, Alvin — disse Neil. — Talvez você deva pensar um pouquinho na resposta.

Alvin deu um muro de brincadeira no braço de Neil.

— Eles viraram uma multidão enfurecida — disse Norman. — Eles estão prontos para atacar os zumbis a qualquer preço. O cérebro deles não está mais funcionando. Eles vão fazer o que todo mundo fizer.

— Essa é a coisa mais idiota que já escutei — disse Courtney. — As pessoas tem que pensar com a própria cabeça!

— Tem uns vinte arquivos nessa caixa com nomes de pessoas que foram julgadas por serem bruxas — disse Norman. — Eu duvido que as pessoas que as acusavam estavam pensando por si mesmas.

— Gente! — Mitch pediu silêncio, perto da porta, olhando para o salão de entrada. — Alguma coisa se mexeu aqui.

— Zumbis! — berrou Alvin.

Neil lhe deu um tapa na nuca.

— Pare de gritar! — sussurrou Neil. — Você quer que eles nos encontrem?

Alvin balançou a cabeça, a mão cobrindo a boca, os olhos arregalados.

— Todo mundo, afastem-se da porta! — sussurrou Norman. — Vamos para perto da janela. Podemos nos esconder atrás da mesa.

Norman correu até a janela e olhou para fora. Então, ficou paralisado com o que viu.

Salma não estava exagerando. Uma grande multidão enfurecida estava reunida nos degraus da Prefeitura. A sra. Henscher estava no degrau mais alto, gritando para todos, apontando para o prédio, o punho cerrado no ar. A multidão agitada se mexia como se fosse uma única criatura: um predador flexionando os músculos um momento antes de atacar a vítima pelas costas.

— Eles enlouqueceram! Enlouqueceram completamente! — disse Norman.

Ele podia ver que nem todas as pessoas estavam naquele transe. A xerife Hooper estava lá atrás, tentando puxar as pessoas. Do outro lado da rua, Norman viu a silhueta de Salma na janela da delegacia. Na rua, embaixo, Norman viu uma van familiar, de onde saíam duas pessoas.

— Oh... não! — murmurou Norman.

Salma estava certa quando disse que pensou ter visto os pais dele.

Ele queria gritar para que seus pais se afastassem da Prefeitura, mas eles nunca o ouviriam. Naquele momento, um tijolo chegou voando pela janela e uma explosão de gás choveu sobre eles.

— "Para a brecha, caros amigos! Avancemos!" — ordenava a sra. Henscher aos

berros. — "Ou então que nossos corpos mortos bloqueiem a passagem!"

Através do vidro espatifado ainda pendurado na janela, Norman viu a sra. Henscher correr até o degrau mais alto da escadaria. A multidão correu atrás.

— Temos que correr! — gritou Mitch.

Neil olhou ao redor e viu um mapa com saídas de emergência de incêndio.

— Todo mundo, vamos para a escada dos fundos no salão principal! — gritou ele. — Tem uma saída de emergência que dá no beco dos fundos! Vamos! Vamos! *Vamos!*

— Espere! Onde está o livro? Eu perdi o livro de Prenderghast! — gritou Norman, olhando ao redor loucamente.

— Você perdeu um livro num lugar cheio de livros? — exclamou Alvin. — Esqueça! Já era!

— Não posso ir embora sem ele! — respondeu Norman, ficando de joelhos e passando as mãos pelo chão.

— Norman, esqueça esse livro estúpido! — berrou Courtney. — Uma única vez na sua vida inútil, faça o que eu estou falando!

Norman e Courtney se encararam.

— Espere, eu não quis... — começou Courtney.

— Vá embora! Vá! Eu *nunca* pedi a sua ajuda! Você só veio atrás de mim porque achou que teria problemas com o papai e a mamãe. Você acha que eu sou uma aberração, admita. *Admita*!

Courtney engoliu em seco.

— Bem, eu usei essa palavra para descrever você em algumas situações mas não é muito exagerado dizer isso de alguém que anda por aí com pessoas que não tem vida social. Literalmente, *nenhuma* vida!

— Tá bom! — disse Norman. — Eu não vou sair daqui enquanto não encontrar meu livro e todos vocês estão me atrapalhando. Então, *saiam* daqui!

— Veja — disse Courtney para Mitch. — A sra. Henscher foi minha professora dois anos atrás. Eu sei que ela está toda louca agora, mas eu acho que ela vai me reconhecer. Quero dizer, quem poderia achar que eu sou um zumbi? A multidão vai perceber que tem gente aqui no prédio. Então, um de nós pode voltar para pegar Norman se for seguro.

— Bom plano — disse Mitch.

— Ótimo! Adeus, Norman, foi bom conhecer você — disse Alvin, correndo pela porta.

— Bem, eu vou ficar com Norman — declarou Neil.

— Não, você não vai — disse Mitch, com firmeza.

Neil abriu a boca para protestar, mas Mitch simplesmente o pegou e o colocou sobre o ombro, como se Neil fosse um grande saco de comida para cachorro.

Momentos mais tarde, Norman estava sozinho no Salão de Registros. Ele suspirou, olhando ao redor. Na esquina, perto de onde uma das grandes caixas tinha caído, Norman viu uma coisa marrom e retangular.

— Será isso? — murmurou ele, andando até a caixa.

Ajoelhando-se, ele viu, aliviado, que era o livro de Prenderghast. Ele o colocou embaixo do braço e observou o conteúdo da caixa aberta.

— Tantos nomes... — disse Norman, olhando os arquivos. — Vandervoort: executada. Trilling: executada. Boyer: morreu na prisão. O que eles estavam fazendo? Acusando qualquer uma que não gostavam de ser uma bruxa? Sem nenhuma razão? Por que as pessoas faziam isso umas com as outras?

Houve um *crack* atrás dele, que não se parecia com uma madeira estalando no chão, mas com o estalo de um velho... osso.

Norman deu meia-volta.

— *Não*! — gritou ele, empurrando a caixa na direção da criatura horrorosa e vesga arrastando-se na direção dele, com os braços esticados.

Então ele viu um segundo zumbi, balançando perto da pilha central e, além dele, mais zumbis vindo por um buraco retangular e mal iluminado na parede. Havia uma outra porta no Salão de Registros. Os zumbis a encontraram e Norman estava encurralado.

— Socorro! — gritou ele. — Alguém me ajude!

Mas ele sabia que não tinha como os outros ouvirem seus gritos. Ele se encolheu num canto enquanto dois zumbis chegavam mais perto. Ele reconheceu um deles: era o Zumbi da Cabeça Aberta. O outro, que tinha um olho pendurado balançando, esticou a mão esquelética.

Não havia para onde ir. Norman se encolheu contra uma estante e, olhando para cima, viu uma placa plástica vermelha na parede, onde se lia ACESSO AO TELHADO – MANTENHA DISTÂNCIA. Certamente havia uma porta no teto. Norman agarrou alguns livros e jogou-os no Zumbi do Olho Pendurado, então escalou a estante do jeito que viu Mitch fazendo. Momentos depois, ele estava lá em cima. Empurrou o alçapão e quase gritou de alívio quando ele se abriu. Então,

apoiou-se e passou por ele.

— Queimem tudo! — berrou a sra. Henscher do topo da escadaria da Prefeitura, movimentando uma tocha no ar.

A multidão concordou com um aplauso.

— Queimem tudo! — alguém gritou.

— Ponham fogo no lugar! — berrou outro.

A sra. Henscher deu a volta e, com sua tocha, tocou os restos da porta pendurada pelas dobradiças. Courtney foi a primeira a chegar aos últimos degraus da escada do salão principal e correu para a porta.

— *Ei, parem com isso!* — gritou ela, correndo até a porta e tirando a tocha das mãos da sra. Henscher.

Mas era tarde demais. Uma língua de fogo estava correndo pela velha e seca madeira da porta. A fachada do prédio parecia feita de gravetos e o fogo correu pela superfície, mais poderoso a cada segundo.

— Vocês todos perderam a cabeça? — Courtney gritou para a multidão.

— É — gritou Alvin, aparecendo na porta atrás de Mitch e Neil. — Eu não sei muita coisa, mas eu sei o que é vandalismo quando vejo e isso vai ficar *para sempre* em suas fichas!

— Ide, crianças! — gritou a sra. Henscher. — Viemos pelos zumbis, pelos necrófagos e pelos que amam as maldições! O Mal está nesse prédio!

— Escutem o que vocês estão falando! — gritou Courtney. — Olhem para nós! Somos apenas crianças! Não há mal nenhum naquele prédio, mas meu irmão ainda está lá e temos que...

As palavras de Courtney foram afogadas num suspiro coletivo da multidão. Alguém apontou para cima, para o telhado do prédio.

— Ali! — gritou alguém.

— Olhem! — gritou uma mulher.

— Ele está convocando o demônio! — berrou estridentemente uma mulher que se parecia com um rato.

Courtney desceu os degraus correndo e virou-se para olhar o que atiçou a multidão.

Sobre o telhado do prédio, uma nuvem espiral preta e verde girava. No centro dela, uma face contorcida de ódio e fúria. E diretamente abaixo da enorme cara estava Norman, em pé no telhado, acenando com um livro em mãos.

— Ele está convocando a bruxa! — gritou a dona do bar, ainda carregando sua

arma. — Ele é o mestre da bruxa!

— Necrófago! — gritou a sra. Henscher.

— Norman? — gritou uma mulher com uma voz familiar.

Courtney se virou. Na calçada, alguns metros distante da multidão, estavam o sr. e a sra. Babcock. Eles estavam encarando a cena no telhado, ambos com os queixos caídos.

— Mamãe, papai, eu posso explicar! — disse Courtney. — Todo mundo! Eu posso explicar!

Mesmo sendo claramente a garota mais bonita no meio de toda aquela multidão, ninguém estava prestando a mínima atenção nela. Estavam brandindo os punhos contra o prédio. Ela tinha que tirar os outros dali, agora. Todos estavam transtornados pelo que estava acontecendo no telhado e ninguém viu Courtney entrar correndo novamente no prédio.

****

Norman tinha visto o sarcástico rosto enorme nas nuvens que rodopiavam assim que ele saiu pelo alçapão que se abria para o telhado. Ficava cada vez maior e Norman podia ouvir a multidão na rua ficando cada vez mais histérica. A ponta do grande nariz adunco e verde estava praticamente em seu rosto.

— Pare! — gritou Norman. — Por que você está assustando todo mundo?

A bruxa respondeu ficando ainda maior e arrumando as nuvens para que mostrassem os dentes num sorriso ameaçador parecido com um Zé Lanterna. Seus dentes eram pretos e quebrados e seu rosto estava iluminado por um assustador brilho esverdeado. A multidão começou a gritar ainda mais alto.

— Sua horrível bruxa velha! — gritou Norman. — Você criou um monstro aqui embaixo. Está contente agora? É isso que você quer?

Norman olhou para o livro embaixo de seu braço. Parecia ridículo. Mas era o que Prenderghast lhe mandou fazer e essa coisa... Essa bruxa rodando sobre sua cabeça... Ela era uma Prenderghast também.

Enquanto abria a capa, escutou batidas na porta do alçapão. Ele pulou sobre a porta, travou o fecho e correu o mais longe que podia dali, subindo numa escada do lado de uma chaminé para ficar ainda mais perto da bruxa. Ele levantou o livro.

— Ei, você! Escute aqui! — gritou Norman.

O vento estava tão forte que ele mal conseguia ouvir a si mesmo e a força com

que soprava ameaçava arrancar-lhe o livro das mãos. Mas ele conseguiu abrir e começou a ler.

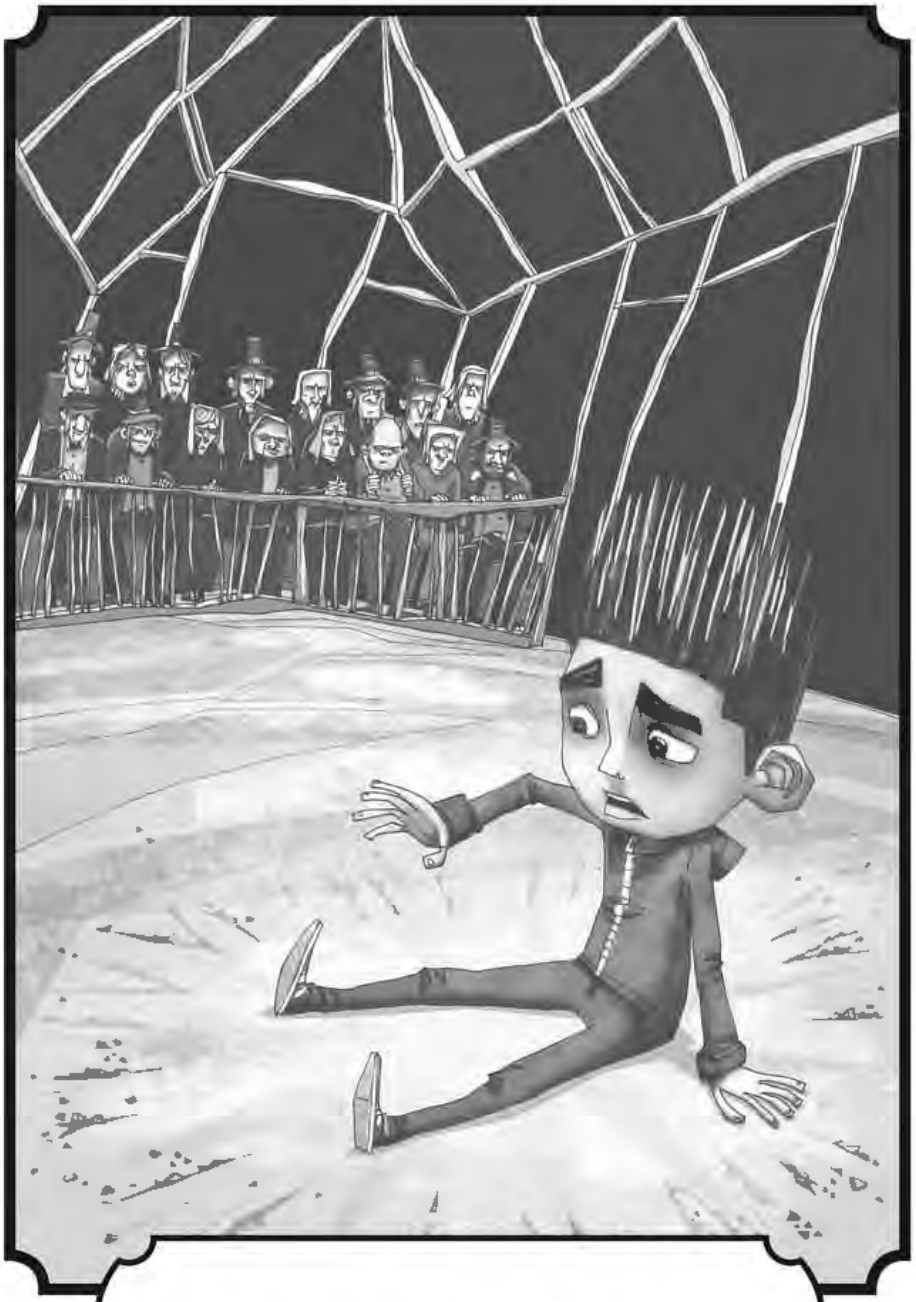
— Era uma vez, numa terra distante, um rei e uma rainha, que viviam num magnífico castelo...

— Necrófago! — Norman escutou uma mulher na multidão gritar.

O rosto nas nuvens começou a gargalhar monstruosamente. Norman fechou o livro com tudo, frustrado, sem notar as colunas de fumaça preta que subiam do prédio e serpenteavam pelo ar.

— Foi isso que ele me mandou fazer! Por que você não me escuta? Por que você está fazendo isso? — gritou Norman.

A terrível face nas nuvens virou do avesso e, do centro, disparou uma língua de luz na direção de Norman, arrancando o livro de suas mãos, arremessando-o na direção das velhas vigas de madeira do telhado. A madeira se quebrou no impacto e Norman mergulhou no telhado, caindo dentro do prédio. Momentos depois, a fumaça preta foi salpicada pelas faíscas avermelhadas que surgiram do buraco que seu corpo tinha feito.



Será que estou morto?, pensou Norman.

Capítulo 14

Quando Norman abriu os olhos, o fogo tinha se apagado. Sua mão, onde antes estava o livro, agarrava um pequeno pedaço do couro da lombada, agora preto e queimado nas pontas.

Ele se sentou devagar, esfregando a cabeça dolorida. Tinha acontecido um incêndio, ele sabia disso. Agora não tinha mais nada. Ele tinha passado por uma porta e entrado num salão cheio de livros, mas este salão estava vazio.

Será que estou morto?, pensou Norman.

O salão era simples e vazio, com chão e paredes de madeira. Num canto havia uma plataforma onde, atrás de uma mesa, estavam quatro homens e duas mulheres que o olhavam ameaçadoramente, vestidos com a roupa preta dos peregrinos. Uma multidão de observadores estava ali, mantendo uma distância respeitosa da mesa, mas enchendo todo o salão.

Desorientado e sentindo-se enjoado por causa da fumaça, Norman se perguntou se não tinha caído acidentalmente em um ensaio de outra peça da sra. Henscher. Então, nauseado, percebeu exatamente o que estava acontecendo.

— Isto é um julgamento — murmurou.

Uma porta se abriu e um homem alto e esquelético, com uma peruca branca empoada e vestes negras entrou no recinto.

O juiz Hopkins.

O juiz subiu na plataforma e olhou para Norman com olhos frios e severos.

Ele consegue me ver?, pensou Norman, puxando os joelhos contra o peito e desejando desaparecer.

Agora, todos os olhos do salão estavam sobre Norman. Ele sentiu um medo profundo lhe gelar os ossos e começou a tremer.

— Recai sobre você a acusação de participar das detestáveis artes de bruxaria e feitiçaria. Você executou, criminosa e maliciosamente, trabalhos malignos contra seus companheiros cidadãos, testemunhados por estes bons cidadãos que se reuniram aqui para prestar depoimento...

Os homens e mulheres na multidão concordavam, sussurrando uns aos outros e apontando para Norman com uma expressão desconfortável de triunfo.

— Não — sussurrou Norman. — Eu não fiz nada.

— Você fez. Por meio deste júri de sete semelhantes que receberam esse poder de nosso soberano, Rei James, considerou-se sua a culpa de todos os graves crimes aqui enumerados... — continuou o juiz.

— Não, por favor! Vocês estão cometendo um erro... — sussurrou Norman.

Sua voz não saía mais alto que um sussurro. Ele estava tremendo tanto que seus dentes batiam uns contra os outros.

— ... e cai sobre você, de acordo com seus terríveis crimes, a punição de morte por enforcamento.

Norman virou-se na direção oposta para evitar o olhar faminto da multidão e permaneceu olhando para trás, chocado com o que via atrás dele.

Uma garota com cerca da sua idade, com o cabelo tão preto quanto o dele, os pulsos e canelas acorrentados, os olhos fixos no chão. Porque essa criança estava aqui, acorrentada? Será que ela era parente da velha mulher que a cidade pensava que fosse uma bruxa?

— Agatha Prenderghast, você está sentenciada à morte!

— Não! — gritou a garota, olhando para cima, os olhos azuis brilhando. — Eu não fiz nada de errado!

Norman prendeu a respiração, incrédulo. Essa era a pessoa julgada por bruxaria? Essa delicada garotinha com brilhantes olhos azuis? Essas pessoas certamente não podiam ser tão monstruosas.

O juiz Hopkins levantou-se, expondo toda a sua altura ameaçadora e andou até a garotinha.

— Você nega, então, que declarou ter falado com os mortos?

Norman podia ver que o pequeno rosto pálido de Agatha estava sujo de lama e marcado por lágrimas. Era verdade, então: a bruxa de Blithe Hollow era apenas uma pequena garotinha. Norman sentiu vontade de vomitar. *Como puderam fazer isso?*

— Eu só falo com eles porque eles falam comigo! — gritou ela. — Deixem-me!

— Você desafiou nosso código moral e arriscou condenar as almas de todos os bons homens e mulheres de Blithe Hollow. Por isso, pagará com sua vida! — declarou o juiz. — Peguem-na!

— Não! Deixem-na em paz! Ela não fez nada! Não toquem nela! — gritou Norman.

Um homem gordo foi até a garota e passou andando com ela *através* de Norman. Ele agarrou a garotinha pelo braço.

— Deixem-me em paz ou vocês vão se arrepender! — gritou a garota. — Vou fazer vocês se arrependerem!

O homem começou a arrastar a garota pelo salão e a multidão apertou-se para segui-la. Norman tentou ir atrás deles, mas desequilibrou-se como se o chão balançasse sob seus pés. O salão começou a girar e a garota e a multidão começaram a virar névoas num redemoinho escuro.

— Vou pegar todos vocês! — gritou a garota. — Vocês vão pagar por isso para sempre! *Para sempre!*

A sensação dolorosa e quente de fumaça encheu os pulmões de Norman e suas pernas cederam. Ele bateu forte contra o chão, os olhos fechados. O salão ficava cada vez mais quente e o cheiro da fumaça dominava tudo. Ele sentiu alguma coisa cutucar seu braço e abriu os olhos. Os sete peregrinos, aqueles que estavam sentados à mesa e consideraram Agatha Prenderghast culpada de bruxaria, estavam ao seu redor. Mas não eram memórias nem fantasmas.

Eram como mortos entre os vivos. Agatha os amaldiçoara e agora eles estavam assim, apodrecendo horrivelmente, cheirando à morte e incapazes de comunicar nada além de terror.

Mas Norman não tinha mais medo deles. Ele se sentou.

— Como vocês puderam fazer isso? — pergun- tou ele. — Ela era uma criança! Ela não fez mal a ninguém! E vocês a mataram! Uma criança!

O juiz Hopkins passou pelo grupo e aproximou-se ameaçadoramente de Norman.

— Tudo bem! — rebateu Norman. — Eu não tenho mais medo de vocês. Vocês querem matar outra criança? Vamos lá! Matem!

O juiz inclinou-se mais perto de Norman, que não conseguiu deixar de recuar diante do fedor e do tom amarelo-esverdeado da pele do rosto dele.

— Ajuuuuuude-nos... — sussurrou o juiz.

Norman ficou paralisado, confuso e zonzo por causa da fumaça que contaminava o ar.

— Ajudar *vocês*? — perguntou ele.

— Ela está brava — disse o juiz. — Os outros, eles leram o livro para ela, até que ela dormisse.

Os outros. Seu tio-avô Prenderghast e seus ancestrais.

— Bem, isso não está funcionando mais — disse Norman. — Ela não está só brava. Ela está numa fúria descontrolada por causa do que vocês fizeram com ela. Eu não sei se alguém pode impedi-la agora. Ela pode tomar toda a cidade de Blithe Hollow desta vez.

O juiz morto baixou a cabeça. Os outros seis zumbis balançaram a cabeça em desespero, gemendo.

— Por que fizeram isso? — perguntou Norman.

— Ela nos assustou — respondeu o juiz. — Ela comunhou com aqueles que não estão mais vivos.

— E daí? — perguntou Norman. — Eu estou fazendo isso nesse exato momento. Estou falando com vocês e vocês não estão mais vivos.

Quando disse isso, Norman percebeu que era verdade. Aparentemente, ele podia falar com mais seres além de fantasmas.

O juiz pareceu ficar envergonhado.

— Nós não entendíamos — disse ele. — Ela não se comportava como todos os outros. Pensamos que a diferença dela fosse um perigo. Pensamos que ela era mais poderosa.

— E era mesmo — disse Norman. — Olhe o que ela conseguiu fazer com vocês.

O juiz apertou as mãos ossudas.

— Ajude-nos! — implorou ele. — Por favor, nos diga o que fazer!

Norman não achava que o juiz e seus amigos zumbis mereciam ajuda. Eles se juntaram contra alguém que nunca tinha feito nada de mal contra eles e a atacaram do pior jeito possível. Eles eram os valentões de antigamente e faziam com que Alvin e seus capangas parecessem gatinhos inofensivos.

Mas aquele ciclo tinha que parar de algum jeito. Não pelos zumbis, mas para que Agatha finalmente pudesse ficar em paz.

— Eu sei que vocês a levaram para o Morro da Maçaneta — disse Norman. — Eu preciso que me mostrem exatamente onde a enterraram. Eu preciso ir lá e falar com ela.

Os zumbis se encararam, nervosos.

— Não se preocupem — disse Norman, levantando-se e tirando a sujeira das calças jeans. — Eu vou ajudar vocês.

****

No saguão principal da Prefeitura, o velho teto de madeira coberto de chamas despencou no chão com um estrondo.

— Aqui embaixo! Rápido! — gritou Mitch, arrastando Courtney e Neil pelas roupas até a enorme mesa de carvalho da recepção.

— Tem lugar para Courtney do meu lado — berrou Alvin, já encaracolado embaixo da mesa.

Ele deu outro grito quando Neil, e não Courtney, se apertou ao lado dele.

— Mitch Downe, apesar dos seus esforços heroicos de nos salvar, nós podemos, tipo, morrer hoje à noite — disse Courtney, agarrando o braço musculoso dele. — Esta pode ser a última chance que eu tenho de falar com você sobre os meus sentimentos.

— Hum, a não ser que voltemos como zumbis. Então, tecnicamente, você teria mais tempo — explicou Mitch.

— Bem, talvez, mas...

— Alguém está descendo a escada! — gritou Neil.

— Zumbis! — berrou Alvin, tentando puxar Neil para a frente dele como, um escudo.

— Espere! Estou vendo Norman! Eles estão com Norman! — gritou Courtney, saindo de debaixo da mesa. — O que ele está fazendo?

Norman estava andando no meio dos zumbis, a boca e o nariz cobertos pela manga da blusa para evitar a fumaça. Ele estava cercado por sete zumbis com trajes rasgados, que balançavam e cambaleavam através da fumaça em direção à porta.

Outro raio violento desceu do teto como um pêndulo, acertando o que restava da porta da frente com uma explosão de faíscas. A porta foi despedaçada.

— Vamos, agora! Vamos! — gritou Mitch.

O grupo correu pela porta para o lado de fora, descendo pela lateral da escadaria, misturando-se à multidão no momento que Norman e os zumbis apareciam, enquadrados pela luz avermelhada e nuvens de fumaça.

A multidão suspirou como se fosse uma única pessoa e deu um passo para trás. A xerife Hooper deu um passo à frente, segurando a arma com a mão trêmula e gesticulando ao falar com os zumbis.

— Você, aí! Pare onde está! Eu não me importo que você esteja morto! Vou atirar em você se precisar!

Norman abriu caminho e colocou-se na frente dos zumbis com as mãos para cima.

— Não, você não vai! — gritou ele.

A multidão pareceu ainda mais assustadora de perto do que Norman pensou que seria. Mas ele permaneceu ali, fazendo contato visual com o maior número de pessoas possível, tentando relembrá-los que estavam todos juntos nisso.

— É o Norman! — gritou uma voz alta e ansiosa, que Norman imediatamente reconheceu como sendo a voz de sua mãe.

Um estrondo de trovão explodiu lá em cima como um ataque de riso demoníaco.

— Ele está no comando! — alguém gritou. — Peguem!

— Enforquem! — gritou outra voz.

— Ei, podem parar com esse tipo de conversa! — gritou a xerife Hooper. — Nós somos pessoas civilizadas aqui. Nós não enforcamos mais as pessoas.

Finalmente, uma pessoa que não estava louca.

— Então, queimem! — gritou outra voz.

Norman escutou a voz da mãe no meio da multidão.

— Dá pra vocês pararem de ser uma multidão enfurecida por um segundo?

A fala foi seguida pela voz do pai, gritando:

— Filho, afaste-se dos zumbis!

Norman viu então seus pais se afastarem da multidão, gesticulando para que ele descesse em direção a eles.

— Não! — gritou Norman.

— Chega de papo furado! — gritou Crystal, ainda brandindo sua arma. — Temos que pegá-los *antes* que eles nos peguem!

Isso pareceu o que a multidão esperava escutar. Eles estavam cegos? Será que eles não estavam mais distinguindo crianças de zumbis? A multidão começou a avançar, erguendo suas armas. Em meio segundo, Courtney correu pelos degraus, colocando-se entre a multidão e seu irmão cercado de zumbis. Mitch e Neil colocaram-se imediatamente ao lado dela e, tentando se encolher o quanto podia atrás de Mitch, estava Alvin.

— Parem! — gritou Courtney. — Gente, vamos nos dar as mãos!

Alvin deu um chega pra lá em Neil para ficar ao lado de Courtney. Ele se arrependeu quando percebeu que a intenção dela era criar uma cerca viva entre a multidão e Norman. Bem, se ele morresse segurando a mão de Courtney Babcock teria valido a pena. A multidão parou de avançar. Courtney tinha prendido a atenção de todos.

— Pelo amor de Deus, parece que alguém está prestes a atacar vocês? — gritou ela. — É o meu irmão que está atrás de mim, com esses zumbis. E nesse momento, todos nós precisamos escutá-lo. Eu sei que parece loucura, acreditem em mim, eu também penso assim, mas talvez ele saiba o que ele está falando.

— Durante toda a noite nós ajudamos Norman a salvar vocês da maldição da bruxa — intrometeu-se Neil.

— Isso mesmo, e todos vocês querem queimar e matar e essas coisas. Só queimar e matar! — acrescentou Mitch.

— Cada um de vocês devia se envergonhar! — gritou Alvin, momentaneamente se esquecendo de seu próprio histórico, repleto de humilhação aos inocentes e fracos. — Como ousam?

— São os demônios mortos ali em cima! — gritou a xerife Hooper, balançando um par de algemas.

— Não! — disse Norman.

A multidão ficou em silêncio.

— Eles são apenas pessoas — continuou Norman. — Ou costumavam ser. Pessoas estúpidas que deveriam ter agido diferente.

— Então... Eles não vão nos machucar? — perguntou Crystal, baixando um pouco a arma.

— Não! A maldição não significa que eles machucarão *vocês*. Significa que *eles* serão machucados.

Norman podia ver que a fúria da multidão estava começando a desaparecer. Alguns estavam olhando uns para os outros, envergonhados. Estavam se tornando indivíduos novamente.

— Eles fizeram algo imperdoável — disse Norman, apontando para os zumbis que estavam perfeitamente parados atrás dele. — E estão amaldiçoados por isso. Por isso que são zumbis. Mas isso tem que parar agora. E tem que parar para sempre.

Como se um sinal silencioso tivesse sido dado, as pessoas começaram a colocar as armas no chão. Norman viu o rosto da mãe: ela parecia amedrontada, mas esperançosa. Seu pai estava sério.

Uma garotinha que Norman reconheceu da escola tentou dar um passo a frente, subindo os degraus, com alguma coisa nas mãos. Era um braço. Norman observou enquanto ela, silenciosamente, aproximou-se do zumbi de um braço só. Ela esticou as mãos e lhe devolveu o braço.

Norman suspirou aliviado. Tudo bem. As coisas ficariam bem agora.

Mas o silêncio foi repentinamente interrompido pelo um grito ensurdecedor vindo do céu. Todos olharam para cima. O céu estava vermelho como sangue e as nuvens estavam vivas, girando num enorme redemoinho que parecia ondular e se mexer com inteligência. Enquanto rodava, uma rajada de vento atingiu o tribunal, que ainda estava em chamas. Calibrado pelo vento, o prédio virou uma bola de fogo, com línguas flamejantes escapando para fora.

A multidão se espalhou, aterrorizada, e Norman e Neil desceram correndo os degraus e mergulharam atrás de um carro para se proteger.

— O que está acontecendo? — perguntou Neil. — Você acha que a deixou mais nervosa?

Um raio foi disparado do redemoinho diretamente na praça da cidade, atingindo a estátua da bruxa, rachando-a. Outro golpe de vento fez com que a estátua tremesse na base e momentaneamente flutuasse no ar, antes de espatifar-se nos degraus da Prefeitura em milhares de destroços. O redemoinho continuou pela Rua Principal, soprando as janelas das horrorosas lojinhas para turistas e cortando ao meio o enorme *outdoor* na praça, não deixando nenhum rastro a não ser pedaços de madeira.

Norman levantou-se e andou contra o vento até um grupo, cidadãos e zumbis juntos, que tinham permanecido escondidos e estavam morrendo de medo. Seus pais estavam entre eles.

— Norman! — gritou a mãe dele, atirando-se sobre ele com um abraço esmagador, enquanto Neil e os outros chegavam perto.

— Mamãe, estou bem — murmurou Norman colado ao pescoço da mãe, lutando para se livrar do abraço.

— Então, o que faremos agora? — perguntou Neil.

De repente, todos estavam olhando para ele. Todos esperavam que Norman soubesse exatamente o que fazer. As pessoas estavam finalmente levando-o a sério e escutando o que ele tinha a dizer. E ele não tinha ideia do que falar.

— Eu... Eu realmente não sei — disse Norman.

Porque, falando sério, ele estava exausto. Ele já tinha aguentado tudo.

— Oh, sim, você sabe, Norman Babcock — disse Courtney, rispidamente. — Você tem que ir ao túmulo da bruxa, *tipo*, agora. Antes que ela destrua a cidade inteira.

— Mas...

— Escute aqui, cara! — interrompeu Courtney. — Nós não desistimos quando o Daleridge High estava massacrando nosso time de vôlei, certo?

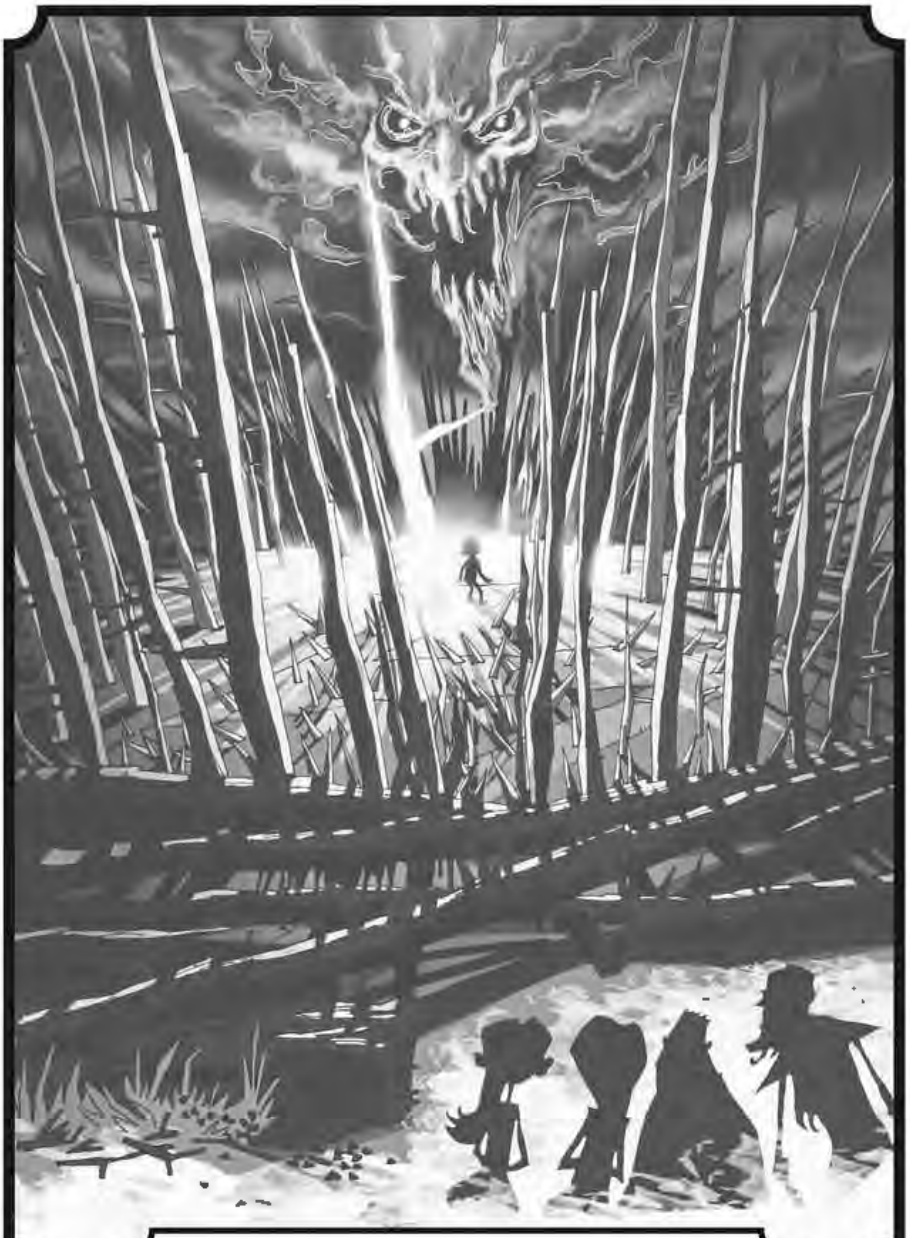
— Eu, hum, na verdade, acho que desistimos, sim — respondeu Norman.

— As animadoras de torcida, não — retrucou Courtney. — Eu torci até quando não tinha mais pelo que torcer, Norman, e eu *não* vou deixar você desistir agora!

Norman encarou a irmã, quase sem acreditar no que estava ouvindo. Sua irmã, a mesma garota que frequentemente o descrevia como o motivo de todas as suas dores, estava torcendo para ele. Torcendo *por* ele. Tipo, na frente de todo mundo.

Norman virou-se para o pai, que podia ou não estar ciente de que o juiz zumbi estava bem ao lado dele, prestando atenção em cada palavra.

— Papai — disse ele, com a voz mais séria que podia fazer. — Posso pegar seu carro emprestado?



Trezentos anos atrás, uma multidão enfurecida de peregrinos tinha enterrado o corpo dela num túmulo não identificado, deixando que a Floresta cobrisse a prova de seu terrível ato.

Capítulo 15

Momentos depois, Perry Babcock ligou o motor de sua perua e começou a andar pela rua, a esposa sentada nervosa no banco do passageiro. Ele olhou pelo espelho retrovisor, esperando que isso fosse apenas uma alucinação provocada por um trauma.

Mas, não. Ainda havia um zumbi dentro do carro.

O juiz morto estava sentado rigidamente entre Courtney e Norman, os olhos encarando o caminho à frente. Muito discretamente, a sra. Babcock tirou um pequeno frasco de perfume da bolsa e borrifou o carro algumas vezes. De vez em quando, o juiz abria a boca e os outros ouviam um gemido gutural. Mas Norman conseguia entendê-lo e agia como tradutor.

— Norman! — disparou Courtney. — Seu amigo está do meu lado do assento!

Norman suspirou e deu um cutucão no braço podre do juiz.

— Ela quer que você vá pra lá — Norman disse a ele.

Um som ininteligível saiu da boca do juiz.

— Eu escutei isso! — gritou Courtney. — Mãããããeee! Diga para o zumbi parar de falar coisas de mim!

— Dá pra você parar de usar a palavra que começa com Z? — rebateu Norman.

— Então colaborem comigo! Eu vou parar esse carro agora mesmo se vocês três não pararem com isso nesse instante! — explodiu o sr. Babcock.

Houve alguns momentos de silêncio e então o juiz emitiu um som sepulcral e baixo.

— Ele disse, "vire à esquerda aqui" — traduziu Norman.

O sr. Babcock suspirou, mas seguiu as instruções.

— Nós já *passamos* por esse caminho — reclamou ele. — Estamos andando em círculos.

— Talvez tenhamos que parar e perguntar para alguém — sugeriu a sra. Babcock.

— Ah, sim! Talvez devêssemos parar num cemitério e desenterrar alguns corpos para pedir orientações!

— Essa não é uma má ideia, querido — respondeu a sra. Babcock, baixando o espelho do carro e checando seu reflexo.

O sr. Babcock balançou a cabeça.

— Eu queria entender você — disse ele.

Norman arregalou os olhos. Ele pensava que era o único membro da família que o sr. Babcock não entendia.

Quando o carro virou a esquina, alguma coisa surgiu diante deles.

— Cuidado! — gritou a sra. Babcock.

Um caminhão, levado pelo redemoinho de vento, estava capotando pela rua, virando como se fosse um brinquedo de criança. O pai de Norman virou o carro para não se chocar com o grande veículo, que quase os esmagou.

A sra. Babcock virou-se espantada para ver o caminhão continuar a rodar pela rua como se fosse uma folha ao vento.

— Cara, que trânsito hoje! — comentou ela.

O juiz virou-se para Norman e deu outro gemido baixo e estranho.

— E agora? — irritou-se o sr. Babcock. — Por favor, não me diga que ele precisa usar o banheiro!

— Vire aqui! — traduziu Norman, apontando. — Bem aqui!

O carro derrapou para fora da estrada e entrou numa estradinha que ia para o meio da floresta. O céu brilhava com um brilho estranho por trás de um enorme redemoinho de nuvens espectrais luminosas, que iam se afunilando na estradinha entre as árvores à frente deles.

— Ai, ai — suspirou a sra. Babcock. — Você acha que é isso?

Norman não respondeu. Ele apenas olhou pela janela. *X marca o lugar certo*, pensou ele. E quando os faróis iluminaram uma enorme árvore derrubada no caminho e o juiz morto pronunciou um murmúrio monossilábico, Norman sabia que não podiam mais continuar de carro. Ele teria que continuar o resto do caminho a pé.

— Eu tenho que sair do carro — disse Norman.

— Por quê? — perguntou o sr. Babcock.

— Porque, papai, eu tenho que chegar até o túmulo dela e falar com ela — explicou Norman, abrindo a porta. — É o único jeito de parar com isso.

Pela primeira vez, seu pai não discutiu.

Do lado de fora do carro, Norman podia escutar as árvores estalando e grunhindo sob a terrível tempestade da bruxa que as massacrava. O juiz ficou ao

lado de Norman e apontou para um lugar coberto com muitos arbustos e galhos. Norman respirou fundo e avançou.

Enquanto abria caminho, galhos e ramos pareciam lhe segurar. Ele conseguia ouvir os outros gritando, mas isso só fazia com que abrisse seu caminho com ainda mais força através do matagal.

Cada vez que Norman se livrava de um obstáculo, outro galho caía na frente dele.

Ela sabe que estou chegando, pensou Norman. *Ela fará tudo para me impedir*.

A poucos passos de onde ele estava, uma enorme árvore foi arrancada pelas raízes e arremessada no chão, atirando contra ele pedaços de terra e tronco. Um segundo após o impacto, ele escutou Courtney gritando o nome dele. Mas seus olhos viram algo adiante, alguma coisa que não era parte da floresta. Entre as árvores agitadas, a estranha luz que tinham visto no céu perambulou, pulsando como se tivesse vida própria.

— Estou bem! — gritou Norman para sua família. — Voltem e esperem no carro. Eu estarei seguro aqui!

Norman pensou escutar seu pai gritar alguma coisa, mas não conseguia saber o que era por causa do vento uivante e o som de centenas de galhos batendo uns nos outros. Norman continuava avançando, ignorando a dor dos galhos batendo em seu rosto e os ramos rasgando suas calças jeans. Quando ele chegou mais perto da luz, o matagal pareceu ficar menos denso e, de repente, Norman estava andando na terra nua. Logo adiante estava uma clareira. E no centro da clareira, os restos de uma árvore morta há muito tempo, com o tronco e os galhos remanescentes grotescamente retorcidos e brancos como ossos. Norman não precisou que o juiz lhe falasse que os restos de Agatha Prenderghast estavam enterrados aos pés daquela árvore retorcida. Trezentos anos atrás, uma multidão enfurecida de peregrinos tinha enterrado o corpo dela num túmulo não identificado, deixando que a floresta cobrisse a prova de seu terrível ato.

A luz amarelada pulsante parecia emanar da própria árvore, saindo de um emaranhado de raízes e pedras no chão. No centro das pedras, os olhos de Norman captaram um movimento. Ele podia distinguir uma pequena forma humana. Foi quando ele percebeu que a pequena luz espectral vibrante e a violenta tempestade não estavam vindo da árvore ou do céu. Estavam vindo da pequena figura encolhida entre as raízes e as pedras.

Norman sentiu o medo penetrar em seus ossos, o tipo de medo que as pessoas

em filmes de zumbis sentem quando estão literalmente convulsionando de terror. Norman nunca tinha sentido tanto medo na vida. Ele respirou fundo e deu vários passos à frente.

— Olá? — disse ele.

Isso não foi uma boa ideia, disse imediatamente uma voz dentro dele. Ele não queria chamar a atenção do jeito errado, nem levar uma facada nas costas. Ou ser decapitado. Ou alguma outra coisa que não fosse boa.

Uma voz surgiu ao redor dele, como se viesse de todos os lados ao mesmo tempo. Vindo de dentro da cabeça de Norman e do lado de fora.

Você não é bem-vindo aqui. Vá embora.

O vento assobiou ainda mais forte, e as árvores tremiam e curvavam-se, aterrorizadas.

— Eu preciso falar com você — gritou Norman.

Vá embora, ouviu Norman de novo. O som da voz parecia perfurá-lo, deixando-o trêmulo e ofegante.

— Não vou embora até eu falar com você — disse Norman.

A cada passo que ele dava em direção à árvore, uma voz dentro dele gritava, *Não! Dê meia-volta e corra!*, como se seu cérebro estivesse na plateia e ele não fosse nada além de um personagem num filme. Um filme muito assustador.

Quem é você?

— Meu nome é Norman Babcock. Você não me conhece, mas eu conheço você. Eu sou seu tatara-tatara-tatara... bem, somos parentes. Somos mais ou menos iguais, eu e você.

Ele avançou mais dois passos enquanto falava, mas ainda não conseguia perceber em detalhes a figura encolhida sob as raízes da árvore. A luz brilhava atrás dela, projetando línguas de fogo que serpenteavam de sua cabeça.

Você não está morto.

— Bem, não — disse Norman.

Ele deu um passo à frente.

Você é um garoto.

— Isso mesmo.

Outro passo pequeno. Pelo menos agora ela estava conversando.

Você não é nada parecido comigo.

Norman pensou cuidadosamente antes de falar. Isso podia acabar de qualquer jeito agora. Ele podia conseguir se aproximar dela, de humano para humano, ou

ele podia fazer com que ela retornasse à tempestade cataclísmica de sempre.

— Eu sei o que você está sentindo — disse Norman, dando outro passo.

Ele podia sentir agora que a tempestade vinha dela. Os raios violentos não eram quentes mas pareciam explodir de tanta eletricidade. O ar estalava e estourava.

Não. Ninguém sabe isso. Ninguém sabe nada sobre mim.

— Seu nome é Agatha Prenderghast.

A luz baixou por um momento, como se alguém desligasse um interruptor e depois ligasse novamente. *Progresso,* pensou Norman.

— E você está cansada. Eu estou cansado, também. É tarde e tem sido uma longa noite e ninguém consegue nos entender. E nós somos apenas crianças. Deveríamos estar em casa, na cama, com um copo de leite morno e uma boa história...

Um raio estrondoso caiu do céu, silenciando Norman.

Eu não vou dormir! Você não vai conseguir me fazer dormir! Eu queimei o seu livro, então nunca mais vou escutar suas histórias estúpidas! Agora, ME DEIXE EM PAZ!

A voz parecia estar quase virando um grito histérico: o som de uma menina mimada que não estava conseguindo o que queria e estava liberando a fúria de uma tempestade. Um galho caiu quebrado à direita de Norman e uma bola de lama passou voando perto de sua cabeça.

— Eu não vou embora. Não, até você me escutar.

O vento pareceu cessar por um momento. Ela estava escutando. Mas ela estava certa: o livro tinha sido destruído. O que ele deveria fazer agora? Inventar uma nova história para contar para ela? Alguma coisa para substituir a história do livro?

— Então, tudo bem, era uma vez uma... uma garotinha — disse Norman.

Estou cansada da mesma história de sempre. Vá embora e me deixe em paz.

Alguma coisa em seu tom de voz estava começando a mudar. Sua voz ainda estava assustadora, projetando-se nas árvore e entrando na cabeça de Norman, mas ela também estava começando a soar como uma criança. *Acho que ela se esqueceu que já foi uma criança um dia,* pensou Norman. *Eu não deveria tratá-la como um monstro. Deveria tratá-la como o que ela é. Uma garotinha.*

— Escute — disse Norman. — Isto não é um conto de fadas. É uma história diferente. Então... A garotinha vivia numa vila, mas ela era diferente de todas as outras pessoas.

Eu não estou escutando. NÃO ESTOU ESCUTANDO. LA-LA-LA-LA-LA-LA-LA-LA...

O som do cantarolar dela quase rachou a cabeça de Norman ao meio, mas ele se deu conta de que era uma atitude bem infantil. Isso significava que ele estava fazendo progresso.

— A garotinha podia ver e fazer coisas que ninguém mais entendia. Isso fez com que ficassem com medo dela.

Eu NÃO gosto dessa história!

— Então ela deu as costas para todos e ficou triste e sozinha. Ninguém a entendia. Ela não tinha ninguém a quem recorrer.

PARE!

Norman já tinha avançado mais três passos enquanto contava a história. Ele podia ver o rosto de Agatha agora: sua face brilhava, fantasmagórica, ainda contorcida de raiva. Podia ver que ela não estava no chão, mas flutuando a alguns centímetros dele.

— Quanto mais a garotinha se afastava das pessoas, mais as pessoas ficavam com medo dela. O medo das pessoas foi crescendo e crescendo, e um dia eles fizeram uma coisa terrível.

Múltiplos arcos azulados de energia estalaram no ar, assobiando e crepitando como cometas. Quando caíam no chão, explodiam em furiosas chamas brancas.

— Eles vieram e pegaram a garotinha. Eles a levaram embora.

Norman deu o passo final e baixou a voz.

— Eles a mataram — disse ele, baixinho.

Não. Não. NÃÃÃÃOOO!

— Mas ela era mais poderosa do que eles imaginavam. E muito brava. Ela jogou uma maldição em todos os que a machucaram. E bem depois, mesmo estando morta, alguma coisa dela voltava.

PARE!

— A parte que voltava se esquecia que era Agatha. Essa parte voltava com raiva e queria vingança. E não foi embora pelos últimos 300 anos.

CALE A BOCA!

— E todos os anos, a parte vingativa se tornava mais forte e a parte que era a garotinha se tornava mais fraca. Mas ela ainda está aí. Você ainda está aí, Agatha.

VOU FAZER VOCÊ SOFRER!

Norman esticou as mãos na direção do espírito flutuante e brilhante.

— Por quê? — perguntou ele, suavemente.

Porque você... porque...

— Porque eles machucaram você e você queria machucá-los também. E todos os anos, quando você acorda, você faz esse jogo cruel. Mas você não está jogando limpo!

Eles me machucaram!

Norman lembrou-se do rosto sujo e marcado pelas lágrimas de Agatha no tribunal e seu coração doeu. Mas agora não era hora de mostrar compaixão. Agatha estava fora de controle. Sua furiosa tempestade galáctica ia consumir a cidade inteira. Palavras doces não iam tirá-la de seu surto de raiva.

— Então você os machuca também.

Eu quero que todos vejam como eles são podres.

— E isso faz com que se torne exatamente igual a eles.

Não sou! NÃO SOU IGUAL A ELES!

— É, sim. Você é uma valentona.

NÃO SOU VALENTONA!

Esse era o momento. Ele tinha que pegá-la agora, tinha que fazer com que entendesse. Norman ergueu a cabeça e andou bem no meio da nuvem de raios.

— Eles fizeram uma coisa horrível com você. Mas isso não lhe dá o direito de fazer a mesma coisa.

Agora que estava no meio da luz, Norman podia ver claramente. Os longos cabelos pretos flutuavam e serpenteavam ao redor da cabeça dela. Seu corpo ondulando com fogo líquido e plumas de luz elétrica projetavam-se dela. Mesmo assim, Norman podia ver o que tinha embaixo daquilo. Mesmo com toda aquela fúria tempestuosa, Agatha ainda era apenas uma garotinha.

— Tudo que restou de você é cruel e horrível! — gritou Norman.

Isso não é verdade!

Norman pisou numa raiz da árvore, ficando perto o suficiente para que Agatha o tocasse. O calor e o fogo queimavam a pele dele, mas ele esticou a mão chegando ainda mais perto dela, apesar de toda a dor que sentia.

— Então, prove! Acabe com isso! Não está certo e você sabe. Agatha, você passou tanto tempo lembrando o que as pessoas ruins fizeram com você que se esqueceu das pessoas boas nesse mundo também. Tem que haver alguém que amou e cuidou de você. Você não se lembra?

Afaste-se de mim! Afaste-se!

Norman esticava-se na direção de Agatha, mas ainda não estava perto o suficiente para tocá-la. Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Lembre-se! — gritou ele.

Então pulou, dentro da luz.

– ...realmente não há como quantificar cientificamente quantas doenças infecciosas um zumbi pode ser capaz de...

Capítulo 16

Norman viu uma brilhante luz branca, visível até mesmo através de seus olhos bem fechados. Então, não viu mais nada.

Quando abriu os olhos, o mundo tinha mudado completamente.

As árvores deformadas, de galhos podres, tinham desaparecido. A terra batida da clareira, também. O vento tinha cessado, a luz, a tempestade, tudo. O céu noturno, também.

Norman estava sentado no chão embaixo de um sol forte. Havia algo quente em sua mão. Cuidadosamente, ele abriu os olhos. O chão da floresta era um tapete verde de grama e flores selvagens e, lá em cima, uma abóboda de folhas douradas, a luz do sol passando por elas. A árvore de Agatha estava jovem e forte, o tronco grosso e saudável, os galhos pesados com folhas e pequenas flores perfumadas.

O ar cheirava a madeira nova, terra fresca e flores. Sua mão, ainda estendida, tocou apenas um dedo da mão de uma garota. Norman não conseguia tirar os olhos da pequena mão branca tocando a sua. Então, devagar, ele olhou para o rosto de Agatha. Seus brilhantes olhos azuis estavam encarando os dele, seu longo cabelo negro caindo suavemente sobre seu rosto.

— Sou Aggie. Eles me chamam de Aggie — disse ela.

Norman balançou a cabeça. Ela era tão pequena. Ela era tão real.

Uma borboleta coloridíssima passou elegantemente por eles. Aggie virou-se para olhar para ela, os olhos arregalados.

— Eu... Eu lembro — Aggie começou a dizer numa voz vacilante. — Eu lembro que minha mamãe me trouxe aqui uma vez. Nós nos sentamos embaixo desta árvore. Ele me contou histórias. Histórias com finais felizes.

Norman balançou a cabeça e sorriu. Ele ainda não queria dizer nada. Ele queria ter certeza de que essa nova e quieta Aggie ia ficar e a bruxa selvagem e vingativa iria partir para sempre.

Aggie franziu a sobrancelha como se fizesse um esforço para se lembrar.

— Mas então... Mas então vieram aqueles homens horríveis. Eles me levaram embora! Eles me levaram embora e eu nunca mais vi a minha mãe!

Um flash de raiva iluminou os olhos de Aggie. Quando a borboleta passou por ela novamente, Aggie fechou ainda mais a cara. Houve um rápido puf e a borboleta desapareceu, e um punhado de pó preto flutuou no ar no lugar dela, momentos antes de cair no chão.

A raiva no rosto de Aggie desapareceu e deu lugar à confusão, então à tristeza, enquanto ela se dava conta de que sua raiva tinha destruído uma coisa bela e inocente.

— Aggie, às vezes as pessoas ficam com muito medo e falam e fazem coisas horrorosas. Todos nós fazemos isso, às vezes. Eu acho que aqueles homens ficaram com tanto medo que se esqueceram de quem você realmente era. Eles a chamaram de bruxa. Mas eu não acho que você seja uma bruxa, Aggie. Não mesmo.

Aggie encarou Norman, os olhos brilhantes pelas lágrimas.

— Você não acha? — sussurrou ela.

Norman confirmou.

— Eu acho que você é apenas uma garotinha com um dom muito especial. E você só queria que as pessoas entendessem isso. — Norman sorriu para Aggie. — Eu sei como é isso. Eu posso falar com pessoas mortas também, Aggie, assim como você podia. E as pessoas são malvadas comigo porque isso as assusta. Até meu próprio pai tem medo de mim às vezes, e isso machuca. Dói quando as pessoas são malvadas comigo só por eu ser quem sou.

Enquanto Norman falava, Aggie pegou delicadamente sua mão. Ele apertou a mão dela.

— Então nós não somos tão diferentes, eu e você — Norman disse a ela.

Aggie concordou.

— Mas e quanto às pessoas que machucam você? — perguntou ela. — Você nunca quis se vingar delas, você nunca quis que elas sofressem pelo que elas fazem?

Norman pensou por alguns instantes.

— Bem, sim, eu penso nisso. Mas de que ia adiantar? As coisas só iam ficar piores. Elas iam revidar com mais força. Mas as coisas melhoram. Não pense que só porque existem pessoas malvadas por aí que não existem pessoas boas. Não pense que você tem que passar por tudo isso sozinha. Eu pensei a mesma coisa. Por um tempo.

Norman pensou em Neil Downe. Ele pensou em Courtney, e Mitch e Salma. Pensou até mesmo em Alvin. Cada um de seu jeito, cada um tinha sido seu amigo hoje.

— Sempre tem alguém por aí que ficará ao seu lado. Em algum lugar. Você tem apenas que deixar que te ajudem.

Aggie fez uma careta e desviou o olhar.

— Minha mamãe me ajudou. Eu quero que ela volte.

Norman olhou para baixo.

— Sinto muito, Aggie. Ela se foi. Ela morreu há muito tempo. Mas eu estou aqui. E eu quero ajudar você.

Uma lágrima gorda rolou pela bochecha de Aggie, e ela mordeu o lábio inferior.

— Aquela história que você estava me contando... — disse ela. — Como termina?

— Acho que é você que decide — disse ele, baixinho.

Aggie piscou entre as lágrimas e olhou para a grama embaixo de seus pés.

— É aqui que me enterraram? — perguntou ela.

Norman confirmou.

— Esse lugar era lindo — disse ele. — Eu acho que é um belo lugar para dormir. E se você fizesse isso, acho que poderia ficar com sua mãe novamente.

Aggie respirou fundo até tremer, então suas pernas amoleceram e ela caiu sentada sobre a grama, chorando. Norman ajoelhou-se ao lado dela, perto o suficiente para que ela soubesse, mesmo com os olhos fechados, que ele estava bem ali. Ela se encolheu de lado na grama, seus soluços sentidos dando lugar a uma respiração mais calma e profunda. Sob a luz manchada de sol, a face dela tornou-se serena, os longos cabelos espalhando-se ao redor dela como se estivesse num travesseiro.

Diante dos olhos de Norman, o ar ficou estranho e fora de foco. Todas as coisas ao seu redor começaram a se dissolver e no lugar delas apareceram bolhas de luz dourada. As órbitas brilhantes giravam em espiral, dançando como num redemoinho de pura luz do sol. Elas giraram para cima numa larga coluna, atingindo o topo das nuvens que ele conseguia enxergar lá em cima. A forma de Aggie dissolveu-se em laços de intensa luz branca e o mundo todo ficou branco ao redor de Norman. Bem distante, um fraco brilho de luz e um trovão abafado, os sons de uma poderosa tempestade que estava acontecendo sozinha e agora estava indo embora. Norman fechou os olhos e mandou um adeus silencioso à Aggie.

Ela estaria segura agora. Tinha ido dormir. Tinha ido para casa.

****

Quando Norman abriu os olhos, era noite novamente. A clareira estava mais uma vez queimada e deserta. A coberta de grama tinha desaparecido e Norman estava sentado numa raiz externa pontuda, que estava branca como ossos e morta, de novo. Norman olhou para cima, para o céu, na direção de onde partira Aggie, com um sorriso triste.

— Durma bem — sussurrou ele.

Então, levantou-se e, sem olhar para trás, tomou o caminho de volta para o carro.

Quando ele escutou uma estranha batida de hip-hop vinda de seu próprio bolso, quase morreu de susto. Então, lembrou-se de que ainda estava com o telefone de Courtney.

— Alô?

— Norman, sou eu — disse Salma. — Estou tentando falar com você há um tempão! Por que você não atendeu o telefone?

— Desculpe — disse Norman. — Eu não escutei. Estava um pouco ocupado.

— Bem, você precisa saber o que está acontecendo na praça da cidade — disse Salma. — Você não vai acreditar nisso.

Norman parar de andar, o coração apertado. Ele realmente pensava que o pesadelo tinha acabado. Aggie tinha se lembrado de quem era e tinha ido dormir para sempre. Não era isso que daria um fim a tudo?

— Fale — disse Norman, cansado.

— Bem, os zumbis estavam todos no centro da praça quando você saiu com seus pais. Todos eles, exceto aquele que estava no seu carro que, aliás, me preocupa, medicamente falando, porque realmente não há como quantificar cientificamente quantas doenças infecciosas um zumbi pode ser capaz de...

— Salma, apenas me conte o que eles estão fazendo! — gritou Norman.

— Calma, já vou — disse Salma, impacientemente. — Eles todos estavam olhando para o céu. Só encarando o céu. Eles estavam ignorando todas as pessoas da cidade. A xerife Hooper gritou algumas vezes, mas eles a ignoraram também. A cidade inteira estava ali, olhando para eles, e eles pareciam não se importar. E agora que o céu está começando a clarear, alguma coisa está acontecendo com eles!

— O quê? O que está acontecendo?

— Eu descreveria como se fosse uma forma de transubstanciação, mesmo

sabendo que esse termo pode ser controverso, e de um ponto de vista puramente subjetivo, alguns preferem chamar de consubstanciação mas, essencialmente... eles estão se transformando.

— Transformando como? — perguntou Norman.

Ele repentinamente se deu conta de que o ar da noite estava gelado e começou a sentir muito frio. Ele começou a andar novamente, o telefone pressionado contra a orelha.

— Eles estão ajudando uns aos outros, pegando o braço um do outro. Não arrancando, quero dizer. Segurando-se, em pé. E suas feições físicas estão começando a se estabilizar. Eu diria que estão passando por uma forma de retroencarnação.

— Uma forma de quê? — Norman podia ver os faróis um pouco distantes e ele começou a andar depressa.

— Eles estão voltando a ser o que eram, com seus corpos, quando estavam vivos. Mas eles... Oh!

— O quê? — perguntou Norman.

— Oh! Uau!

— Salma, o que está acontecendo? — berrou Norman.

— Seus corpos estão se dissolvendo agora, desaparecendo... E eles se tornaram... Fantasmas. Eu posso ver através deles. Eles estão flutuando acima da praça e olhando ao redor. Um deles está olhando diretamente para mim!

— Eles parecem bravos? — perguntou Norman.

— Não — Salma o acalmou. — Nem um pouco. Eles na verdade parecem... Tristes.

Os faróis estavam bem mais próximos agora e Norman podia escutar o som do motor funcionando.

— Espere, Salma, você disse que consegue vê-los? Os... Os fantasmas? *Todo mundo* pode vê-los? — perguntou ele.

— Bem, sim. A cidade inteira está ali, só encarando. Oh, agora eles estão se transformando novamente — continuou Salma. — Eles estão ficando menores. Eles estão flutuando, como pequenos espectros de luz. A brisa está levando todos embora. Oh, Norman, eles se foram!

Norman soltou um suspiro de alívio.

— Escute, Salma, eu tenho que desligar — disse ele. — Mas está tudo bem agora. Você pode sair da delegacia. Os zumbis não vão voltar.

— Tem certeza? — perguntou Salma.

— Absoluta — confirmou Norman. — Salma? Obrigado. Obrigado por me ajudar.

— Não é pra isso que servem os amigos? — perguntou ela.

Norman sorriu.

— É, sim — disse ele. — Até mais.

Ele fechou o telefone e andou o mais rápido que podia, pisando num galho seco que quebrou fazendo um barulho alto.

— Norman, é você? — gritou a mãe dele.

— Sim, sou eu! — respondeu ele, tirando do caminho o emaranhado final de galhos e ramos que estava entre ele e o carro. — Estou bem — acrescentou ele, surgindo diante do brilho das luzes dos faróis.

A sra. Babcock deu um grito quando olhou para o filho. Ela correu até ele e quase quebrou todos os ossos de seu corpo com um abraço bem apertado.

— Meu corajoso homenzinho! — gritou ela. — Eu pensei que ia perder você!

Norman lutou para se libertar do abraço.

— Mamãe, você está me deixando envergonhado — reclamou ele.

Quero dizer, uma coisa era Courtney ver isso, ela era da família. Mas o juiz morto estava ali também e ser acariciado pela mãe na frente de um zumbi fazia com que Norman se sentisse, bem, mortificado.

— É o meu trabalho — respondeu a sra. Babcock alegremente.

Mas soltou Norman.

Ele deu um passo para trás. Todos estavam olhando para ele: sua mãe, com cara de "estou tão feliz que vou chorar", Courtney, com um sorriso inesperado, e seu pai, com uma expressão confusa, como se estivesse vendo Norman pela primeira vez.

— Bom trabalho, Norman — disse Courtney.

Norman esperou pela nota de sarcasmo, que não veio.

— Obrigado — agradeceu ele.

O sr. Babcock andou até Norman e respirou fundo.

— Norman... — começou ele.

Norman se preparou para o que ele sabia que viria.

— Eu... Bom trabalho, filho. O que quer que você precisasse fazer ali, você obviamente fez.

Norman encarou o pai, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir. Será que

seu pai tinha acabado de dizer alguma coisa boa sobre as habilidades sobrenaturais de Norman?

— Então, hum, você acha que podemos sair daqui agora? — acrescentou o sr. Babcock, olhando ao redor nervosamente.

Norman sorriu.

— Acho que sim. Deixe-me perguntar — disse ele. — Juiz? O que você me diz?

O juiz Hopkins deu alguns passos cambaleantes à frente. Seu queixo caiu, abrindo a boca, e ele deu um gemido baixo e áspero. Ele estava encarando Norman. Ele esticou o que restava de suas mãos e balançou a cabeça, acrescentando uma lamúria monossilábica.

— De nada — respondeu Norman.

No momento que essas palavras saíram da boca de Norman, o juiz começou a se desfazer. Suas mãos estendidas e braços foram os primeiros a se desintegrar, virando algo que parecia uma escultura de lama, dissolvendo-se então em rios de cinzas que choviam no chão. Depois que seus braços e suas pernas tinham desaparecido, o resto do juiz esmigalhou-se sobre si mesmo numa chuva de pó. Sua cabeça foi a última: pairou por um momento em pleno ar, os olhos pesarosamente encarando Norman, então a cabeça também escureceu e acinzentou-se, caindo no chão numa pequena explosão de pó. Em seu lugar, estava uma figura perfeitamente formada: o juiz restaurado em sua forma imponente, a não ser pelo fato de estar completamente transparente.

— Uau! — exclamou Courtney.

Norman deu uma olhada em seu pai. O sr. Babcock tinha se colocado praticamente atrás da sra. Babcock. Ele encarava o que tinha restado do juiz com a boca completamente aberta.

A imagem diáfana do homem que tinha sido um juiz pairou por um momento, o olhar triste ainda fixo em Norman.

Antes que o pensamento se completasse na mente de Norman, o juiz literalmente partiu-se em pedaços, que saíram voando na forma de milhares de esferas brilhantes, como se ele não fosse nada mais do que uma faísca queimando no céu.

Norman e sua família ficaram ali e observaram as pequenas esferas de luz viajarem para longe em todas as direções, até desaparecerem.

Norman virou-se para o pai, que ainda estava com a boca completamente

aberta.

— Então, respondendo à sua pergunta, papai — disse Norman. — Definitivamente, sim. Podemos sair daqui agora.

Norman esperou educadamente até se desprender.

Capítulo 17

— Sério, mamãe, papai. Eu prometo que vou ficar bem e estarei em casa em uma hora.

Os pais de Norman estavam dando voltas no carro, encarando-o com uma expressão de preocupação.

— Sério, já acabou tudo! Eu só preciso encontrar meus... amigos. Eles estão na praça da cidade, em algum lugar.

— Norman, foi um dia tão longo — começou a dizer a sra. Babcock. — Eu realmente acho que você devia voltar para casa, onde podemos ficar de olho em você.

— Não, está tudo bem — disse o sr. Babcock. — Ele vai ficar bem, Sandra. Eu acho que nós todos percebemos que Norman pode cuidar muito bem de si mesmo. Sem mencionar que cuidou de todos nós. Mas nós vamos esperar aqui no carro por você, filho.

Norman sorriu.

— Obrigado, papai. Eu já volto!

Ele abriu a porta do carro e pisou na calçada. Antes que pudesse fechar a porta, Courtney saiu atrás dele.

— Eu estava... Quer dizer, você se importa? — ela perguntou ao irmão, mudando o peso do corpo de um pé para o outro. — Se eu, tipo... andar com você?

— Tudo bem — disse Norman. — Courtney está vindo comigo — disse ele, antes de fechar a porta do carro.

Quando olhou para trás, Norman viu que sua mãe o observava ansiosamente pelo espelho retrovisor.

Courtney estava com um olhar fixo nele, enquanto desembrulhava um chiclete.

— O que foi? — perguntou Norman.

— Olhe — disse ela, colocando o chiclete nas mãos. — Eu sei que às vezes parece que eu odeio você, mas eu não odeio, não.

— É, eu sei — disse ele, o que não era completamente verdade.

Às vezes, ele se perguntava.

Courtney rodava o rabo de cavalo em círculos.

— É só que você... você...

Norman esperou que ela acabasse. Ele sabia tudo isso: ele era esquisito, ele era assustador, ele não era popular. Ele já tinha ouvido tudo isso antes. Mas Court- ney estava tentando ser legal, então ele esperou que ela terminasse.

— É que... Por que ela nunca tenta falar *comigo*?

Norman franziu a sobrancelha, confuso por um momento, então descobriu o que ela estava tentando falar. *É isso que a deixa chateada?*, pensou ele, surpreso. *Porque eu consigo falar com as pessoas mortas, ela acha que a vovó gosta mais de mim?*

— Você quer dizer a vovó, né?

Courtney confirmou e tentou sorrir, embora tivesse começado a chorar. Um pouco do delineador começou a descer pelo seu rosto junto com uma lágrima que tinha começado a sair. Norman percebeu que era melhor começar a falar rápido para evitar um desastre ainda maior.

— De vez em quando, ela pergunta de você — disse Norman.

Courtney deu um solucinho que era uma mistura de soluço com uma exclamação de surpresa.

— Sério? Ela pergunta?

— Com certeza! — disse Norman.

— Bem, o que ela diz sobre mim?

— Muitas coisas — Norman contou à irmã, mesmo que as primeiras coisas que lhe vinham à mente não eram necessariamente elogios. — Como, por exemplo, ela acha que você deveria parar de se vestir como uma piriguete.

Courtney deu uma risada, limpando o rosto com a manga da blusa, borrando o rastro de delineador escorrido na bochecha.

— Ela disse isso?

— Disse — respondeu Norman.

Na verdade, era uma das coisas mais legais que a avó tinha dito.

— Isso é muito fofo — disse Courtney, sorrindo para o irmão. — Obrigada por me contar.

— Não tem de quê — disse Norman.

E mesmo que ele já tivesse tido, num dia, surpresas suficientes para uma vida toda, Norman se surpreendeu mais uma vez quando Courtney o agarrou e lhe um abraço tão apertado quanto o de sua mãe.

Norman esperou educadamente até se desprender. Então esticou a mão e limpou o delineador escorrido no rosto de Courtney.

— Obrigada — disse ela. — Agora, vamos encontrar seus amigos.

****

Norman adivinhou que Neil ainda estava em algum lugar na praça da cidade, que estava lotada de gente animada. Ele e Courtney ouviam trechos de conversas quando passavam pelas pessoas.

— Eu realmente não fiz nada, foram os outros — falava a mulher com botas de salto alto no celular.

A xerife Hooper parecia estar tendo uma conversa muito séria com a sra. Henscher.

— Oh, mas não era realmente eu — a sra. Henscher estava dizendo, abanando as mãos para dar ênfase. — Você sabe como é. Você se junta a uma multidão e começa a falar coisas. Eu estava interpretando um papel.

Num banco, Crystal, a dona do bar pistoleira, estava conversando com um cara todo malhado.

— Como disse a animadora de torcida, alguns eram apenas crianças ali. Não que eu já tenha machucado uma alma em minha vida. Sou totalmente pacífica, todo mundo diz.

Courtney olhou para Norman.

— É como se depois de tantos gritos e ameaças ninguém pensa que esteve pessoalmente envolvido — disse Courtney, com desdém.

— Quanto mais as coisas mudam, mais permanecem iguais — murmurou Norman.

— Hã? — perguntou sua irmã, mastigando o chiclete.

— Eu só acho que a mesma coisa aconteceu com Agatha Prenderghast 300 anos atrás. Um grupo de pessoas se juntou contra ela, mas nenhum deles viu naquele momento que estavam fazendo uma coisa errada. Eles só fizeram o que todo mundo estava fazendo.

— De volta ao sétimo ano — declarou Courtney.

Terrível, mas muito, muito verdadeiro, pensou Norman.

Eles andaram por um bando de adolescentes e Norman ouviu a voz grossa e familiar de Alvin saindo do meio do grupo.

— Lutar com zumbis é, tipo, o que eu nasci para fazer. E, claro, eu e o Norman fazemos muitas aulas juntos. Somos praticamente inseparáveis. Melhores amigos. Na verdade, fazemos muitas investigações psíquicas juntos, não investigamos apenas exclusivamente zumbis. Vocês têm que conhecer nosso blog!

Norman sorriu e balançou a cabeça.

— Você e o Alvin são, tipo, melhores amigos para sempre agora? — perguntou Courtney, espiando por cima do ombro de dois jogadores de futebol americano no meio da multidão.

— Essa é nova pra mim — disse Norman. — Mas, ei, se o Alvin quer agir como se fosse meu amigo agora, eu aceito. Apanhar na escola nunca foi uma escolha.

Courtney esticou a mão e agarrou o braço de Norman com toda a força que tinha.

— Ali está ele. Ele vem vindo para cá! — exclamou ela, animada.

O "ele" era, aparentemente, Mitch Downe, que estava, na verdade, marchando até eles com o orgulho e a confiança de um bombeiro.

— Eu estou bem? — sussurrou Courtney, olhando Norman como se implorasse.

— Oh, claro — disse Norman. — Hum, você está bonita... Acho...

Courtney abriu um sorriso incrível, então virou-se e fingiu que Mitch Downe era a última pessoa no planeta que ela esperava ver ali, na pequena e velha Blithe Hollow.

— Oh, oi, Mitch! Que surpresa! Como você está?

— Melhor, desde que os zumbis derreteram, eu acho — respondeu ele. — Eu estou indo me encontrar com uma pessoa.

— Então, tipo — disse Courtney, como se estivessem no meio de uma longa e gostosa conversa. — Eu estava pensando que a gente podia assistir a um filme dia desses... Alguma coisa, tipo, que não seja assustadora?

Mitch estava procurando por alguém na multidão, mas ele virou para olhar para Courtney por um momento.

— Oh, claro, isso parece ótimo, Kathy. Eu aposto que você vai se dar superbem com o meu namorado. Ele não gosta de filmes de terror também. Um filme fofinho seria ótimo. Até!

Mitch saiu correndo para o meio da multidão, acenando entusiasticamente para alguém.

— Só pode ser brincadeira — murmurou Courtney. — Ele não se lembra do meu nome? E namora? Eu devia ter adivinhado... Ele era perfeito demais.

Norman deu um soquinho no braço da irmã, tentando consolá-la e, ao mesmo tempo, percebeu Neil examinando os restos da estátua da bruxa.

— Ah, que bom, ele está ali! — disse Norman.

— Uau! — exclamou Courtney. — Ele não irritava você? E agora você está todo feliz em vê-lo!

— Sim, ele me irritava. E estou feliz — disse Norman. — Vejo você no carro em um segundo.

— Tá — respondeu Courtney, indo na direção dos jogadores. — Até mais!

Norman gemeu. O tipo de influência de Alvin estava se espalhando.

— Ei, Norman!

Norman sorriu e acenou para Neil, correndo até ele. Norman não se importou nem um pouco quando Neil lhe deu um abraço de urso.

— Cara, como eu estou feliz em ver você! — disse Neil.

— Eu também — concordou Nroman.

— Você conseguiu! — exclamou Neil, dando um tapa no braço de Norman. — Você acabou com a maldição da bruxa, fez os zumbis irem embora e salvou praticamente tudo!

Norman baixou a cabeça.

— Acho que sim — disse ele. — Escute, eu quero agradecer. Por me ajudar hoje e tudo. Mas também por me apoiar o tempo todo. Tentando ser meu amigo quando eu achava que não precisava de amigos.

— Tá, eu disse que a gente ia se divertir mais se ficássemos sozinhos juntos — disse Neil. — Salma e eu sempre ficamos. Nós três deveríamos ficar juntos.

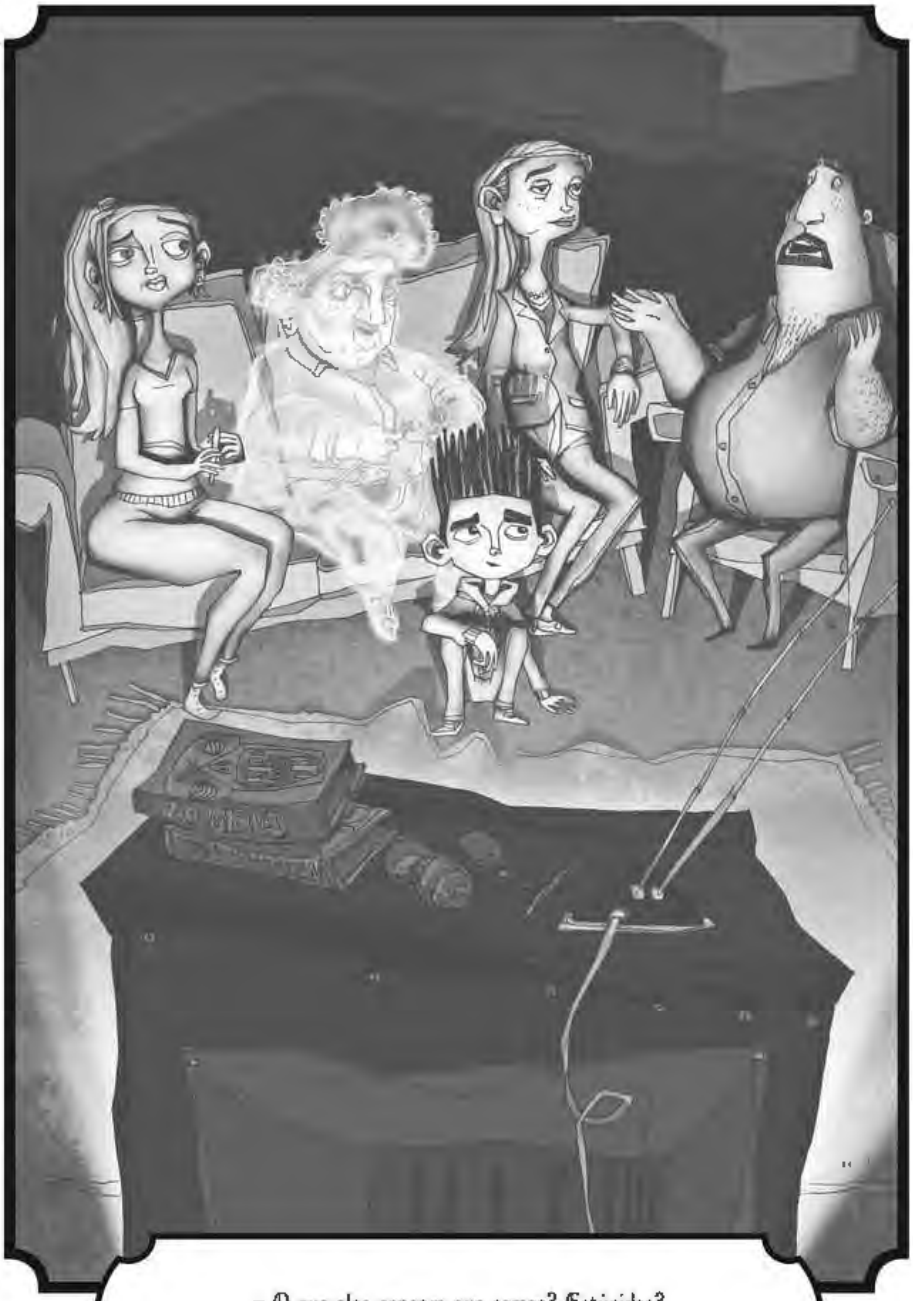
— Com certeza — concordou Norman. — Começando amanhã. Eu meio que disse que ia embora para casa com meus pais.

— Eu também preciso ir. Então você acha que tudo voltou ao normal agora?

Norman olhou ao redor da praça da cidade. Havia lojas com vitrines espatifadas, *outdoors* despedaçados, árvores arrancadas pela raiz e uma nuvem de fumaça saindo da Prefeitura.

— Acho que vamos precisar de um novo "normal" — disse Norman, acenando adeus para Neil.

Sim. Um novo normal. O que quer que fosse isso.



– O que eles pensam que somos? Estúpidos?
Zumbis não se parecem nada com isso!

Capítulo 18

Norman divertiu-se com o noticiário.

CIDADE TURÍSTICA ATINGIDA POR MISTERIOSO TORNADO, dizia o texto sobreposto às imagens dos destroços da Rua Principal.

— Qualquer coisa é menos assustadora do que a verdade — murmurou Norman.

— Oh, isso é um monte de bobagem! — disse o sr. Babcock.

Lá vem ele, pensou Norman, virando-se para olhar para o pai. Mas o sr. Babcock estava apontando para a televisão.

— Não foi tornado nenhum — disse ele. — Que palhaçada! Por que não podem dizer o que realmente aconteceu? Uma maldição de 300 anos caiu sobre um grupo de peregrinos, e zumbis andaram pela cidade e, ontem à noite, tudo saiu do controle até que Norman Babcock deu um jeito em tudo. O que há de tão complicado nisso?

Seu pai deu uma tossida. E daí olhou para Norman.

— Certo, filho?

Vou demorar para me acostumar com essa nova versão do meu pai, pensou Norman.

Mas ele gostava. Um a zero para o "novo normal".

— Eu pensei que sábado era a noite que eles passavam aqueles filmes de terror que você gosta tanto — murmurou o sr. Babcock.

— Ah, é mesmo — respondeu Norman. — Mas a mamãe disse que nós devemos passar um tempo juntos como família hoje à noite. Você, eu, mamãe e Courtney.

— E eu sou o quê? Uma unha encravada? — veio uma voz animada do sofá.

— E a vovó — acrescentou Norman rapidamente, olhando para a voz e murmurando, *"desculpe!"*.

— Bem — o sr. Babcock começou a falar devagar. — Eu acho que podemos ficar juntos assistindo ao seu filme. Eu não acho que essa coisa toda de horror é a minha praia. Mas se você gosta... Acho que eu posso tentar me acostumar com essas

coisas paranormais e tal. Não posso prometer que vou entender todo esse negócio de falar com fantasmas do jeito que você faz. Mas eu... Eu vou tentar.

Norman sentiu um nó na garganta. No sofá, ao lado de seu pai, vovó Babock deu uma piscadinha.

— Obrigado — murmurou Norman.

— Enfim, cadê a Sandra com essa pipoca? — perguntou o sr. Babcock, olhando ao redor.

Bem na hora, a mãe de Norman apareceu com uma grande travessa transbordando de pipoca.

— Papai vai assistir ao filme com a gente — disse Norman.

— Ora, Perry, isso é maravilhoso! — exclamou a sra. Babcock, contente. — O que vai passar hoje à noite, Norman?

Norman olhou para sua mãe por um momento. Ele ainda não conseguia acreditar que alguém ia assistir ao filme com ele.

— O gato comeu sua língua? — perguntou a vovó Babcock. — Você não está feliz que sua família está se interessando pelo seu... *hobby*?

— Eu não sei — respondeu Norman. — Acho que sim.

— O quê? — perguntaram o sr. e a sra. Babcock ao mesmo tempo.

— Não, desculpem, eu queria dizer que o filme se chama *Sinfonia da morte em Detroit*.

— Oh, isso me parece absolutamente fofo — disse a sra. Babcock, sentando-se no sofá e por pouco não acabando no colo da vovó Babcock.

— Não, hoje à noite eu não posso — ouviu-se a voz de Courtney, seguida pela própria entrando na sala.

O ouvido dela estava pressionado contra o celular, e ela estava vestida de pink dos pés à cabeça, e letras fofas na sua camiseta diziam VOCÊ NÃO PODE COMIGO.

— Não, hoje à noite, não. Tenho planos com minha família. Estamos assistindo a um filme com meu irmão, Norman, o cara que, tipo, teve um papo com aquela bruxa e mandou aquele exército de zumbis pros ares?

— Pegue aqui, Norman! — disse o sr. Babcock, dando o controle remoto para o filho.

Ele se sentou no sofá e seu bumbum consideravelmente grande ameaçou esmagar a vovó Babcock.

— Hum, papai? — disse Norman, fazendo um gesto de "vá um pouco para a

esquerda".

O sr. Babcock ficou paralisado por um momento, parecendo duro no espaço bem no meio do sofá.

— Hum, desculpe, mamãe — disse ele.

— Sem problemas, mas você podia pular algumas refeições — respondeu a sra. Babcock.

O sr. Babcock lançou um olhar questionador para Norman, apontando para a pequena área na ponta do sofá.

— Ela disse que não tem problema — respondeu Norman. — E que você vai ficar bem aí.

— Enfim, como eu disse, preciso ir — Courtney estava dizendo.

Ela olhou para Norman, gesticulou que a pessoa do outro lado da linha não parava de falar enquanto revirava os olhos.

— Não, tá, eu pergunto para ele. Tudo bem, então. Até mais!

Courtney fechou o telefone, agarrou uma almofada e jogou-se no chão ao lado de Norman, em frente à televisão.

— Era o Stan Lobotini — disse Courtney. — Um primeiro *quarterback*! É, tipo, a terceira vez que ele liga hoje. Acho que vou sair com ele. Ainda não decidi.

— Por que ela sempre fica com jogadores bobocas? — perguntou a vovó Babcock. — O que há de errado com um estudante premiado para variar? É impressionante como as pessoas simplesmente não conseguem ver nada além de uma camiseta de time.

— Vovó Babcock disse que é impressionante — Norman contou à irmã.

Courtney deu meia-volta para olhar o espaço entre seus pais no sofá.

— Obrigada, vovó! — agradeceu ela.

— E esse gloss é exagerado demais — acrescentou a vovó Babcock. — Ela parece uma metida.

— Acho que está na hora de o filme começar — disse Norman, rapidamente.

— Legal — disse Courtney. — Oh, eu tenho uma pergunta para você, Norman. Stan precisa fazer um trabalho sobre Júlio César para a aula de história e ele quer saber se você pode fazer uma entrevista com ele.

— Hum, não tenho certeza se funciona assim, mas posso tentar — disse Norman.

— Incrível! — exclamou Courtney, deitando-se de barriga e apoiando o queixo nas mãos.

Norman mudou para o canal 486, que recentemente tinha abreviado o nome de Canal de Horror e Terror para TeHor. O filme estava apenas começando: os créditos estavam passando pela tela com letras que pingavam sangue e a música era uma mistura frenética de um órgão e de uma guitarra elétrica.

A sra. Babcock esticou o braço e desligou a luz.

— Por que ela fez isso? — perguntou a vovó Babcock.

— Por que você fez isso? — perguntou o sr. Babcock.

— Clima — respondeu a sra. Babcock. — E faz o filme ficar mais assustador.

— Não, não faz — disse a vovó Babcock.

— Não, não faz — disse o sr. Babcock.

— Shhhh! — pediu Courtney.

— Desde quando a Courtney ficou tão mandona? — perguntou a vovó Babcock.

— Sei lá — murmurou o sr. Babcock.

Norman se virou e encarou seu pai, surpreso. Por um minuto, parecia até que ele tinha escutado a sra. Babcock.

— O que você disse, querido? — perguntou a sra. Babcock.

— Nada — respondeu ele, olhando ao redor e piscando, confuso.

Norman o encarou por um momento, depois virou-se de volta para a TV, um pequeno sorriso nos lábios.

Na tela, um coveiro com grandes olhos esbugalhados estava brandindo uma pá sobre um túmulo marcado por uma lápide antiga e decadente. Ele levantou a pá como se fosse enfiá-la profundamente na terra. A música mudou para uma nota alta e trêmula e o coveiro olhou ao redor nervosamente.

— O que está acontecendo? — perguntaram o sr. Babcock e a vovó Babcock ao mesmo tempo.

— Assistam — respondeu Norman.

Uma coisa estava vindo das sombras diretamente atrás do coveiro. Tinha uma pele branca e círculos pretos ao redor dos olhos. E cabelos verdes.

— O que deveria ser isso? — perguntaram o pai de Norman e a avó, ao mesmo tempo.

— Um zumbi — respondeu Norman.

— Ah, dá um tempo! — exclamou o sr. Babcock. — O que eles pensam que somos? Estúpidos? Zumbis não se parecem nada com isso!

Norman esticou o braço para pegar a pipoca que sua mãe estava oferecendo,

então virou-se para a televisão, aquela luz azul esverdeada caindo sobre o seu rosto, iluminando um sorriso satisfeito e feliz.

O "novo normal" tinha começado.